

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOSÉ FÁBIO BENTES VALENTE

O DUALISMO RELIGIOSO NA FICCIONALIDADE LITERÁRIA
DA SAGA STAR WARS

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 27/11/2019.

VITÓRIA
2019

JOSÉ FÁBIO BENTES VALENTE

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 27/11/2019.



O DUALISMO RELIGIOSO NA FICCIONALIDADE LITERÁRIA
DA SAGA STAR WARS

Trabalho final de
Mestrado profissional
Para obtenção de grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso
Religioso

Orientador: Dr. David Mesquiati de Oliveira

Vitória - ES
2019

Valente, José Fábio Bentes

O dualismo religioso na ficcionalidade literária da saga Star Wars / José Fábio Bentes Valente. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019. x, f. 82; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

Referências bibliográficas: f. 76-82

1. Ciências das religiões. 2. Análise do discurso religioso. 3. Ficção literária. 4. Dualismo religioso. 5. Semiótica. 6. Epistemologia cristã.

7. Cultura pop. - Tese. I. José Fábio Bentes Valente.

II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

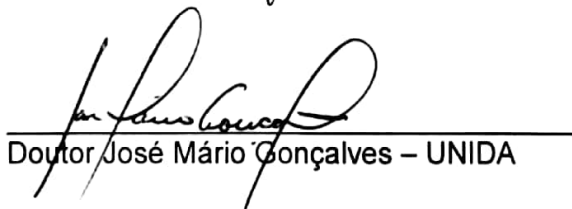
JOSE FABIO BENTES VALENTE

O DUALISMO RELIGIOSO NA FICCIONALIDADE LITERÁRIA DA
SAGA STAR WARS

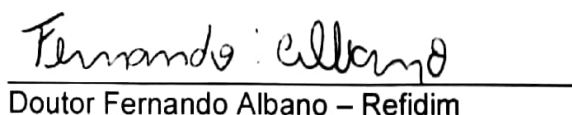
Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA (presidente)



Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA



Doutor Fernando Albano – Refidim



Dedico esta pesquisa a minha esposa Ester Valente, meus filhos Bruno Valente e Isabel Valente, ao meu pai José Amiraldo e minha mãe Maria das Graças, aos meus irmãos Anderson, Emerson, Julho César, ao Wesley (que é maluco), bem como apoio de todos, quer seja direta ou indireta que contribuíram para que esse sonho fosse realizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aquele que tem me dado sabedoria e coragem para jamais desistir dos meus sonhos e metas. A minha família em especial a minha esposa Ester Valente, por estar sempre ao meu lado dando maior *Força* e incentivo para que esse sonho se realizasse, aos meus filhos Isabel Valente e Bruno Valente por terem tido paciência nas minhas ausências. Ao pastor Edivaldo Anastácio e sua esposa pastora Ana Maria e ao Diácono Ronaldo Batista, por sempre terem me incentivado desde o início deste curso a nunca desistir e ir até o final. Aos meus pais Maria das Graças e José Amiraldo por sempre me apoiarem em meus sonhos e projetos. Meus amigos e colegas de curso e em especial ao Elton Eduardo, e o Adiclécio Dias, que compartilharam nesses dois anos sabores e dessabores da vida de mestrando.

A todos os professores do curso e coordenadores da Faculdade Unida de Vitória. Em especial ao meu amigo professor e mestre Fanuel Santos, aquele que durante minha caminhada acadêmica sempre está comigo me orientando e auxiliando em algumas dúvidas que tenho. Ao Professor Mauro Vargas e sua esposa professora Fátima Vargas, docentes da Faculdade Boas Novas/Am., por me terem auxiliado nesse período de mestrado, a estes um carinho especial. Ao meu orientador professor doutor David Mesquiati de Oliveira por me acompanhar nesta pesquisa e incentivar a ir além dos meus limites, propondo ser um interlocutor no diálogo entre a semiótica, epistemologia cristã, cultura pop e a saga *Star Wars*.



“É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com emoções, com medos, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com estas apenas. É preciso ousar para Jamais dicotomizar o cognitivo do emocional”.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre a relação que a ficção literária de Star Wars possui com o dualismo que há no campo religioso. A problemática dessa dissertação envereda-se em analisar qual a relação que a obra possui com o dualismo religioso, destacando-se a figura icônica dos Jedis e Siths, cujas aporias epistemológicas concernente a utilização da Força, quer seja luminosa ou negra, denotam se relacionar aos preceitos dualistas do âmbito religioso. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi do tipo bibliográfica, adotando-se as ferramentas da semiótica, da epistemologia cristã, e da cultura pop, coadunada com as obras literárias de Daniel Wallace, conhecidas como o caminho Jedi e o livro do Sith, pressupostos estes que delimitaram a temática dessa dissertação, devido a extensibilidade literária que essa saga possui. Os objetivos específicos dessa pesquisa são: Identificar as relações que podem haver entre Star Wars, semiótica, epistemologia cristã e a cultura pop; Analisar qual os dualismos religiosos, patentes e latentes que se relacionam com a literatura desta saga; E inferir o que esse dualismo, através de uma receptividade metalinguística, tem a ver com essa obra da ficção científica. Dos resultados esperados, constatasse que a epistêmia que se figura nessa saga literária, pela representatividade de seus agentes, Jedis e Siths, para como o uso da *Força*, suas ações denotam relações estritamente ligadas ao universo dicotômico das religiões, pois essa luta dos contrários, entre o que certo ou errado, do bem versus o mal, do sagrado e o profano, fazem parte do bojo epistemológico das esferas do saber.

Palavras-chave: Ficção literária. Dualismo religioso. Semiótica. Epistemologia cristã. Cultura pop.

ABSTRACT

This research deals with the relation that literary fiction of Star Wars has with the dualism that exists in the religious field. The problem of this dissertation is to analyze the relationship that the work has with religious dualism, highlighting the iconic figure of the Jedis and Siths, whose epistemological aporias concerning the use of the Force, whether luminous or black, denote to relate to the dualistic precepts of the religious sphere. The methodology used in this research was bibliographic, adopting the tools of semiotics, Christian epistemology, and pop culture, in conjunction with the literary works of Daniel Wallace, known as the Jedi Path and the Sith book, which presuppose that delimited the theme of this dissertation, due to the literary extensibility that this saga has. The specific objectives of this research are: To identify the relationships that may exist between Star Wars, semiotics, Christian epistemology and pop culture; Analyze which religious, patent and latent dualisms are related to the literature of this saga; And to infer what this dualism, through a metalinguistic receptivity, has to do with this work of science fiction. From the expected results, it should be noted that the epistemic that appears in this literary saga, by the representativeness of its agents, Jedis and Siths, for how the use of force, their actions denote relations strictly linked to the dichotomous universe of religions, because this struggle of the opposites, Right and wrong, good versus evil, sacred and profane, are part of the epistemological bulge of the spheres of knowledge.

Keywords: Literary fiction. Religious dualism. Semiotics. Christian epistemology. Pop culture.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 01 - Coleção os Segredos da Galaxia, versão brasileira.....	37
Figura 02 - Símbolo da ordem Jedi	41
Figura 03 - Cavaleiro da Ordem Jedi	41
Figura 04 - Símbolo da Ordem Sith	42
Figura 05 - Guerreiro Sith	42
Figura 06 - A regra de dois (Ligação entre mestre e pupilo).....	50
Figura 07 - Processos de transformação de Anakin Skywalker.....	52
Figura 08 - Os três pilares da Ordem Jedi	64
Figura 09 - Cavaleiro Jedi prestando serviço como conciliador	67
Quadro 1 - Os níveis canônicos da UESW e suas especificidades.....	35
Quadro 2 - Os preceitos e as diretrizes do Código Jedi.....	40
Quadro 3 - Os preceitos e as diretrizes do Código Sith.....	42



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 SEMIÓTICA, EPISTEMOLOGIA CRISTÃ, CULTURA POP E A LITERATURA DE STAR WARS	14
1.1 Definição, classificação e suas metodologias.....	14
1.1.1 A Semiótica.....	16
1.1.2 As epistemologias do campo religioso: Teologia e a ciências das religiões.....	20
1.1.3 A Cultura Pop	23
1.2 Congruentes por mais que diferentes	26
1.2.1 A Semiótica e sua correlação com o imaginário.....	27
1.2.2 A epistemologia cristã e seus escopos cognitivos.....	29
1.2.3 A Cultura pop e seu viés metafísico	31
1.3 A Literatura da saga Star Wars.....	33
1.3.1 Star Wars: Sua gênese e expansão	34
1.3.2 Star Wars e sua classificação canônica	35
1.3.3 Star Wars e sua nova composição literária	36
2 DA FICÇÃO PARA A COGNIÇÃO RELIGIOSA	38
2.1 Conceituando a Força	38
2.1.1 Tipificando a Força.....	40
2.1.2 A Força e sua similitude religiosa.....	43
2.1.3 A Força e sua similitude filosófica	45
2.2 Figuras epistêmicas elípticas em Star Wars.....	47
2.2.1 A epistemologia da moral	48
2.2.2 A epistemologia pragmática ou utilitária.....	49
2.2.3 O messianismo em Star Wars	51
2.3 Figuras epistêmicas patentes em Star Wars	53
2.3.1 O livre arbítrio em Star Wars	53
2.3.2 Epistemologia da retribuição	55
3 METALINGUAGENS CONSISTENTES	58
3.1 A Força como dualismo epistêmico.....	58
3.1.1. Compreendendo as tensões cognitivas	60
3.1.2 A epistemologia eclesiástica: Fé ou fideísmo	61
3.1.3 A epistemologia na academia: Ciência ou ceticismo.....	65
3.2 Jedis e Siths: O bem versus o mal	66
3.2.1 Dualismo religioso.....	68
3.2.2 Antagonismos essenciais	70
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS.....	83

INTRODUÇÃO

Essa dissertação, sua proposta prelúdica, está em sugerir a correlação da literatura da saga em *Star Wars*, com a dualismo que há no campo religioso. Neste aspecto adota-se as ferramentas da semiótica, da epistemologia cristã e da cultura pop, para que esse tipo de pesquisa interdiscursiva possa ser concretizado. Devido ao universo de *Star Wars* ser muito amplo, escolheu-se os pressupostos das obras literárias produzidas por Daniel Wallace,¹ a fim de delimitar a temática a ser pesquisada.

Star Wars é uma figura ímpar cinematográfica, que desde sua gênese em meados de 1976, pelo campo literário e depois em 1977 pela tela do cinema, acabam por originar histórias em quadrinhos, brinquedos, jogos e uma infinidade de produtos, além de servir de inspiração para a criação de obras literárias que acabam por coadunar as histórias e ações de seus personagens em analogia as diversas cognições sejam estas: Filosóficas, religiosas, sociológicas psicológicas dentre outras obras do campo cognitivo.

Cabe ressaltar que essa forma imagética da humanidade não há como se dissociar do processo constituinte do *ethos humanus* ao longo de sua história, pois seria inconcebível destituir a formação desse axioma, a produção, bem como o consumo dessas imagens, para assim construir, segundo a ótica moriniana, o “*homo sapiens demens*”,² aquele ser racional composto de bases imaginárias, bem como poesia, cinema, arte e literatura, cujos ideários somam-se a seus epítetos (*sapiens e demens*), que não se excluem e acabam sendo indissociáveis.

A representatividade dessas imagens, imaginações e símbolos corrobora com o diálogo entre semiótica, a episteme religiosa e a cultura pop, pois se utilizam de signos, em seus escopos cognitivos a fim de compor suas cognições. Santaella ao se referir dessa comunicação, e das importâncias dos signos sustenta que “tudo é relativo, pois tudo depende dos signos de modo absoluto, onde houver vida haverá signos”.³

Nesse aspecto a literatura da saga *Star Wars* (doravante LSW), por mais que sua *arché* literária siga princípios basilares unívocos, ou seja, em que as figuras de um signo em si permanecem as mesmas. Nesse sentido, as histórias de formação de seus elementos e personagens centrais como *Jedis*, *Siths*, *Darth Vader*, Mestre Yoda, Luke Skywalker, entre

¹ Quanto a essas obras literárias escritas por Daniel Wallace que estão sendo utilizadas nesta dissertação respectivamente são: *O Livro do Sith: Segredo do lado Negro* (2014), o *Manual do Império* (2015), *O Caminho Jedi: Um Manual Para Estudantes da Força* (2016), todos publicados pela editora Bertrand Brasil.

² Cf. MORIN, Edgar. *Rumo ao Abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 45.

³ Cf. SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos: semiose e auto geração*. São Paulo: Ática, 1995, p. 10.

outros, geram diferentes significados que podem correlacionar os atos desses personagens às diferentes figuras epistêmicas dos campos do saber, seja científico ou popular, devido a multiplicidade de interpretações e as diferentes condições de recepção.

Sendo assim, escolheu-se inferir as epistemologias da semiótica, da religião cristã e da Cultura pop, em relação à literatura da saga sintetizada por Daniel Wallace. Nesse aspecto surge a seguinte problematização do tema: Quais as possíveis relações que podem haver entre essas áreas? Qual o dualismo religioso que pode se relacionar com a literatura em *Star Wars*? E o que essa saga, através de uma receptividade metalinguística, tem a ver com o dualismo?

A fim de responder tais problemáticas propõe-se um diálogo entre semiótica, a epistemologia cristã e a cultura pop, seguindo uma premissa que todas as formas cognitivas modernas se coadunam através da intertransdisciplinaridade. No segundo momento, aborda-se quais as figuras epistêmicas latentes (ocultas) e patentes (visíveis) existem na literatura de *Star Wars*. E por último analisa-se o como essas figuras podem se correlacionar com essa saga, através de um *mote* metalinguístico.

Quanto aos aspectos metodológicos, vislumbra-se pela pesquisa bibliográfica, haja vista que há uma grande extensibilidade de materiais disponíveis, sejam impressos ou no ciberespaço, de diversos campos do saber, sugerindo que a literatura da saga *Star Wars* possa ter inferências análogas com a epistemologia cristã.

Destarte, a proposta desta dissertação, sua delimitação, consistirá em três partes distintas, a saber: No primeiro capítulo irá se conceituar, classificar e apresentar alguns aspectos metodológicos que a semiótica, as epistemologias do campo religioso (teologia e ciências das religiões), cultura pop e a LSW possuem, estabelecendo um paralelismo de igualdades entre essas diferentes esferas do conhecimento, suscitando, como elo epistemológico, que todas as ciências modernas apresentam características de intertransdisciplinaridade em seus arcabouços cognitivos, abordando assim, uma temática de congruência que elas possuem, por mais que cada uma tenha suas empregabilidades e particularidades distintas.

Concernente ao segundo capítulo, buscar-se-á fazer o entendimento do que vem ser a *Força* nessa trama literária, definindo-a, classificando-a e fazendo analogias com princípios filosóficos e religiosos, examinando ainda quais são as figuras epistêmicas elípticas presentes em três possíveis campos epistemológicos: A moral, pragmática e a messiânica, assim como as figuras subjacentes do livre arbítrio e da epistemologia da retribuição, mostrando suas características particulares e suas relações com a saga.

O terceiro capítulo consiste em sugerir possíveis analogias de figuras metafóricas de *Star Wars* com o dualismo que há no campo religioso, enfatizando o embate na luta do bem contra o mal. Essa ação se prefigura em analisar a *Força* como dualismo epistêmico, através de sua ação dicotômica, sobre o viés de um possível embate entre as cognições da igreja e a academia, cuja analogia enfatiza às divergências que há entre *Jedis e Siths*. Por mais que sejam dicotomias distintas, uma caba completando a outra no enredo dessa saga, surgindo nesse caso a figura do *Jedi* cinza, que utiliza tanto o lado luminoso como o lado negro da *Força*, que em contraste com a humanidade contemporânea, sugere a figura de indivíduo híbrido, que sabe tanto utilizar da cognição, que parte de preceitos científicos, como da espiritualidade, que parte de preceitos religiosos.



1 SEMIÓTICA, EPISTEMOLOGIA CRISTÃ, CULTURA POP E A LITERATURA DE STAR WARS

O presente capítulo trata das definições, classificações, e os princípios metodológicos que a semiótica, epistemologia cristã, cultura pop e a literatura da saga *Star Wars* possuem. Concernente ao objeto de estudo desta dissertação e sua relação com essas áreas do conhecimento pesquisadas, nesse primeiro momento é de vital importância para que essa pesquisa possa atingir resultados satisfatórios, conhecer o que cada área tem a propor.

No segundo momento, abordar-se-á como, no contexto da contemporaneidade, as esferas do saber estão cada vez interdependentes, unidas por elos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Nesse sentido, ao sintetizar quais os pontos cognitivos de convergências que há entre a semiótica, a epistemologia cristã e a cultura pop, a abstração, ou seja o campo metafísico acaba se destacando como meio de correlacionar tais áreas do conhecimento à LSW. Por fim, suscita-se uma breve historiografia de quando a saga cinematográfica de *Star Wars* passou a ser uma saga literária, analisando a importância que essa transmutação teve, fazendo com que a franquia ganhasse ascensão e popularidade ao longo dos anos.

1.1 Definição, classificação e suas metodologias

Vivemos em mundo cuja representatividade de imagens e símbolos se fazem constantes no cotidiano das pessoas, seja qual for o campo cognitivo. Com isso se estabelece um diálogo da comunicação entre essas diversas áreas do conhecimento, cujas interdiscursividades ocorrem de forma clara e empírica.

Nesse ínterim, a linguagem do discurso ocorre não só de forma verbal, como também não verbal, por meio das diversas figuras arquetípicas que se criam. Barthes enfatiza que todo discurso segue linhas heterogêneas semióticas, que admitem uma pluralidade de interpretações homogêneas, que serão constituídas e dispostas de diversas mensagens, seja nos filmes, contos, romances, pinturas ou até em fragmentos da conversa do dia a dia.⁴ Neste sentido de maneira abstrata, tal tipo de linguagem acaba estabelecendo um diálogo da comunicação entre essas diversas áreas do conhecimento.

⁴ Cf. BARTHES, Roland, et. al. *Análise Estrutural da Narrativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 20.

Ao descrever a relação entre essas diversas áreas, Iuri Lótman através de seu pressuposto “mecanismo de semiótica da cultura”⁵, introduz na semiótica um modelo parecido com as diversas culturas que se têm no mundo, que Bakhtin chama de troca de “experiência em qualquer sistema”,⁶ ao qual a cultura adapta informações com um intuito de criar modelos de comportamentos, de expressões corporais, fatos do dia a dia em comum, cuja representatividade está em processar, armazenar e transferir informações.

A epistemologia religiosa cristã (teologia) segue pressupostos em que seus ideários axiomáticos têm por parâmetros a união do mítico com o real, da fé com o racional, critério que permanece até os dias atuais, mesmo que muitos teóricos não concordem com tal proposição. Zabatiero afirma que a teologia, sua hermenêutica, ocorre por meio de uma tríade dividida em paradigmas “científicos, racionais e públicos”⁷ concatenando-se com o que Libanio e Murad, de modo diádico, classificam o pensar teológico em: *Auditus fidei* e *intellectus fidei*⁸, explicando assim esse fazer teológico na contemporaneidade.

A cultura pop surge como figura ímpar, através da utilização das mídias, que de modo holístico vem se propagando por seus diversos canais na sociedade, pois na arte cinematográfica há o destaque para a polissemia cultural, que dentre seus vários gêneros, por exemplo, a ficção científica, acaba possuindo uma posição privilegiada, pois sua linguagem de discurso envolve o real e imaginário, contribuindo para a formação de um arquétipo de diferentes interpretações.

Esse *mote*, do imaginário e real, suscitados nos parágrafos anteriores, servirá como ferramenta preponderante nesta pesquisa, a fim de correlacionar a semiótica, a epistemologia cristã e a cultura pop com a LSW, sendo necessário nessa primeira seção suscitar a definição, classificação e aspectos metodológicos que cada campo do saber possui, a começar pela semiótica.

⁵ Cf. LOTMAM, Iuri M. *La semiosfera: Semiótica da la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. v. 1. Valencia: Frónesis Cátedra, 1996, p. 23-29.

⁶ Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 15.

⁷ No que tange essas proposições suscitadas por Zabatiero, a teologia se constrói a partir desses três nuances pós-metafísicos a saber: A Cientificidade, que em síntese trouxe uma linguagem mais científica aos labores teológicos; A Racionalidade, cujo cerne de seus ideários está em dialogar com as demais esferas do saber especializados de modo racional; e a Publicidade com o intuito de oferecer um elo de comunicação das diferentes esferas da sociedade com o fazer teológico, sejam da academia, das comunidades eclesiais, e da sociedade como um todo. Cf. ZABATIERO, Júlio. *Para um Método Teológico*. São Paulo: Fonte editorial; Faculdade Unida, 2011, p. 55-75.

⁸ *Auditus fidei*, consiste no momento da escuta da teologia, ou seja, da fé pelo ouvir, que em suma, seu papel na teologia está em testar a validade das reflexões especulativas, e consequentemente examinar-lhes a coerência; *Intellectus fidei*, consiste no movimento de reflexão especulativa dos dados teológicos, cuja linguagem se torna mais compreensível, a fim de elucidar, certos assuntos debatidos no contexto da teologia a luz da intelectualidade. Cf. LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução a Teologia: Perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 93-96.

1.1.1 A Semiótica

Ao definir a semiótica, Santaella propõe como a ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura. Vindo da palavra grega *semeion*, que significa signo, cujo campo de abrangência semiótico toca todas as áreas do conhecimento⁹, sendo ainda a ciência geral de todas as linguagens, conceito este estabelecido por Ferdinand Saussure, coadunado com Roman Jakobson, conhecida como Semiologia¹⁰, este último termo caiu em desuso por decisão da associação internacional de semiótica.¹¹

A classificação da semiótica, segundo Noth, se organiza em três vieses: A semiótica Peirceana, conhecida como *Semiótica Universal*, cujo estudo se concentra na universalidade epistemológica e metafísica; A semiótica estruturalista, cujo cerne se concentra em signos verbais, sendo alguns de seus representantes: Ferdinand Saussure, Roland Barthes, Lévi-Strauss, Algirdas Greimas. E, por último, a semiótica da cultura, conhecida também como *Semiótica Russa*, que se concentra na linguagem, literatura e outros fenômenos culturais, sendo seus representantes: Iuri Lótman, Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin.¹²

A semiótica estruturalista, em seu aspecto prelúdico, se baseia na *opus domus* de Ferdinand Saussure, conhecida como *Curso de linguística geral*¹³, cujo cerne se atenta aos estudos sobre as ciências das linguagens, chamando-a de semiologia, definindo como ciência geral dos signos, priorizando o lugar da linguística entre as ciências. Frisa-se que tais pressupostos dão pouca atenção as questões da tipologia geral dos signos ou sobre os signos não linguísticos¹⁴, embora esses preceitos tenham influenciado de modo heurístico à semiótica como um todo, a premissa saussuriana constitui um estruturalismo estático, ou seja, “não conseguiu estabelecer um ponto de equilíbrio entre as próprias dicotomias que surgem,

⁹ Cf. SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*: Coleção Primeiros. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, São Paulo, 2003, p. 1.

¹⁰ Semiologia, embora se pareça com a semiótica, diz respeito a uma das áreas da linguística, ou seja, a ciência da linguagem verbal, que se origina em meados do século XX, na Europa, com os postulados de Roman Jakobson e de Ferdinand Saussure, cujos princípios dessa vertente veem o signo com características dicotômicas, ou seja, assumindo um caráter duplo que são a forma (significante) que diz respeito ao que simboliza algo, o conteúdo (significado), o que é indicado pelo significante. Para mais informações sobre a vertente europeia da semiótica pesquisar em: BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. ed. 21. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 8.

¹¹ Cf. NOTH, Winfried. *Panorama da semiótica*. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2008, p. 12.

¹² Cf. NOTH, Winfried. *Handbook of semiotics: Advances in semiotics*. Indiana: Indiana University Press, 1990.

¹³ Esta obra de Ferdinand Saussure, só veio a ser publicada após dois anos de sua morte em 1915, sendo-a resultado de compilações de ensinamentos de Saussure na universidade de Genebra, a qual a *posteriore*, mesmo depois dessa publicação, a mesma só foi reconhecida em meados de 1927, vindo a ganhar posição de destaque. Cf. HENAULT, Anne. *História concisa da Semiótica*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 21.

¹⁴ Cf. NOTH, Winfried. *A Semiótica no Século XX*. São Paulo: Annablume 1996, p. 81.

sendo: ‘sincronia, diacronia, ou a mutabilidade e imutabilidade’¹⁵, que acabam engessando suas bases metodológicas”.¹⁶

Nesse interim, no ano de 1966, Algirdas Greimas propõe o modelo estruturalista dinâmico, cujos princípios axiomáticos seguem a análise estrutural das narrativas saussuriana, em sua obra conhecida como *Semântica Estrutural*, cujo princípio analisa a semântica da estrutura de textos¹⁷, caracterizado pela tríade conhecida como: Superficiais, sendo a estrutura organizacional do discurso; Frásticas, compreendida como a análise dos constituintes das frases; e, por último, Interfrásticas, princípio no reconhecimento que o discurso é regido por todas as espécies de regras lógico-semânticas.¹⁸

A semiótica universal é desenvolvida pelos postulados de Charles Sanders Peirce¹⁹, em sua obra intitulada de *Semiótica*, Santaella afirma que a “semiótica é caracterizada como uma ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura, cuja expansão se equipara ao crescimento do ‘próprio cérebro humano’²⁰, e as realidades dos signos estão em uma evolução contínua e constante na sociedade”.

Santaella, definindo essas características da onipresença inalienável, afirma:

Todos os processos de comunicação de qualquer tipo, ordem espécie, tanto no universo biossociológico das humanidades, quanto dos animais e também no mundo das máquinas inteligentes, até em qualquer outro mundo que possamos imaginar no qual ocorram processos comunicativos [...] tudo é relativo, pois tudo depende dos signos de modo absoluto, onde houver vida haverá signos.²¹

Utilizando essas definições, Peirce estabelece que a semiose é formada de uma tríade composta de signos, objeto e intérprete, interdependentes. Neste aspecto tais premissas acabam formando uma semiose genuína²², sendo que a cultura se torna fruto dessa semiose, ou seja na ação do signo, tendo o devido entendimento de que “o trabalho fundamental da

¹⁵ Tais termos dicotômicos utilizados por Saussure e que definem o escopo de grande parte de seus postulados, no que tange os estudos da linguagem. Para mais informações consultar em: SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

¹⁶ Essa insuficiência desse tipo de modelo diádico do signo linguístico saussuriano, acaba não levando em consideração a maneira com que cada sujeito internaliza e interpreta o signo. Cf. NOTH, 1996, p. 47.

¹⁷ Esse modo de interpretação do signo e do processo de significação por um viés pessoal e atípico de tal forma que seus estudos se tornaram o cerne da escola semiótica Francesa, a escola de Paris. Cf. NOTH, 1996, p. 161.

¹⁸ Cf. GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o Sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 126.

¹⁹ Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) é considerado o pai da semiótica moderna, dedicou-se às mais diversas áreas da ciência: matemática, física, astronomia, química, linguística, psicologia, história, lógica e filosofia. Foram tantas às áreas devido ao fato de que seu talento o destinava para a lógica, mais propriamente à lógica da ciência. Nas diversas áreas das ciências, buscava o conhecimento dos métodos e dos fundamentos lógicos subjacentes a eles, sendo a chave de sua semiótica pensada como uma lógica em um sentido muito amplo. Para uma compreensão maior sobre o assunto, pesquisar em: SANTAELLA, 1995, p. 15-20.

²⁰ Cf. SANTAELLA, 1995, p. 18.

²¹ Cf. SANTAELLA, 1995, p. 10.

²² Cf. PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 45-54.

cultura está em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem”.²³ Nesse processo se cria modelos e linguagens na cultura, que podem ser sintetizadas em linguagens artificiais, da ciência, e linguagens secundárias, da cultura, como por exemplo o mito, a religião, o cinema, a televisão, a moda, entre outros.²⁴

Quanto à semiótica da cultura, seu surgimento ocorre em 1960, na Estônia, por um grupo de pesquisadores²⁵ cujo objeto de estudo se concentrou no papel da linguagem como representação cultural, “essa linguagem se torna o elo que une domínios diferentes da vida do planeta”²⁶, procurando entender todas as formas de linguagem que vão além do contexto social, da expressão e de todas as formas de vida.

Nisso ponderam sistematizar uma metodologia que via o mundo das representações além da língua, pois tais “expressões fazem parte de um conglomerado sígnico que vai além da codificação gráfico visual do alfabeto verbal”²⁷ e a cultura, de modo sistêmico, se realiza por diferentes vieses: o visual, o sonoro, o gestual, entre outros. É interessante destacar que, para essa escola, a cultura, como uma “inteligência coletiva”²⁸, molda a dinâmica da vida social, cujas considerações fenomenológicas acabam influenciando sobre a consciência de um modo coletivo.

Convém suscitar que os pressupostos de Iuri Lótman corrobora metodologicamente a explanação dos processos semióticos, bem como a leitura dos sistemas de signos, que se pode encontrar na cultura, sendo chamado por ele de *mecanismo semiótico da cultura*.²⁹ Muitos autores, ao comentar sobre a teoria lotminiana, conceituam-na como *semiose*, termo que possui posição de destaque na semiótica anglo-saxônica Peirceana.

Estabelecidos esses limiares basilares quanto ao conceito da semiótica, bem como sua classificação e aspectos metodológicos, todos têm como objeto investigativo o signo, que, a fim de estabelecer uma cosmovisão geral, Noth chama de uma *visão pansemiótica do mundo*, ou seja, o mundo inteiro está permeado de signos, cuja derivação se reveste de um caráter universal. Sobre isso, Peirce afirma:

²³ Cf. LOTMAN, Yuri; USPENSKII, Boris; IVÁNOV, V. *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Horizonte, 1981, p. 39.

²⁴ Cf. LOTMAN; USPENSKII; IVÁNOV, 1981, p. 45.

²⁵ Sobre esse grupo de pesquisadores seus representantes são: Vladimir Ivanov, Piatigórski, Toporov, Boris Uspiênski e Iuri Lotman. Cf. MACHADO, 2003, p. 09.

²⁶ Cf. MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica: A experiência de Tartú-moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: FAPESP, 2003, p. 25.

²⁷ Cf. MACHADO, 2003, p. 13.

²⁸ Cf. ARÁN, Pampa; BAREI, Silvia. *Texto, Memoria, Cultura: El pensamiento de Iuri Lotman*. 2 ed. Córdoba: El Espejo, 2006, p. 46.

²⁹ Cf. ARAN; BAREI, 2006, p. 52.

O homem denota qualquer objeto de sua atenção num momento dado. Conota o que conhece ou sente sobre o objeto e é também a encarnação desta forma ou espécie inteligível; o seu interior interpretante à memória futura dessa cognição, o seu 'eu' futuro ou uma a outra pessoa a qual se dirige, ou uma frase que escreve, ou filho que tem [...]. Nunca esteve em meus poderes estudar qualquer coisa, matemática, ética, metafísica, gravitação, astronomia, psicologia, fonética, economia, a história da ciência, jogo de cartas, homens e mulheres, vinho, metrologia, exceto como um estudo de semiótica.³⁰

Nota-se que a semiótica está ligada não só às características antropológicas, ou seja, do *ethos humanus*, mas à todas as áreas da cognição humana, que ultrapassa todas as barreiras, indo para o campo da fenomenologia. Esse aspecto da semiótica se caracteriza pela análise das experiências, livre de pressupostos ou de qualquer forma de julgamento que dividam esses fenômenos em certos ou errados, falsos ou verdadeiros e reais ou ilusórios.

Quanto a esse aspecto fenomenológico da semiótica peirceana, no que tange a experiência, há três características³¹ que Santaella³² e Noth³³, chamam de *Três Categorias Universais*, pressupostos de Peirce, denominados como *Três Categorias do Pensamento e da natureza*.

São eles: Primeiridade (*firstness*), secundidade (*secondness*) e terceiridade (*thirdness*). Esse axioma triádico defendido por Peirce é chamado de Faneroscopia,³⁴ em que a primeiridade é definida como a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. De modo sucinto, é a impressão inicial do fenômeno expressa por emoções, sentimentos e sensações em que o mundo exterior acaba sendo estimulado pelo mundo interior.

Secundidade é quando um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer, sendo a categoria da comparação, da ação do fato, da realidade e da experiência no tempo e espaço. Tais elementos se baseiam na ação e reação da mente, quando a mesma entra em choque com o que recebe e reage instintivamente a tudo.

³⁰ Cf. NOTH, 2008, p. 62.

³¹ Quanto a essa tríade fenomenológica, a mesma se refere a semiótica universalista estadunidense peirceana, ao qual há o viés diádico, europeu, conhecida como semiótica estruturalista, cujo cerne de seus postulados se concentra em signos verbais, sendo alguns de seus representantes: Ferdinand Saussure, Roland Barthes, Lévi-Strauss, Algirdas Greimas, e a semiótica da cultura, conhecida também como semiótica russa, a qual seus postulados se concentram na linguagem, literatura e outros fenômenos culturais, sendo que seus representantes são: Iuri Lótman, Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin. Para mais informações consultar em: NOTH, Winfried. *Handbook of semiotics: Advances in semiotics*. Indiana: Indiana University Press, 1990.

³² Cf. SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.

³³ Cf. NOTH, 2008, p. 77-91.

³⁴ Entende-se por Faneroscopia como sendo Fenomenologia, cuja proposição de Peirce, a classifica como sendo um fenômeno ou *faneron* e que se entende como o total coletivo de tudo o que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isso corresponde ou não a qualquer coisa real, ou seja, algo em que a experiência externa força sobre nossa atenção. Para um estudo mais detalhado sobre a questão da fenomenologia Peirceana, consultar em: PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo. Perspectiva. 2005, p. 24-37.

Terceiridade é a categoria da mediação do hábito, da memória, da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos, ou seja, a mente acaba sintetizando o que lhe foi apresentado e assim, representando o mundo através da união de vários signos para se servir-se deles na interação com seus pares.³⁵

A fim de ratificar esse aspecto fenomenológico peirceano, o signo representa em sua essência o que vem ser a semiose, pois tem um efeito cognitivo sobre o intérprete, que segue uma sucessão infinita e ilimitada de interpretações, cuja conjectura formará assim uma semiose infinita³⁶, “gera um *locus* relativista de sentido, sendo-o incompleto que depende da trama do discurso”.³⁷

Portanto, a semiótica nos tempos atuais vem se destacando cada vez mais, seja por sua versatilidade, de se encontrar em todos os campos de atuação, “chega a cobrir a vida, indo desde a culinária até a psicanálise”³⁸, ou por suas bases axiomáticas, que têm por função descrever, analisar a natureza específica de cada campo de atuação quanto a sua praticidade e sua empregabilidade.

1.1.2 *As epistemologias do campo religioso: Teologia e as ciências das religiões*

Ao abordar as epistemologias do campo religioso, surgem como áreas motrizes desse campo a teologia e as ciências das religiões. Para fins metodológicos, esta seção, em seu primeiro momento, se definirá o que vem ser a teologia, fazendo-se necessário partir de dois pontos de vista, pois há pessoas que veem a teologia como uma ciência ligada ao meio acadêmico, cuja metodologia cognitiva procura a imparcialidade através de argumentos racionais, empíricos e científicos, e há outras por quem ela é compreendida por uma perspectiva eclesiástica, cujos parâmetros de cognição estão pautados na fé. No momento

³⁵ É interessante destacar que esse último pressuposto, a ação do signo é definida como semiose, em que Santaella afirma: “É justamente a terceira categoria fenomenológica (crescimento contínuo) que irá corresponder à definição de signo genuíno como processo relacional a três termos ou mediação, o que conduz à noção de semiose infinita ou ação dialética do signo. [...] Peirce definiu essa relação como sendo aquela própria da ação do signo ou semiose, ou seja, a de gerar ou produzir e se desenvolver num outro signo este chamado de interpretante do primeiro”. Cf. SANTAELLA, 1995, p. 18.

³⁶ Sobre a semiose infinita, Peirce em seus pressupostos argumenta que “cada signo cria um interpretante, que por sua vez, é o *representamen* de um novo signo, na qual a semiose resulta numa série de interpretantes sucessivos”, nota-se assim que esse processo contínuo da semiose, está ligado com a vida cotidiana, em que tal forma do pensar moderno está associado com o diálogo e as formas, diversas formas pensar constantes, bem como envolvem as transformações que estão acontecendo no cotidiano de diferentes áreas da sociedade. Para mais informações consultar: Cf. SANTAELLA, 1995, p. 118-119.

³⁷ Cf. BERTRAND, Denis. *Caminhos de Semiótica Literal*. São Paulo: EDUSC, 2003, p. 21.

³⁸ Cf. SANTAELLA, 2003, p. 3.

seguinte, suscita-se a definição de ciências das religiões, seus aspectos metodológicos e as aporias que surgem entre essa cognição e a teologia.

Lacoste, de forma bem sintética, mas ao mesmo tempo holística, conceitua a teologia como sendo uma reunião de discursos e doutrinas concernente a Deus e suas experiências ao longo do processo histórico do cristianismo, a qual se agrega entre o *logos* da cognição grega e sua remodelação para o conhecimento cristão e a experiência judaica.³⁹

Quanto a seu aspecto etimológico, Libanio, Murad⁴⁰ e Zabatiero⁴¹, argumentam que a teologia vem da união da palavra *theos* (Deus) e *logos*, que significa “estudo, discurso raciocínio”, sendo uma disciplina cujo cerne de sua atividade prioriza o seu relacionamento com o transcendente com os seres humanos que, em sentido específico, se aplica ao cristianismo, em sentido mais amplo, aplica-se para qualquer religião.

A origem do termo, remonta à época de Platão na Grécia clássica, assim como seu sucessor, Aristóteles, a entendiam como a descrição do mítico, podia ter um significado pedagógico e benéfico ao Estado, ou seja, essa explicação acerca dos deuses e seus atos ora lendários, ora filosóficos, tornada uma influência, o que se prefiguraria na teologia, no cristianismo, a um tempo posterior.⁴²

Sendo assim, a teologia segue esses pressupostos, que têm por parâmetros a união do mítico com o real, da fé com o racional, tipo de critério permanecendo até os dias atuais, ocorrendo assim um relacionamento da religião com as demais formas de pensar, ou seja, há assim uma harmonia da natureza, história e os processos epistêmicos com a razão e a lógica.

Esse viés de harmonia entre a fé e a razão, segue um ideário que teve seus altos e baixos ao longo da história da teologia. A filosofia está associada ao processo cognitivo do arcabouço teológico, que ao estabelecer uma linha cronológica que Zabatiero sintetiza a história da teologia em três paradigmas distintos, a saber: “Paradigmas da teologia habitual, teologia científica e teologia disciplinar”⁴³. Esses parâmetros estabeleceram a formação do arcabouço histórico epistêmico teológico.

³⁹ Cf. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 9.

⁴⁰ Cf. LIBANIO; MURAD, 2010, p. 62-63.

⁴¹ Cf. ZABATIERO, 2011, p. 7.

⁴² Libanio e Murad, argumentam que se existe um mote que pode sintetizar os períodos ao longo do processo de formação da *epistemé* do campo teológico se chama “Inteligência”, que faz com que o home possa compreender o campo da fé. Cf. LIBANIO; MURAD, 2010, p. 68.

⁴³ Quanto aos paradigmas da história da teologia proposto por Zabatiero, o mesmo procura estabelecer de forma sucinta e objetiva, um pano de fundo histórico da formação do arcabouço da cognição teológica desde a origem até os dias atuais, sendo de modo triádico composto pelo paradigma da teologia habitual, que segundo a proposta deste autor perdurou desde as origens do cristianismo até o período medieval, o qual a teologia era vista como *habitus* de vida e estudo em que é concebida com conhecimento de Deus, e construída por meio das disciplinas da oração, do estudo e da participação litúrgica, cuja objetivação era a formação de pessoas, de lideranças eclesiais cristãs; O paradigma da teologia científica perdurou da idade média até a contra-reforma, em que a

Outro aspecto da teologia, quanto a esse campo cognitivo, está ligado a sua associação às várias esferas do saber em especial a Ciências das religiões, figurada como arquétipo inimigo da teologia para muitos teóricos, que segundo Zabatiero, afirma ser uma libertação do elemento normativo, a fé, para uma análise puramente empírica, podendo ser aplicado como objetos materiais ou entidades verificáveis, cujos padrões se distanciam da teologia, entendida como um campo transcendental não cabível de objetivação.⁴⁴

Sobre as aporias entre teologia e ciências das religiões, Greschat, argumentando sobre os agentes que produzem o conhecimento desses campos do saber, diz que o teólogo é aquele cuja religiosidade faz parte de sua especialidade em religião, e o cientista da religião é um especialista da religião sem religiosidade, o que nesse sentido faz com que as ciências das religiões tenham seus pressupostos mais academizados, sem arquétipos baseados em dogmas religiosos, sem que haja em si uma confessionalidade, enquanto que a teologia, seus preceitos, sua grande maioria, tem por princípios a confessionalidade e pressupostos dogmáticos.⁴⁵

Convém suscitar mesmo que pareça generalista, existem divergências entre vários teóricos sobre a terminologia mais correta a ser utilizada entre “ciência da religião, ou ciências das religiões”, pois tais pressupostos apontam diferenças quanto a seus aspectos epistêmicos e metodológicos, por exemplo, os autores João Décio e Frank Usarski utilizam-se da nomenclatura “ciência da religião”, defendem o uso de tal termo no singular descrevendo que: “A ciência singular se exercita como tal e se institucionaliza, na verdade, a partir de uma composição interna sempre interdisciplinar ou transdisciplinar”⁴⁶, sustentam que a Ciência da Religião possui “método e objeto próprio de estudo”⁴⁷, que se concatena as outras esferas do conhecimento, partindo do princípio que a religião não pode ser interesse particular das diversas ciências, e assim a singularidade deste objeto de estudo desta ciência vem ser o baluarte para se ratificar o uso desta terminologia no singular.

teologia constituía como o arcabouço ordenador de todo o conhecimento humano, bem como o das nascentes universidades na Europa, e por último o paradigma da teologia, disciplina em que surge com a modernidade e predomina até hoje (ainda que sob o efeito da crise da transição dos tempos atuais da modernidade), a qual sua característica se concentra na subordinação da teologia a imperativos do mundo acadêmico, devido a perda de prestígio da Igreja nos centros universitários e do saber em geral (raciocentrismo). Para mais informações consultar em: ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos de Teologia Prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 19-21.

⁴⁴ Cf. ZABATIERO, 2011, p. 62.

⁴⁵ Cf. GRESCHAT, Hans-Jurgens. *O que é Ciência da Religião?* Coleção repensando a religião. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 155.

⁴⁶ Cf. PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio da Ciência da Religião: Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 26.

⁴⁷ Quanto ao objeto e método de estudo da Ciência da Religião, João Passos e Décio Usarski, tipificam as disciplinas desta área das ciências humanas dividida nas seguintes subáreas: Fundamentação epistemológica, abordagens da linguagem, abordagens sociais, abordagens psicológicas, abordagens aplicadas da Ciência da religião. Para saber mais sobre cada especificidade consultar: Cf. PASSOS; USARSKI, 2013, p. 27-29.

A terminologia ciências das religiões é cogitada por Giovanni Filorano e Carlo Prandi, que, em vez de partir da premissa da singularidade, utilizam-se da concepção da plurilaridade, pois, na contemporaneidade, tentar estabelecer modelos rígidos de exclusividade vai de encontro a uma diversidade metodológica, bem como a capacidade subjetiva do pesquisador, pois só assim as ciências das religiões atua em um campo aberto e dinâmico, uma vez que, “a religião vista como dimensão cultural, utiliza-se caso a caso de chaves mais adequadas para a leitura das realidades religiosas que ornaram e ainda ornaram as sociedades humanas”⁴⁸.

A proposição estabelecida acima, dota-se de elementos estéticos e externos, que, em suma, fazem parte de todo um compêndio que as ciências das religiões possuem, voltado para as constantes transformações que ocorrem no contexto religioso e social, cabendo-lhe como ciência abordar esses vários “objetos epistemológicos”⁴⁹, que se inserem no contexto atual.

Quanto a esse aparente dualismo cognitivo, por mais que os tipos de abordagem epistêmicas sejam diferentes entre a teologia e a(s) ciência(as) da(s) religião(ões), os mesmos não se excluem, embora a primeira o cerne de sua *episteme*, se baseie em cognições que têm por parâmetros o ideário transcendental e a segunda siga pressupostos científicos e de empiricidade, elas se correlacionam, pois fazem afirmações analíticas ou afirmações teológicas sobre os mesmos fenômenos religiosos, por mais que suas metodologias sejam aparentemente antagônicas, em alguns casos, acabam se completando.

1.1.3 *A Cultura Pop*

A definição de cultura pop tem por bases duas diretrizes, uma que se baseia em suas raízes prelúdicadas e outra pautada no seu desenvolvimento ao longo dos anos, ligados à indústria cultural e conseqüentemente a cultura midiática. A gênese do termo se deu em meados da década de 50 na Inglaterra, criado pela crítica cultural inglesa, a fim de delinear e desqualificar como efêmero o surgimento do *rock in roll* e do “histrionismo”⁵⁰, da cultura

⁴⁸ Cf. FILORANO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 275.

⁴⁹ No que diz respeito a esses objetos epistemológicos, Filorano e Prandi o chamam de politeísmo epistemológico, pois a essência da religião esta interligada ao fenômeno cultural, e como tal não há nenhum objeto de estudo, mãos, sim, vários, que em suma delineiam esse grande mosaico que são as religiões. Cf. FILORANO; PRANDI, 2012, p. 11-12.

⁵⁰ Histrionismo significa o comportamento exacerbado de indivíduos ligados a um padrão altamente emocionalista e exibicionista, cujos princípios divergem dos comportamentos normativo da maioria dos indivíduos de uma determinada sociedade. Cf. SHULER, Arnaldo. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. Canoas: Ed. Ulbra. 2002, p. 225.

juvenil que ali surgia,⁵¹ movimento conhecido como *pop art*, cujas premissas estavam em anunciar as crises das artes do século XX, bem como fazer uma reflexão destas artes, a sua massificação à cultura popular capitalista,⁵² surgindo então abreviação “pop” de popular, para identificar o movimento.

No contexto brasileiro, a assertiva do mesmo ideal do termo “pop” está relacionada ao popular midiático, entretanto devido à semântica portuguesa da palavra popular, sua atribuição se identifica como aquilo que é ligado à cultura popular (folclórica), dando a hermenêutica de dois conceitos para o mesmo termo, o que se diferencia da conotação inglesa, que não interpreta o pop sendo de matriz folclórica, do inglês *folk* (popular).

Essa proposta portuguesa dual ao pop, se adequa ao que representa a cultura pop na contemporaneidade, pois a mesma acaba “remodelando e reconfigurando a própria ideia de cultura popular ao se fazer expandir através da cultura midiática e expressões culturais como: filmes, seriados, músicas e quadrinhos”⁵³.

Estabelecidas essas proposições, em síntese, a cultura pop parte da compreensão de dois vieses distintos, no pop consiste em uma gama de processos que permitem a circulação e a remodelação entre vários registros culturais, bem como a apropriação de culturas populares (massas), e culturas mais específicas (elites). Outra compreensão está na intersubjetividade de como o pop, por ser uma prática cultural, se perpetua no espectro da temporalidade que se liga à sociedade.⁵⁴

Em suma, sua prerrogativa está nas transformações do popular através de encontros quer sejam harmoniosos, quer não, bem característicos da sociedade pós-moderna, relacionados à cultura midiática, principal responsável pela sua atemporalidade nos últimos anos, cuja presença está na “reterritorialização e presentificação dos espaços”⁵⁵, com o uso da

⁵¹ Cf. BARCINSKI, André. *Pavões misteriosos 1974-1983: A explosão da música pop no Brasil*. São Paulo: três estrelas, 2014, p. 12.

⁵² Cf. SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós: 2015, p. 19-20.

⁵³ Cf. JUNIOR, Feder Fanotti. Cultura Pop: Entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós: 2015, p. 45.

⁵⁴ Cf. CASTRO, Fábio Fonseca de. Temporalidade e quotidianidade do pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós: 2015, p. 38.

⁵⁵ Quanto a esse aspecto da reterritorialidade e da presentificação da cultura pop, desde suas primeiras manifestações, sempre tendeu a se reatualizar, e a criar novas formas a partir das imagens de sua própria história, porém no contexto tecnológico webético, acabou por se remodelar a essas tecnologias, em que sua principal característica é presentificar esteticamente todo passado num contínuo digital, logo essas culturas acabam se tornando RE-Virtuais, cuja tríade arquetípica é formada de: reterritorialização das culturas, transformação da tecnologia em espaço de tempo puro (passado e presente coexistindo e sempre se atualizando) e a cultura digital ou virtual. Para mais informações consultar em: CONTER, Marcelo Bergamin; TELLES, Marcio; ARAÚJO, André. O revirtual: A memória da memória da cultura pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós: 2015, p. 102.

web, onde o passado se torna presente e o presente se torna passado, produzindo uma cultura virtual.

A reterritorialidade do pop segue uma égide de remodelação que não depende não só da política mercadológica capitalista, mas da percepção e fruição dos indivíduos na sociedade, que originam vários “polinguismos”⁵⁶, ou seja, não há assim uma singularidade, há várias nuances de “mutações culturais”⁵⁷, que não se prendem a localidade e a globalidade, mas estão em constante movimento, uma espécie de mobilidade relativa, que segundo Junior:

O pop se corporifica em práticas cotidianas que abarcam o modo como as expressões culturais são propagadas em quanto algo de ordem e vivido, articulando circulação à vivências individuais posicionando consumidores ocasionais e dedicados em amplas redes sociotécnicas que materializam modos de entrar e sair da modernidade.⁵⁸

Essa proposição, no que se refere às remodelações dinâmicas em que o pop se caracteriza, coaduna com o “gênero cinematográfico”⁵⁹ de “ficção científica”⁶⁰, pois no contexto da contemporaneidade tal gênero sofre constantes transmutabilidades, se adequa conforme os anseios mercadológicos e populares. Do ponto de vista da cultura pop, todos os gêneros se tornam imediatistas, se voltam para o consumo rápido e oportuno, dentro de um espaço de sociabilidade midiática e instantânea.

Ao traçar uma historiografia do gênero de ficção científica, correlacionado ao cinema e à cultura pop, pode-se elencar cinco tipos, sendo o primeiro tipo caracterizado a partir do maravilhoso (daquilo que assombra), que causa impacto à humanidade, sendo exemplificado pelos filmes *Contatos imediatos do terceiro grau* (1997) e *E.T* (1982) de Steven Spielberg. O

⁵⁶ No que tange a esse polinguismos Deleuze e Guatarri dizem, o que se chama pop, música pop, filosofia pop, escrita pop, todos estão interconectados por mais que parecem gêneros literários diferentes, acabam por formar um grande mosaico epistêmico. Cf. DELEUZE, Gilles.; GUATARRI, F. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autentica, 2014, p. 54.

⁵⁷ Cf. LEMOA, André. *A Comunicação das Coisas: Teoria ato-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013, p. 194.

⁵⁸ Cf. JUNIOR, 2015, p. 54.

⁵⁹ Quanto os gêneros cinematográficos sua noção pode parecer duvidosa, pois na atual conjectura do cinema não há prioridades de modelos, quanto menos técnicas, nem narrativas, por mais que alguns autores dessa área questionem tal assertiva, pois ao se debater sobre gêneros cinematográficos, os mesmos acabam nunca existindo em sua essência pura, haja vista eles sempre se apresentarem de modo híbrido, fato este que cada vez mais se apresenta no atual cenário em virtude do processo de midiática cultural está centrado no entretenimento, sem um modelo determinante fixo. Cf. SANTANA, Gelson. O líquido céu e futuro: o cinema de ficção científica na cultura pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós: 2015, p. 151-152.

⁶⁰ A gênese da ficção científica, surgiu em meados de 1929 por Hugo Gernsback, na criação da revista *Science Wonder Stories* nos EUA termo este em inglês (*Science Fiction- Sci-Fi*, inserido em meados dos anos 50), que inseriu-a nesta data como novo ramo literário, cujos pressupostos se inspiram nas obras de Júlio Verne, Herbert G. Wells, e Allan Poe, entretanto alguns autores consideram Mary Shelley em sua obra *Frankenstein*, como a primeira obra de ficção científica. Cf. FIKER, Raul. *Ficção científica: ficção, ciência ou épica da época?* Porto Alegre: LP&M, 1985, p. 12.

segundo tipo se concentra em narrativas por uma espécie de cientificidade que modela os caminhos da humanidade, destaque para, *2001: uma odisseia no espaço* (1968) de Stanley Kubrick. O terceiro tipo, composto pela introdução de um modo fabular, em destaque surge *Guerras nas estrelas* (1997), de George Lucas. A quarto tipo, presente em Ridley Scott com *Blade Runner: O caçador de andróides* (1982), introduz padrões narrativos em virtude de mecanismos tecnológicos. E por último, o quinto tipo que, de modo híbrido, é composto por vários nuances das outras fases anteriores.⁶¹

Destaca-se que, na quinta fase, o hibridismo se ocasiona pelo fato de a cultura pop se engrenar nas estruturas fílmicas, sendo de fácil assimilação pelos gostos das massas, prontas a sua consumação imediata, traço pungente nessa cultura midiática, mesmo a cada dia vem se tornando amorfa em muitos sentidos, ainda assim faz sua própria história.

1.2 Congruentes por mais que diferentes

Ao se estabelecer certos graus de congruências entre a semiótica, a epistemologia religiosa e a cultura pop, tem-se em mente que a sociedade contemporânea é marcada pela fragmentação das grandes cosmovisões, por mais que cada área do conhecimento em particular atue em diferentes esferas, existe uma certa relação de proposições de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade,⁶² que fazem parte das ciências dos tempos atuais, do qual não há como desvincular esse ideário, na contemporaneidade “embora haja certo entendimento e domínio”⁶³.

Desde o século XVII, a ciência ocidental, seu escopo de desenvolvimento, não foi apenas disciplinar, mas também interdisciplinar, havendo unificações, dos pensamentos de

⁶¹ Cf. SANTANA, 2015, p. 153-154.

⁶² Quanto a essa temática de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, tais termos correspondem à sua interatividade aos níveis de complexidade das diversas áreas do conhecimento, ainda surgem as perspectivas da multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. No tocante a multidisciplinaridade em síntese é conjunto de disciplinas a serem trabalhadas, ao qual não há interações entre elas; Pluridisciplinaridade, pode até correr correlações entre as disciplinas, entretanto essas transferências de conhecimento são pouco eficazes, haja vista, que cada disciplina traz informações próprias de sua área de atuação, sem considerar as interações entre elas; Interdisciplinaridade, em suma existe a cooperação e o diálogo entre as diferentes disciplinas, regidas por uma disciplina maior que coordena as ações interdisciplinares, buscando as unificações dos saberes; Transdisciplinaridade, essa proposição é um tipo de interação em que ocorre uma espécie de integração de vários sistemas interdisciplinares em contexto mais amplo e geral, o qual em síntese apresenta uma interpretação holística dos fatos e fenômenos, que em resumo há o entendimento mais atual de mundo, bem como apresenta uma maior unificação de conhecimentos. Cf. NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999, p. 12-30.

⁶³ Entende-se por domínio e entendimento, a ideia que cada ciência tem seu objeto específico, perspectiva, epistemologia, método, jogo linguístico próprio e comunidade que validam suas ideologias. Cf. MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 135-140.

Newton, Maxwell, Einstein, com as várias filosofias ou linhas de pensamentos, sejam empiristas, positivistas ou ainda de imperialismos teóricos como o marxismo e o freudismo.⁶⁴

Nesse interim, dessas formalizações das esferas do saber, Morim afirma que tal unicidade dos conhecimentos “foram de maneira hiperabstrata, hiperformalizada cujas comunicações entre as mesmas devem possuir características de uma unidimensionalização do real”⁶⁵, ou seja, essa proposta, estabelecida por tais ideologias, deve possuir uma unicidade capaz de ultrapassar barreiras das abstrações e ir para o campo da realidade e da ação.

Sobre esse entendimento, quanto aos diversos tipos de conhecimentos, muitos de seus pressupostos estão caracterizados no campo da abstração (metafísico), ou seja, que não parece de forma concreta, mais de maneira intuitiva, acabando assim por separar o real do imaginário, o físico do abstrato, pois um não pode viver sem outro, criando com isso uma dicotomia imprescindível e essencial para existência do *ethos* científico e do *ethos* humano.

Destarte, os pressupostos a serem utilizados na compilação desta secção, têm por parâmetros o que cada termo tem em comum, diretrizes que têm em suas teorias axiomáticas a abstração, ou seja, o campo metafísico, sendo um mundo de conjecturas que não estão configuradas neste plano físico, em que *a priori* ou *a posteriore*, depende da percepção hermenêutica em que cada saber atua por conta de seus agentes, para assim formar suas diretrizes e preceitos.

1.2.1 *A Semiótica e sua correlação com o imaginário*

A semiótica Peirceana, no tocante a conceituação de signo e do objeto, pode ser uma coisa material no mundo, que possui um conhecimento perceptivo, mas também pode ser uma entidade meramente mental ou imaginária, vindo a ser da natureza ou do pensamento.⁶⁶ Seguindo essa premissa, Peirce, quanto ao significado de objeto, propõe uma terceira hipótese vindo a ser do “perceptível e do imaginável”⁶⁷, ou seja, algo que acaba se tornando real e imaginário ao mesmo tempo, em que, para ilustrar como acontece, exemplifica a palavra “estrela”, que é um signo, vindo a não ser algo imaginável, dado que esta palavra em si não pode ser transportado para o papel ou pronunciada sem que antes se possa trazer significado distintos, como astro de luz própria, artista celebre e ainda podendo se referir a sorte.⁶⁸

⁶⁴ Cf. MORIN, 2005, p. 135.

⁶⁵ Cf. MORIN, 2005, p. 136.

⁶⁶ Cf. PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 46.

⁶⁷ Cf. PEIRCE, 2005, p. 46.

⁶⁸ Cf. PEIRCE, 2005, p. 47.

A semiótica peirceana compreende o campo da lógica, ou seja da semiótica propriamente dita, como Santaella afirma, sua “função é classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis em que tem um caráter ascendente sobre todas as ciências especiais”⁶⁹, ou seja, elas têm de ser deixadas a cargo de seus praticantes, em que conduzirá como lógico apenas a elucidação dos tipos de pensamentos que se utilizam pelas ciências, em que, nesse interim de informações e elucidações dos fatos, cabe o plano imagético como incrustado em diversas teorias que formam o escopo da cognição de cada ciência.

Coadunando com essa proposta da semiótica e sua correlação com o imaginário, a semiótica da cultura está estritamente ligada a figura imagética, pois “um texto não é a realidade, mas um material para reconstruir”⁷⁰ e por conseguinte as artes culturais possuem essas características de remodelação e reconstrução, por exemplo, as artes cinematográficas “são por natureza discurso e narração”⁷¹, nas quais a figura do imagético está no centro da cultura humana, que possui uma ferramenta preponderante no mundo físico e material. Nesse sentido Ruiz sustenta que: “Não há racionalidade, nem ciência ou tecnologia fora da imaginação, assim como não existe imaginação fora da dimensão racional. Ambas se correlacionam, interagem e criam a partir da dimensão simbólica inerente ao ser humano”⁷².

Essa proposição estabelecida acima, quanto ao imaginário, suscita uma remodelação de definições e valores de acordo com os contextos da sociedade, os quais são esses arquétipos imaginativos que formam todo o escopo de produções, sejam elas nas áreas do senso comum, ou das ciências, pois o *dinamus* criador do imaginário se realiza no *modus operandi* e no *modus operandum* nas sociedades de modo holístico.

Quanto a esse tipo de linguagem, filósofo iluminista Giambattista Vico, em sua *Nuova Scienza*, propõe que a história da humanidade teria passado por três categorias de desenvolvimento: “a divina, a heroica e a humana”⁷³, pois cada fase corresponde a ciclos que podem resultar em fases de retrocesso a estágios anteriores do desenvolvimento, em que para Vico, o que se destaca é o terceiro estágio dos seres humanos, como sendo o elo no qual se formou o arbitrário, literal e abstrato das diversas formas do saber humano.

⁶⁹ Cf. SANTAELLA, Lucia. *Coleção Primeiros Passos: O que é semiótica*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 6.

⁷⁰ Cf. LÓTMAN, Iuri. *Ensaio da Semiótica Soviética*. Lisboa: Horizonte, 1981, p. 44.

⁷¹ Cf. LÓTMAN, Iuri. *Estética e Semiótica do Cinema*. Lisboa: Estampa, 1978, p. 67.

⁷² Cf. RUIZ, Bartolomé Castor. *Os Paradoxos do Imaginário: Ensaio de filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 32.

⁷³ Quando aos pressupostos deste filósofo, consultar. Cf. Eco, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 50.

Assim sendo, o campo da semiótica metafísica “vem ser aquilo que define a realidade do real”⁷⁴, ou seja, aquilo que independe das nossas fantasias, sabendo o mundo do qual fazemos parte é repleto de forças que atuam sobre cada indivíduo, sendo essas forças, e não as transformações lógicas do nosso próprio pensamento, que determinam o que devemos por fim acreditar.

1.2.2 *A epistemologia cristã e seus escopos cognitivos*

A epistemologia cristã, partes de seu escopo cognitivo, é formado de pensamentos que surgem no campo metafísico (abstração), se aplicam a área do imanente (físico). Ao traçar uma ligação do mundo perceptível com o imaginário pode-se utilizar por base a interpretação hermenêutica dos textos bíblicos que foi desenvolvido ao longo da história do cristianismo, uma vez que, no período medieval, usam a interpretação “alegórica e a literal”⁷⁵. Destaca-se nesse caso a interpretação alegórica, pois o cerne de seus ideários está à criatividade e a imaginação.

Nesse ínterim, “o sistema alegórico é constituído de correspondências, ou seja, que se baseia de um acontecimento natural (terreno) e faz uma analogia com uma natureza espiritual e celeste (imagética)”⁷⁶, pois tal proposição acaba se correlacionando com o dualismo de Platão que dividiu o mundo em duas categorias distintas, do que é perceptível e palpável, do que é invisível e emblemático. Ao fazer uma síntese de seu pressuposto, toda a história e tudo na vida é uma alegoria de descrição das coisas reais, podendo assim dizer, pois o mundo intangível, também conhecido como mundo das ideias é que irá formar de maneira dicotômica a *mnésis* do ser humano por um longo período de tempo.

Concernente a esse viés cognitivo platônico, no período medieval, essa epistemologia se apresenta nos postulados de Agostino de Hipona⁷⁷, “ao enxertar a nova religião no tronco do Neoplatonismo”⁷⁸, por isso sua correlação com os pensamentos platônicos estão bem expressivos de maneira latentes e patentes em muitos dos seus escritos a

⁷⁴ Cf. SANTAELLA, 1995, p. 36.

⁷⁵ Esse tipo de interpretação das escrituras, alegórico e literal, tais métodos formam o escopo da teologia medieval no que tange à interpretação dos textos vetero e neo testamentários, para mais informações consultar: Cf. KAISER, Walter. Jr. *Introdução à Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 210-215.

⁷⁶ Cf. KAISER, 2002, p. 216.

⁷⁷ No que tange a esses postulados de Agostinho seus trabalhos mais destacados são: *Trindade* (399-419 a.C.), *Contra os Maniqueus* (388 a.C.), *As Confissões* (397 a.C.), *Sobre o Batismo Contra os Donatistas* (401 a.C.), *Sobre as Gestas de Pelágio* (417 a.C.), *A Graça de Cristo e Pecado Original* (418 a.C.), *A Cidade de Deus* (413-417 a.C.). Cf. NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada da Filosofia: Das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005, p. 130.

⁷⁸ NICOLA, 2005, p. 129.

expressar a ênfase no dualismo (bem e mal, imanente e transcendente) e a busca pela verdade que “assim como Platão tinha sede da verdade, e ao chegar, alcançaria a felicidade”⁷⁹, o que no caso para Agostinho se encontra não neste mundo imanente, mas no transcendente.

No período da escolástica, a percepção cognitiva cristã, utilizava de filosofias ora platônicas (nominalismo), ora aristotélicas (realismo), para os debates de suas hermenêuticas bíblicas. Sobre a reflexão dessas interpretações, pode-se citar a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, cuja temática central está na explicação da existência de Deus por meios filosóficos e racionais, sendo importante frisar que, por mais que o pensamento aristotélico esteja inserido no contexto da teologia, não há a perda do sentido espiritual, ou seja, do transcendente, pois tal percepção veio dar a teologia uma maior intelectualidade, logo uma maior capacidade de subjetividade.

Posterior a esse período, sobre a cognição cristã da época da renascença, Umberto Eco afirma que “o hermetismo⁸⁰ da renascença procurou sinais visíveis em relação às coisas ocultas”⁸¹, ou seja, procurava explicar por meio de analogias o que era perceptível ao entendimento da humanidade para assim entender o que não havia de compressão neste estado físico, embora tal percepção não cristã tenha influenciado o cristianismo quanto a ciência da época.

Entretanto a cosmovisão transcendente do conhecimento cristão sofre mudanças na modernidade e sua ênfase epistemológica se torna mais imanentista, o que resulta em pormenores de vários teóricos,⁸² que, em resumo, davam mais ênfase a capacidade de subjetividade. Nesse aspecto o escopo cognitivo cristão no contexto da contemporaneidade se torna composto pelo viés diádico, entre a mnésis providencialista (transcendental, mitológica e encantada), que pode estar em harmonia ou não, com o pensamento científico (imanentista, desmitologizado e desencantado), formando assim, um grande mosaico da epistemologia cristã em nossos dias.

⁷⁹ Cf. PEGORARO, Olinto. *Ética dos Maiores Mestres da Através das História*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 62.

⁸⁰ Entende-se como hermética como um conjunto de ideologias sincréticas compilada no Egito no período conhecido como a *Pax Romana*, cujo cerne de suas ideias segue uma mnésis mitológica, cujos parâmetros influenciaram algumas doutrinas cristãs. Cf. ECO, 2005, p. 59.

⁸¹ Cf. ECO, 2005, p. 61.

⁸² Sobre os postulados desses autores destacam-se os trabalhos de Schleiermacher, Hegel, Feuerbach, Nietzsche, Strauss, Baur, Ritschl, Harnack, que dão uma ênfase mais racionalistas a teologia, conhecida como “Liberalismo Teológico”, cujos axiomas teóricos estão pautados na filosofia, história e filologia. Cf. MONDIN, Batista. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 24.

1.2.3 A Cultura Pop e seu viés metafísico

A cultura pop, muitas de suas asserções, está diretamente relacionada à hermenêutica imagética que cada indivíduo possui em seus contextos culturais e, ao suscitar esse viés metafísico do pop, essa pesquisa se utiliza do gênero de ficção científica, bem como do ciberespaço, cibercultura e virtualidade, a fim de esclarecer essa possível concomitância entre tais termos e a cultura pop.

Quanto a gênese do termo ficção científica, a mesma surgiu em meados de 1929 por Hugo Gernsback, na criação da revista *Science Wonder Stories* nos EUA, expressão esta em inglês (*Science Fiction- Sci-Fi*), que inseriu nesta data como novo ramo literário, cujos pressupostos se inspiram nas obras de Júlio Verne,⁸³ Herbert G. Wells,⁸⁴ Allan Poe,⁸⁵ e Mary Shelley,⁸⁶ em sua obra *Frankenstein*.

Tavares afirma que os autores de ficção científica, para a composição de suas obras, em certo sentido são influenciados por suas realidades sociais e também por meio de dúvidas e contradições que se formam em torno das ciências humanas e exatas, logo a ficção científica serve como fronteira entre esses dois mundos, que os coaduna, abrindo caminho entre as eles.⁸⁷

Destarte, essa proposição de sincronia de realidades distintas, a ficção científica faz esse dualismo presente na representação da ficção para cada indivíduo pois, como antes definido, a ficção parte da premissa de sua criação do que é real e possível, para assim criar algo inimaginável e impossível no contexto cultural e histórico de um determinado período. A

⁸³ As obras de Júlio Verne consideradas como suas, *opus domus* são: *Voyage au centre de la terra* – 1864 (Viagem ao Centro da Terra), *Vingt mille lieus sous les mers* – 1869 (Volta ao mundo em 80 dias) e *le tour de monde em quèstré-vingts* – 1873 (A volta ao mundo em 80 dias). Para mais informações sobre quem foi Júlio Verne, bem como a importância de suas obras literárias, consultar em: Super Interessante. *Júlio Verne: inventor do futuro*. Cf. Disponível em: <http://www.google.com.br/amp/s/super.abril.com.br/historia/julio-verne-inventor-do-futuro/amp/>. Acesso em: 29 set. 2018.

⁸⁴ Herbert G. Wells é considerado como um dos precursores da literatura da ficção científica, que dentre suas obras destacam-se: *The time machine* – 1895 (A máquina do tempo), *The island of dr. Moreau* – 1896 (A ilha do dr. Moreau), *The invisible man* – 1897 (O homem invisível), *The war of the worlds* – 1898 (A guerra dos mundos). Cf. DICKSON, Lovat. *Herbert G. Wells: His turbulence life and times*. London: Mamillan; Readers Union, 1971, p. 12.

⁸⁵ Allan Poe, contribuiu com alguns pressupostos a literatura *Sci-Fi*, entretanto suas obras se destacam no gênero literário da ficção policial, sendo considerado por muitos outros autores como o inventor desse gênero. Cf. KENNEDY, J. Gerald. *Poe, death, and the life of writing*. New Haven: Yale University Press, 1987, p. 06.

⁸⁶ Mary Shelley na compilação de sua obra *Frankenstein* (1818), possuía conhecimentos significativos das experiências realizadas por cientistas famosos de sua época, como Luigi Galvani e Erasmus Darwin (avô de Charles Darwin), que tinham como objeto de estudo a reanimação de tecidos mortos por meio da eletricidade, e tal proposição representa um esvaziamento da dimensão sobrenatural ou desencantamento do mundo sobre o cotidiano das pessoas e Mary nessa obra, expõe seu medo a face ao avanço do conhecimento científico. Cf. GIASSONE, Ana Claudia. *O mosaico de Frankenstein: O medo no romance de Mary Shelley*. São Paulo: UNB, 1999, p. 16-22.

⁸⁷ Cf. TAVARES, Bráulio. *O que é ficção científica?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 23.

criação dessas realidades suscita a exemplificação histórica da ficção científica, em Francis Bacon no século XVII, com sua obra intitulada de *Nova Atlântida*,⁸⁸ em que, usando do gênero, mostra, através do método indutivo, uma sociedade utópica que se baseava na experiência científica, na qual estavam sendo desenvolvida manipulação genética, telescópios, microscópios, telefones, voos aéreos, entre outros experimentos.

Com o surgimento de novas tecnologias ocorreu o desenvolvimento do ciberespaço e da cibercultura no contexto social. Na proposição de Lévy, ciberespaço se conceitua como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”⁸⁹. A cibercultura na proposição deste mesmo autor, deve ser compreendida como “o conjunto de técnicas (matérias e intelectuais), de práticas de atitudes de modos de pensamentos e de valores que se desenvolveram juntamente como crescimento do ciberespaço”⁹⁰, sendo assim, tanto o ciberespaço e a cibercultura estão coligados aos sistemas de informações digitais que conseqüentemente remetem “plasticidade, fluidez, hipertextualidade, interatividade e virtualidade”⁹¹.

No que tange à virtualidade no senso popular, tal termo é visto como sendo o oposto do real, esquecendo-se que o virtual concatena-se com a realidade, surgindo uma tensão a ser resolvida quanto ao atual e o virtual, em que Deleuze afirma: “O virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual, nos menores circuitos, onde o virtual cristaliza com o atual”⁹², ou seja, há uma constante atualização no plano imanente, sendo esses paradoxos essencialmente necessários a fim de possuir um papel preponderante na sociedade, que de maneira *sui generis*, ocorre uma certa “produção de qualidades novas, uma transformação das ideias”⁹³.

Não há como deixar de perceber que o mundo tecnológico, inserido na cultura pop, cria um ambiente de desterritorialidade e transmutabilidade dos axiomas de vários processos culturais que, de maneira hodierna, se inserem em uma sociedade cujas identidades estão caracterizadas cada vez mais em *hardwares* e *softwares* digitais, que delineiam e estabelecem diretrizes para uma sociedade que depende do ciberespacial, cibercultural e da virtualidade, cujo *modus operandi* constroem identidades coletivas e individuais.

⁸⁸ Cf. BACON, Francis. *Nova Atlântida*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1984.

⁸⁹ Cf. LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34; 2000, p. 94.

⁹⁰ Cf. LÉVY, 2000, p. 17.

⁹¹ Cf. LÉVY, 2000, p. 36.

⁹² Cf. DELEUZE, Gilles. O Atual e o Virtual. In. ALLIEZ, Eric. *Deleuze: Filosofia virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 55.

⁹³ Cf. LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996, p. 17.

1.3 A Literatura da saga Star Wars

Não há como mensurar a importância que as literaturas de origem cinematográficas possuem para a expansão de mercado fílmico, bem como o aumento de fãs de determinadas produções do mundo do cinema. A expansão da saga *Star Wars* não foi diferente, pois contou com um forte apoio de divulgação mercadológico do campo, seja este midiático ou extra midiático no seu início, nos planos de George Lucas.⁹⁴ O lançamento do filme iria ser em concomitância ao lançamento de um livro que se chama *Star Wars: From the Adventure of Luke Skywalker*, só que por problemas técnicos de produção cinematográfica, essa obra literária foi lançada em 12 de novembro de 1976, seis meses antes do lançamento do filme ocorrido em cinco de maio de 1977, em vários Estados Norte Americanos.⁹⁵

Nesse caso, *Star Wars: From the Adventure of Luke Skywalker* inaugurou em termos literários. O que se chama de Universo Expandido é o espaço narrativo de um livro ou filme transposto em outras formas midiáticas, como quadrinhos, livros, jogos, e até novos episódios com os mesmos personagens. Essas transformações acabam se expandindo e criando infinitas possibilidades de novas histórias, ou seja, um verdadeiro *mutatis mutandis* transmidiático, não é acaso que, até hoje, a franquia *Star Wars* é uma das bem sucedidas do planeta, abrangendo desde jogos de vídeo game, até animações, em que sempre há o acréscimo de uma nova informação ao enredo original.⁹⁶

Sendo assim, essa seção analisa a importância que a literatura da saga *Star Wars* como responsável pelo processo de expansão e manutenção do sucesso da saga ao longo dos

⁹⁴ George Lucas e o criador da Saga *Star Wars*, cineasta americano, escreveu e dirigiu os seis filmes da franquia que compõe essa filmografia a saber: Na saga prelúdic a saber: Na saga prelúdic o primeiro filme da trilogia original se chama *Star Wars: A New Hope* (Uma Nova Esperança - 1977). O segundo filme é *The Empire Strikes Back* (O Império Contra-Ataca - 1980), e o terceiro filme se chama *Return of The Jedi* (O Retorno de Jedi - 1983). Concernente ao segundo estágio de produção fílmica de *Star Wars*, a primeira película se chama *Star Wars: Episode I - The Phantom Menace* (Star Wars: Episódio I - A Ameaça Fantasma - 1999). O segundo filme é *Star Wars: Episode II - Attack of the Clones* (Star Wars: Episódio II - O Ataque dos Clones - 2002), e por último fechando a franquia desse segundo estágio cinematográfico, *Star Wars: Episode III - Revenge of the Sith* (Star Wars: Episódio III - A Vingança do Siths - 2005), ao qual todas essas produções foram feitas pela Twentieth Century Fox e Lucas Film Ltd. É interessante frisar que há um terceiro estágio dessa saga, que diferente das duas anteriores, agora suas produções e suas direções não há mais George Lucas, e sim vários diretores e produtores, cuja distribuição ocorre pela Walt Disney Studio Motion Pictures e Lucasfilm Ltd. O primeiro filme se chama *Star Wars: The Force Awakens* (Star Wars: O Despertar da Força - 2016); o segundo filme é *Star Wars: The Last Jedi* (Star Wars: O Último Jedi - 2017) e por último fechando essa trilogia, cuja previsão de lançamento deste filme está prevista para o dia 20 de Dezembro de 2019 se chama, *Star Wars: The Rise of Skywalker* (Star Wars: A Ascensão de Skywalker).

⁹⁵ C.f. RODRIGUES, Sheila Darcy Antonio. *A literatura como parte de uma narrativa transmidiática: Uma viagem ao sistema literário de Star Wars*. 141f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018, p. 55-73.

⁹⁶ C.f. RODRIGUES, 2018, p. 76.

anos, a classificação de seu universo expandido, bem como novos enveredamentos de seus enredos históricos.

1.3.1 *Star Wars: Sua gênese e expansão*

Como visto anteriormente, a saga *Star Wars* foi compilada antes de sua cinematografia, sendo essa uma das responsáveis pelo seu grande sucesso, mesmo antes de sair nas telas do cinema. Sua expansibilidade é decorrente de uma estratégia de marketing derivado de seu criador George Lucas, que administrava e supervisionava as compilações literárias. Quanto ao universo expandido de *Star Wars* existe um padrão canônico regulamentado cuja sigla é: UESW (Universo Expandido de Star Wars), na qual George Lucas está diretamente envolvido, permitindo que os editores da Lucasfilm Ltd. trabalhem em concomitância com autores de outras editoras, possuindo um selo de aprovação desses novos projetos.⁹⁷

Segundo Hidalgo, esses trabalhos, mesmo recebendo a devida aprovação da UESW, não quer dizer que os mesmos sejam considerados obras canonizadas, a não ser que essas histórias possam fazer parte das historiografias cinematográficas, que compõe essa saga.⁹⁸ Das diversas obras literárias que foram aprovadas pelo crivo da UESW, destaca-se que ano de 1990, Timothy Zahn, renomado escritor de ficção científica, devidamente contratado pelos studio Lucasfilm Ltd., escrevendo uma continuação da trilogia fílmica⁹⁹ que nunca havia sido passado nas películas do cinema,¹⁰⁰ sendo três obras: *Heir to the Empire* (Herdeiro do império - 1991), *Dark Force Rising* (Ascensão da Força sombria - 1992) e *Last Command* (O último comando - 1993), obras estas produzidas pela editora Batam em solos Estadunidense, e em terras tupiniquins foram publicadas pela editora Aleph.¹⁰¹

Convém relatar que, tal foi o sucesso dessas produções literárias, o período de silêncio, ou seja de jejum de obras literárias ligadas a saga cessou, ocasionando extensas obras que foram escritas por diferentes autores, desde 1994 até dezembro de 2017. Segundo

⁹⁷ C.f. HIDALGO, Pablo. *Star Wars: The essential reader's companion*. New York: Del Rey Books, 2012, p. 8.

⁹⁸ C.f. HIDLAGO, 2012, p. 9.

⁹⁹ Cabe ressaltar que a última produção da trilogia cinematográfica de *Star Wars*, ocorreu no ano de 1983, cujo topônimo é *Return of de Jedi* (O Retorno de Jedi), direção de Richard Marquand, produção de Howard kazanjian, roteiro de George Lucas e Lawrence Kasdan, produzido pela Twentieth Century Fox em conjunto com a Lucas Film.

¹⁰⁰ Cf. RODRIGUES, 2018, p. 78.

¹⁰¹ Cf. RODRIGUES, 2018, p. 84.

Rodrigues, ao mapeá-las se obtém a marca impressionante de 164 obras,¹⁰² publicadas entre as editoras Estadunidenses, Random House, Ballantine Books e Del Rey Books.¹⁰³

1.3.2 *Star Wars e sua classificação canônica*

Concernente a canonicidade destas obras, George Lucas no ano 2000, desenvolveu um sistema de bancos de dados denominado de *Holocron*, cuja finalidade está em trazer um certo grau hierárquico dessas obras da UESW, cuja classificação segue premissas quanto a sua originalidade e confiabilidade à história da saga conforme dados do quadro abaixo:

Quadro 1 - Os níveis canônicos da UESW e suas especificidades.¹⁰⁴

NÍVEL CANÔNICO	ESPECIFICIDADE
1° - G-canon (George Lucas canon)	São os filmes, e literaturas criados por George Lucas.
2° - T-canon (Television canon)	São as obras de caráter midiático como desenhos animados e séries que foram televisionadas.
3° - C-canon (Continuity canon)	São as produções que dão continuidade ao enredo de <i>Star Wars</i> , composta por livros, quadrinhos, jogos entre outros.
4° - S-canon (Secondary canon)	São trabalhos que são considerados como meros acessórios.
5° - D-canon (Deutors canon)	É uma série de animação cujo enredo não foca na história central de <i>Star Wars</i> (as guerras intergalácticas), mas seu foco está em situações do cotidiano, ou seja, desvios de sua história central.
6° - N-canon (Non canon)	Composta de todas as produções que não condiz com a historicidade da saga.

Embora os dados acima possam descrever bem o grau de canonicidade de cunho literário, fílmico, televisivo ou de anime da saga, em meados de 2012, a Lucasfilm foi comprada pela Walt Disney Co., o que acrescentou novos parâmetros ao sistema de classificação, agregando a partir deste ano novas obras a franquia *Star Wars*, permanecendo as obras que já faziam parte do canon anterior.¹⁰⁵ Nesse aspecto quanto a parte literária de publicação em solos Estadunidenses, a editora responsável pela literatura adulta é a Del Rey

¹⁰² É interessante relatar que a produção dessas obras do universo expandido de *Star Wars*, continua com força total, pois os dados apresentados por Sheila Rodrigues foram até 2017, porque ao trazer dados mais atualizados há o acréscimo de mais 05 obras, que foram produzidas até a data desta pesquisa, sendo as obras de 2018: *Most Wanted* (Rae Carson), *Last Shot* (Daniel José Older), *Thawn Alliances* (Timothy Zanh), e as obras de 2019: *Master Apprentice*, (Claudia Grey) e *Queen's Shadow* (E. K). Totalizando até o momento cerca de 169 livros considerados canônicos. C.f. COMBO POP. *Guia Cãnone de Star Wars*. Disponível em: <<http://combopop.com.br/guia-canone-de-star-wars/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

¹⁰³ Cf. RODRIGUES, 2018, p. 85-91.

¹⁰⁴ Quadro criado por este pesquisador, baseados em dados: Cf. RODRIGUES, 2012, p. 86.

¹⁰⁵ Cf. CORAL, Guilherme. *Entenda o universo expandido de Star Wars*. Disponível em: <<https://nosbastidores.com.br/o-que-e-universo-expandido-star-wars-entenda>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Books, e a parte infanto-juvenil ficou com a Disney-Lucasfilm Press.¹⁰⁶ Em solo brasileiro as editoras responsáveis pela literatura adulta, são: As editoras Aleph, Bertrand Brasil e Darkside, enquanto as editoras que publicam livros para o público infanto-juvenil são: As editoras Universo e a Cia do Livros.¹⁰⁷

1.3.3 *Star Wars e sua nova composição literária*

Quando George Lucas vendeu a Lucas Film Ltd. para Disney, em 2012, ocorreu que outras obras de diferentes autores e editoras acabaram por fazer parte da canon de *Star Wars*, tais premissas deram oportunidades para se criar diferentes composições literárias que causariam sabores e dessabores para os fãs.

Esses dessabores, pode-se citar o exemplo do próprio George Lucas que se indignou com essa nova forma de conduzir as histórias da saga. Quando procurou a Disney, em meados de 2012, com a finalidade de produzir uma nova trilogia cinematográfica, Lucas afirmou que não deram crédito ao que ele já possuía de escrito, e decidiram fazer suas próprias histórias sem a participação dele.¹⁰⁸ Quanto aos sabores dessas obras, pode-se relacionar as publicações da editora DK Random, em concomitância com a editora Disney, cujos trabalhos tem somado e contribuído para preencher as lacunas da saga fílmica.¹⁰⁹

Outras literaturas que são bem vistas, são as obras produzidas pela editora Chronicle Books, escritos por Daniel Wallace lançada no ano de 2013, uma série intitulada de *Star Wars: Secret of The Galaxy*, composta por 05 livros sendo os seguintes:¹¹⁰ *Book of Sith* (2013), *The Bounty Hunter Code* (2014), *The Jedi Path* (2015), *Imperial Handbook* (2016) e *The Rebel Files* (2018), os quais vêm acrescentar e desvendar mistérios nunca antes revelados, como detalhes dos treinamentos dos *Jedis*, *Siths*, caçadores de recompensa, entre outras curiosidades.¹¹¹

¹⁰⁶ Cf. RODRIGUES, 2018, p. 90.

¹⁰⁷ Cf. RODRIGUES, 2012, p. 100.

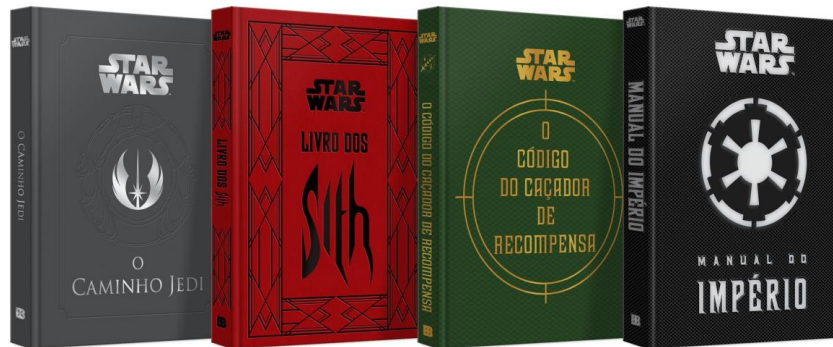
¹⁰⁸ Cf. BREZNICAN, Anthony. *George Lucas on Star Wars The Force Awakens: They weren't keen to have me involved*. Disponível em: <<https://ew.com/article/2015/11/20/george-lucas-star-wars-force-awakens-breakup>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

¹⁰⁹ Cf. RODRIGUES, 2012, p. 92.

¹¹⁰ Esta mesma série foi lançada no Brasil pela editora Bertand Brasil no ano de 2014, intitulada de Os Segredos da Galáxia, sendo composta pelas mesmas obras traduzidas como: Livro do *Siths* (2014), O Código do Caçador de Recompensas (2015), O Caminho Jedi (2016), Manual do Império (2015) e O Arquivo Rebelde (2018).

¹¹¹ Cf. RODRIGUES, 2012, p. 93.

Figura 01: Coleção os Segredos da Galáxia, versão brasileira.¹¹²



Nessa mesma premissa surge a editora Quirk Book escrita por Ian Doescher, que produz uma série intitulada de *William Shakespeare Star Wars*, composta por 08 obras, que fazem uma correlação da saga filmica com as peças de teatro shakespeariano, sendo elas: *Veruly, a New Hope* (2013), *The Empire Striket Back* (2014), *The Jedi Doth Return* (2014), *The Phantom of Manage* (2015), *The Clone Army Attacketh* (2015), *The Tragedy of The Sith's Revenge* (2015), *The Force Doth Awaken* (2017) e *Jedi The Last* (2018). É importante lembrar que tais obras ainda não foram traduzidas para a língua portuguesa e nem há uma data de previsão.

Outra obra bem interessante que soma a esses novos tipos de literatura chama-se *Star Wars: From a Certain Point View*, escrita por cerca de 40 autores, produzida pela editora Del Rey, lançado no ano de 2017 (ainda não publicada em português), com o intuito de homenagear os 40 anos de *Star Wars: Uma Nova Esperança*, primeiro filme da saga, em que apresenta perspectivas e interpretações em ângulos diferenciados de cenas do filme por personagens de segundo escalão.

Como pode-se verificar ao longo desta seção, a saga *Star Wars* vem sofrendo constantes remodelações, desde o campo literário até ao campo filmico, por conta da flexibilidade de sua nova mantenedora, a Walt Disney Co, acrescentando vários enredos a história da saga. Nesse aspecto, surgem várias construções interdiscursivas que dão origem a obras que não têm nada a ver com o enredo original, mas que fazem paralelismo de suas histórias com vários campos do saber popular, científico e religioso.¹¹³ Este último caso abordar-se-á no próximo capítulo.

¹¹² STAR WARS. Box os Segredos da Galáxia. Disponível em: <<http://m.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/ficcao-cientifica/box-star-wars-4-volumes-13161395>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

¹¹³ Ao navegar pela web espaço, e fazer uma pesquisa sobre as obras literárias de *Star Wars* e sua correlação aos campos do saber, podem-se destacar os seguintes trabalhos: Pelo campo Religioso: *The Darma of Star Wars* (2005), *The Tao of Star Wars* (2015), *The Gospel Acoording to Star Wars* (2007); Campo Filosófico: *The Ultimate Star Wars and Philosophy* (2005); Campo Gastronômico: *Star Wars: Cookbook* (1998), *Star Wars*

2 DA FICÇÃO PARA A COGNIÇÃO RELIGIOSA

Ao se estabelecer determinados parâmetros de uma possível correlação da literatura de *Star Wars* com o campo cognitivo da religião, a proposta deste capítulo não é formar uma axiologia, mas seguir a possibilidade interpretativa, como Cassirer, que afirma que esse tipo de ideário acreditava na espontaneidade de pensamento e estava longe de restringi-lo, devendo “sem dúvida analisar, examinar, mas também provocar, fazer nascer”.¹¹⁴

Sugerindo está proposta interpretativa, utilizando do *sapere audi*¹¹⁵. Tal *mote* kantiano é importantíssimo na exposição deste capítulo, uma vez que a subjetividade e a capacidade estética de recepção se fará constante nesta pesquisa, cuja premissa se utilizará deste ideal de Kant, afirmando que é preciso que o homem faça seu próprio esclarecimento das coisas, ou seja, a saída da menoridade sendo esta entendida como a capacidade de cada indivíduo de usar autonomamente seus intelectos.¹¹⁶

Destarte, esse capítulo se ocupa em fazer o entendimento do que vem ser a *Força* na LSW, definindo-a, classificando-a e fazendo analogias com princípios filosóficos e religiosos, bem como de examinar as figuras epistêmicas elípticas, assim como as figuras epistêmicas patentes, mostrando suas características particulares e atuantes, para então, propor uma relação de interdependências entre as mesmas.

2.1 Conceituando a Força

Ao se conceituar a *Força*, parte-se da compreensão de duas tipificações distintas, a saber como ela é composta: A *Força*, Viva e a *Força* Unificadora. A primeira é delineada como um campo energético criado por todas as coisas vivas, sendo uma energia pessoal inteiramente acessível. A segunda, entretanto, é um poder cósmico, onipotente, que está presente no tempo e espaço, cujo acesso é somente através da reflexão e a paciência.¹¹⁷ Essa

Cookbook: Han Sandwiches and Other Galactics Snacks (2018); Campo popular: *The World According to Star Wars* (2016). Convém destacar que ainda há uma obra que traz uma perspectiva híbrida (mescla a religião, filosofia e mística), cujo assunto engloba a relação de Star Wars a simbologia, mitologia e filosofia que se chama: *The Star Wars Heresies: Interpreting the themes, symbols and philosophies of episodes I, II e III* (2013).

¹¹⁴ Cassirer propõe em sua obra “A filosofia Iluminista” todo o esclarecimento o que essa nova ideologia representou e representa até hoje para a contemporaneidade, no que tange a forma de pensar e agir do homem. Para mais informações consultar: CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 10.

¹¹⁵ Esse tipo de Aforismo Kant desenvolveu em seus postulados chamados de: Pergunta: O que é Iluminismo? Cujas proposições eram desenvolver e apresentar as suas teorias da aplicação da Razão na esfera pública de assuntos humanos. Para mais informações. Cf. KANT, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 46.

¹¹⁶ Cf. KANT, 1992, p. 47.

¹¹⁷ Cf. WALLACE, Daniel. *O Caminho Jedi: Um manual para estudantes da Força*. 3. ed. Rio de Janeiro:

dupla natureza da *Força* ocorre de maneira simbiótica, pois a primeira é uma energia criada por todos os seres, cuja compreensão cognitiva está ligada a uma entidade sensível dotada de pensamento inteligente, como um tipo de deus, ou ainda, a algo que pode ser manipulado e usado simplesmente como se fosse uma ferramenta ou até uma arma de guerra.¹¹⁸

Cabe aqui ressaltar que estas duas propostas hermenêuticas da *Força*, suscitadas anteriormente, definem sua utilização, seja para praticar o bem, ou para fazer o mal, cujos princípios de medição de intensidade são proporcionais a quantidade de *midi-clorians*¹¹⁹ que cada indivíduo detém, no caso os *Jedis* e *Siths*.

Em uma das explicações que a *Força* tem, segue princípios epistêmicos baseados no cosmos, se delinea nos vários aspectos de energia, composto de três maneiras: O *Aperion*, *Anima* e o *Pneuma*, conforme afirma Wallace:

O *aperion* é responsável de reunir toda a matéria, dando-lhe forma e coesão, sendo que seus aspectos estão a gravidade e o eletromagnetismo, bem como sua área de atuação engloba todo espaço e tempo. O *anima* dá a vida, mas não pensamento, sendo encontradas em todas as formas de seres vivos, como plantas e animais. O *pneuma* é a expressão de pensamento consciente em que mentes pensantes contribuem para o *pneuma* coletivo.¹²⁰

Observando essas três características da *Força* definidas por Wallace, não há como deixar de fazer uma analogia com a origem do cosmos e de todos os seres vivos, seguindo princípios filosóficos ou teológicos,¹²¹ pois ao usar os termos *aperion*, *anima* e *pneuma* tem-se entendimento que a *Força* está atuante em todas as coisas.

Outro conceito a *Força*, sua relação está intrinsecamente ligada ao campo científico,¹²² saindo do “misticismo romântico”¹²³ para inferências que se baseiam em

Bertrand Brasil, 2016, p. 23.

¹¹⁸ Cf. WALLACE, 2016, p. 23-24.

¹¹⁹ *Midi-clorians* pode ser definido como um tipo de organela inteligente que vive dentro de cada célula em cada indivíduo, sendo responsável pelo uso da *Força* nos corpos, ou seja, em sua essência essas vidas inteligentes são a conexão entre a mente do ser e a *Força*, ao qual faz com que certos indivíduos sejam capazes de manipula-las. Para mais informações consultar: WALLACE, 2016, p. 28.

¹²⁰ Cf. WALLACE, Daniel. *Livro do Sith: Segredo do lado Negro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 130.

¹²¹ Entende-se como princípios filosóficos e teológicos os termos como *aperion* que em seu sentido de literalidade de origem grega significa “sem limite” em que Anaximandro defendia como sendo uma mistura entre o quente e o frio que originou todas as coisas, o *pneuma* (pneuma) cuja raiz ora filosófica e teológica que significa um vento quente rarefeito de natureza espiritual que está presente em todos os seres, sendo um princípio da vida, o *anima* termo latino que vem da palavra grega *psique*, que significa as habilidades mentais de um ser vivo, sejam conscientes ou inconscientes. Para mais informações consultar em: NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada da filosofia: Das origens a idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

¹²² É interessante destacar que esse lado científico da *Força*, surgiu em meados de 1999, na película cinematográfica denominada de *Star Wars I: A Ameaça Fantasma*, em que associa a quantidade de *midi-clorians* (organela celular parecido com as mitocôndrias), dos seres vivos a indicação que essa criatura pode ter aptidão para ser um *Jedi*. Tal fato ocasionou certos impasses em fãs, por conta desse viés científico, uma vez que perdesse o sentido divino, espiritualizado e encantado, da *Força*. Cf. NARCISSE, Evans. *20.000 Por Célula: Por*

experiências científicas, procurando compreender os princípios motores que regem a *Força*, “em vez de ser criada pela vida, a *Força* acaba criando a própria vida”¹²⁴. Esse tipo de epistemologia se concatena com a capacidade da humanidade em construir o mundo a sua maneira, um *self mad man*, que liga o mundo do “Eu interior com o Eu exterior”, sai de cognições providencialistas (míticas, divinas, espirituais), para cognições mais científicas pautadas na razão.

2.1.1 Tipificando a Força

Ao tipificar a *Força* segue-se um princípio dicotômico determinado pelos agentes que a utilizam, no caso os *Jedis*, portadores do lado luminoso e os *Siths*, possuidores do lado negro. É interessante frisar, nesta secção, quem são, bem como, a interpretação da *Força* para cada um.

Os *Jedis* são um conjunto de indivíduos que tem por princípios laborais agir em comum acordo com a *Força*, respeitando seus limites, fugindo de tentações como: A paixão, medo, raiva e o ódio. Sua filosofia está compilada em um código de conduta, uma espécie de *Kanon Jedi*, cinco preceitos, a saber:

Quadro 2 - Os Preceitos e as diretrizes do Código Jedi.¹²⁵

PRECEITO	DIRETRIZ A SEGUIR
1º	Não Há Emoção, Há paz: Tal princípio ensina que deve-se agir com prudência e ver ações através da lente da <i>Força</i> , para que não aja de forma precipitada em certas ações.
2º	Não há Ignorância, Há Conhecimento: Essa é uma das diretrizes que estão ligadas ao <i>Jedi</i> de sempre buscar se aperfeiçoar em aprender mais e mais, através de arquivos, para que assim possa compreender certas situações, para que não possa cometer erros.
3º	Não Há Paixão, Há Serenidade: Nesse preceito as ações devem ser realizadas de caracteres da noética, ou seja, pensada e refletida, para que os desejos pessoais não possam atrapalhar nos resultados finais de missões.
4º	Não Há Caos, Há Harmonia: A compreensão desta diretriz, está diretamente associada ao equilíbrio simbiótico que há no universo para existência de tudo que há.
5º	Não Há Morte, Há Força: Todos os seres um dia morrem, mas as <i>Forças</i> que há neles sobrevivem e se unem em uma única energia cósmica.

que os midi-clorians sugam. Revista eletrônica Times. Disponível: <<http://techland.time.com/2010/08/10/20000-per-cell-why-midi-chlorians-suck/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

¹²³ Cf. WALLACE, 2014, p. 129.

¹²⁴ Cf. WALLACE, 2014, p. 129.

¹²⁵ Quadro criado por este pesquisador, baseados nos dados: Cf. WALLACE, 2016, p. 46.

Figura 02: Símbolo da Ordem Jedi.¹²⁶Figura 03: Cavaleiro Jedi.¹²⁷

Os preceitos estabelecidos no quadro denotam princípios de moralidade, ética, espiritualidade e religiosidade, o que acaba se transmutando, seja das películas cinematográficas, seja das obras literárias da saga, para o campo da realidade, influenciando indivíduos que se encantam com os preceitos *Jedis*, interpretando como um caminho filosófico moderno de vida, ou uma religião, o *Jediism* (Jediismo).

O *Jediism* obteve destaque na imprensa midiática em um censo realizado no ano de 2001, no Reino Unido, em que pessoas se declararam adeptos do *Jedi Knight* (no Brasil, Jediismo). Na época isso tornava essa religião como a quarta maior do país. Este fenômeno sócio religioso não foi um fato isolado, pois ocorreu na Austrália, com cerca de setenta mil adeptos, Nova Zelândia, com cinquenta e três mil e no Canadá cerca de vinte mil *Jedis*.¹²⁸

Existe uma expansão do Jediismo em terras tupiniquins, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, onde seus preceitos se baseiam no código *Jedi*, cujas reflexões e estudos são compartilhados na sua página da internet, onde marcam eventos virtuais, por programas de vídeo conferência. Tais encontros intitulados de templos virtuais, em que um de seus pressupostos está em requerer que seus participantes apenas estude os princípios cognitivos da *Força*, sem necessidade de abandono de uma confessionalidade anterior. Tal prerrogativa denota vieses de caracteres não exclusivistas.¹²⁹

¹²⁶ Cf. STAR WARS. *Símbolo da Ordem Jedi*. Disponível em: < <https://symbolismofthings.com/significado-simbolos-star-wars-simbolismo/>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

¹²⁷ Cf. WALLACE, 2016, p. 114.

¹²⁸ Cf. Cavaleiros Jedis Exigem que a Quarta Maior “Religião” Da Grã-Bretanha Receba Reconhecimento. *Mail Online*, 16 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-416761/Jedi-Knights-demand-Britains-fourth-largest-religion-receives-recognition.html>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

¹²⁹ Cf. *Ordem Jedi do Brasil*. Disponível em: <<http://ordemjedi.com.br/ordem/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

Os *Siths* são aqueles que divergem dos princípios *Jedis*. Sua premissa se associa as emoções negativas e fortes, ligado a morte e a destruição, cujas características estão associadas a percepções de empregabilidade individuais, ligados a sentimentos de raiva, medo, frustração, inveja e ódio, pois este último preceito (ódio), se torna a principal mola propulsora de empoderamento que emana deste tipo de *Força*. Assim como os *Jedis*, eles se baseiam em um código de conduta, que funciona como um tipo de mantra, pois ao se fazer inúmeras repetições se sentem mais fortes, a saber:

Quadro 3 - Os Preceitos e as diretrizes do Código Sith.¹³⁰

PRECEITO	DIRETRIZ A SEGUIR
1º	A paz é uma Mentira, só Há Paixão: Tal princípio ensina que deve-se agir e viver com um tipo de consciência negativa, para que tal princípio da paixão (raiva, rancor e ódio), possa se fortalecer.
2º	Através da Paixão eu Ganho Força: Esse sentimento de paixão (raiva, rancor e ódio), fará com que o indivíduo no lado negro fique cada vez mais forte e invencível.
3º	Através da Força eu Ganho Poder: Nesse preceito, havendo a devida união do indivíduo com o lado negro suas ações denotarão em alcançar poderes ilimitados, que doravante não possuía.
4º	Através do Poder Ganho Vitória: A compreensão desta diretriz, está diretamente associado que o poder que o lado negro proporciona, levará a conseguir suas metas e objetivos finais.
5º	Através da Vitória Minhas Correntes São Quebradas: Essas vitórias que o indivíduo alcança, seja qual for o desafio, levará a romper com as fraquezas pessoais que cada indivíduo possui.
6º	A Força me Libertará: Essa liberdade, só se alcança experimentando os lados mais obscuros que o lado negro da <i>Força</i> pode oferecer, descobrindo seus verdadeiros desejos de poder.

Figura 04: Símbolo da Ordem Sith.¹³¹

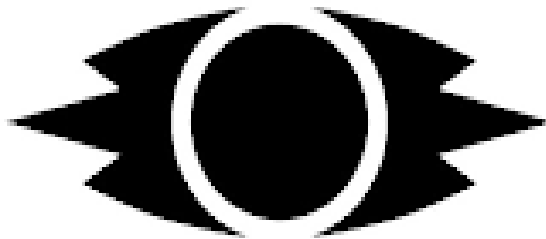


Figura 05: Guerreiro Sith.¹³²



¹³⁰ Quadro criado por este pesquisador, baseados nos dados: Cf. WALLACE, 2014, p. 47.

¹³¹ Cf. STAR WARS. *Símbolo da Ordem Sith*. Disponível em: <<https://xn--oo-yjab.cl/heraldica-star-wars-simbolos-escudos/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

¹³² Cf. *The Death Battle*. Disponível em: <https://deathbattlefanon.fandom.com/wiki/Darth_Malgus>. Acesso em: 19 fev. 2019.

Esses nuances estigmáticos que o lado negro da *Força* propõe aos *Siths*, denotam narcisismo, maquiavelismo e psicopatia, conhecida dentro do campo da psicologia como “tríade da personalidade malévola, ou tríade sombria”¹³³, gerando o egoísmo, falta de empatia, manipulação, falta de moralidade, foco em interesses particulares, comportamento de misantropia, forte impulsividade, falta de sensibilidade, remorso, ou arrependimento de seus atos.¹³⁴

O lado negro e o lado luminoso da *Força*, por mais que seus *modus operandi* sejam divergentes em muitos sentidos, ambos, de sua maneira, chegam a um possível equilíbrio e ataraxia,¹³⁵ pode-se dizer, seja por princípios altruístas, ou por princípios misantropos, que a *Força* lhe podem proporcionar. Neste sentido, nas próximas secções deste capítulo, suscita-se algumas similitudes religiosas e filosóficas, seus ideários doutrinários análogos como a *Força*.

2.1.2 A *Força* e sua similitude religiosa

Tanto a trama cinematográfica, como a literária da saga *Star Wars*, quanto os preceitos cognitivos da *Força*, de maneira análoga são inspirados em preceitos e arquétipos que partem da mística, espiritualidade e religiosidade de algumas religiões orientais, como o Confucionismo, Zen-budismo, Taoísmo, Hinduísmo, Xintoísmo, religiões de origens Abraâmicas, como o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, e religiões de menores proporções como dos povos das ilhas Polinésias e dos povos indígenas das Américas.¹³⁶

Pelo campo religioso, o fluxo natural de energia da *Força*, sua similitude é idêntica ao *Qi*, *Chi*, ou *Ki*,¹³⁷ termos estes utilizados nas religiões de origem oriental, como o Xintoísmo, Budismo e Confucionismo, sendo-os caracterizados como uma *Força* vital, ou

¹³³ Cf. JAKOBWITZ, Sharon. EGAN, Vicent. A Tríade Sombria e Traços Normais de Personalidade. *Personalidade e diferenças individuais*. Revista eletrônica do departamento de psicologia da universidade de Glasgow [online]. Glasgow – Escócia, v. 2, set., 2005, p. 331-339. Disponível em: <https://www.academia.edu/157853/The_dark_triad_and_personality>. Acesso em: 19 fev. 2019.

¹³⁴ Cf. JAKOBWITZ; EGAN, 2005, p. 331-339.

¹³⁵ Ataraxia é entendida como a paz de espírito que cada indivíduo deve encontrar, cuja origem desse termo remonta da filosofia helenista das escolas epicurista, estoica, cínica e cética, a qual o objetivo da vida humana deve ser a felicidade, que deve ser encontrada na tranquilidade de espírito. Para mais informações como cada escola filosófica interpreta como deve ser alcançada essa felicidade, consultar em: UBALDO, 2005, p. 117.

¹³⁶ Cf. *A Mitologia de Star Wars com George Lucas e Bill Moyers*. Café Filosófico. Disponível em: <<http://youtu.be/b-12DKq83o0>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

¹³⁷ Os termos qi, chi ou ki, seus significados são polissêmicos, ou seja, que remetem a mais de 20 significados como por exemplo: Ar, Cheiro, espírito, vigor, moral, energia vital, respiração, aspiração, energia vital. Cf. CHI, QI, KI: *Energia vital*. Disponível em: <<http://uniaofhp.com.br/estudo/energia-chi-qi-ki-energia-vital/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

energia vital, que está presente em todos os seres¹³⁸. No Taoísmo, a energia espiritual se apresenta como o *Yin e Yang*, sendo dois tipos de *Forças* dicotômicas necessárias para o equilíbrio e a existência do cosmos, ou seja, um conjunto diferenciado de tudo que existe, mas também um princípio que está na origem do caminhar de cada um, sendo ainda compreendido como o que há de mais profundo e misterioso, que faz com que tudo seja como é.¹³⁹

No Hinduísmo existe um termo denominado de *Prana*,¹⁴⁰ cujos princípios religiosos são análogos ao da *Força* em *Star Wars*, pois seu significado denota uma *Força* vital ou princípio vital, relacionado a realidade em seus diferentes tipos de estrutura, cujos ensinamentos epistêmicos estão descritos nos Vedas e Upanishads.¹⁴¹

Alguns povos das ilhas da Polinésia, do Havaí, da Nova Zelândia e do Taiti possuem sistemas de crenças que preconizam o *Mana*, sendo compreendido como uma energia espiritual sagrada e impessoal, de objetos da natureza ou de pessoas, que, ao possuir esse tipo de energia, ganha prestígio e autoridade, cujo empoderamento ocorre por ações pessoais, sendo volátil.¹⁴² Neste sentido, não há como desvincular essa peculiaridade no que diz respeito ao prestígio e a autoridade que a *Força*, na saga *Star Wars*, realiza na vida daqueles que a possuem.

Os povos indígenas da América do Norte (Iroquios, Alonquinos entre outros grupos étnicos) tem crença pautada em uma *Força* espiritual denominada de: *Manitou*, *Orenda* ou ainda de *Iroquios*. Esta *Força*, que se encontra em todos os ambientes, pode ser transmitida e manipulada de acordo com a vontade de seu detentor.¹⁴³ Esse hábito de transmissão como de manipulação, se assemelha a maneira como a *Força* é utilizada em *Star Wars* pelas classes *Jedis* e *Siths*.

¹³⁸ Cf. YOKE, Ho Peng. *Li, Qi, Shu: Uma Introdução à Ciência e Civilização na China*. New York: Mineola, 2000, p. 46.

¹³⁹ Entende-se esse caminhar como sendo um dos cerne da filosofia Taoista, sendo um princípio espontâneo que faz parte da natureza e de seu próprio fluir natural, sendo invisível, inaudível e intangível, em que sua influência deve ser de caráter espontâneo. Para mais informações consultar: POTER, John, M. *The Tao of Star Wars*. Arizona: Green Dragon Publishing Group, 2003, p. 55.

¹⁴⁰ O *Prana* é uma das tipificações dos *Vayu*, diretriz esta que faz parte da composição do corpo humano, sendo: *Prana*: Refere-se ao processo de respiração de imperar e aspirar; *Apãna*: Sua localização parte dos sistemas de excreção do corpo humano, como quadris e intestinos; *Uñana*: Tipo de energia cuja localização se situa na garganta, pelas cordas vocais, explicitado no ato de falar, cantar, rir e chorar; *Samana*: Localize-se no intestino, responsável pela digestão; e por último o *Iyana*: E energia do sistema circulatório do corpo. Cf. WILKINSON, Philip. *Guia ilustrado Zahar de Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 170.

¹⁴¹ Cf. WILKINSON, 2011, p. 168.

¹⁴² Cf. TIKANGA. *Mana o Que é Isso*. Disponível em: <<http://www.maori.org.nz/tikanga/default.php?pid=sp98&parent=95>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

¹⁴³ Cf. HEWITT, Jonh. Napoleon. Brinton. *Orenda And a Definicion of Religion*. *Magazine American Antropologist* [online]. v. 4, n.1, jan.-mar., 1902, p. 33-46. Disponível em: <<http://anthrossouce.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/aa.1902.4.1.02a00050>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Convém relatar que as religiões de origens Abraâmicas, o termo do judaísmo, *Ruach*, no cristianismo, *Pneuma* (termo emprestado dos gregos), islamismo, o *Ruh*, denotam aquilo que entendemos em português como espírito, sendo oposto alma (*Nefesh*, judaísmo, *Psiquê* do cristianismo e *Nasf* do islamismo). Estas divergências ontológicas sobre a composição tricotômica ou dicotômica do ser humano coadunam com a dualismo da *Força* de *Star Wars*, como suscitados anteriormente. O lado luminoso sempre preza pelo conhecimento e foge dos desejos e paixões, para que determinado indivíduo possa alcançar uma paz interior, ou paz de espírito, contrariando o lado negro que utiliza dessas vontades e paixões para conseguir os seus objetivos finais.

A *Força* ainda possui uma possível proposta relacionada a capacidade de curas físicas que se coaduna ao campo religioso, como por exemplo no texto neotestamentário de Marcos 5:25-34, Jesus curou uma mulher que estava com uma hemorragia intensa. No meio de uma multidão sentiu que algo (pessoa) o tocou e que uma virtude havia saído dele, como uma energia magnética, ou uma biogênese, curando com a soma de sua fé.¹⁴⁴

2.1.3 A *Força* e sua similitude filosófica

Concernente ao aspecto filosófico que há na *Força* em *Star Wars*, pode-se associar ao conflito entre os dois agentes que envolvem essa trama. Sabendo que os *Jedis* preconizam relações altruístas que enfatizam a temperança, pureza e a razão, e os *Siths*, como aqueles que pela busca de poder absoluto, priorizam o conflito, a emoção e outras ações espúrias. Nesses contrastes temos o “paradoxo filosófico moral entre a luz e a escuridão, o bem versus o mal, ou ainda a dialética do ser do apolíneo e o dionisíaco”.¹⁴⁵

As aporias que envolvem os dois seres dessa relação dicotômica filosófica, seu *locus* cognitivo, pode ser bem compreendido no significado no mito greco-romano do *Apolíneo* e *Dionísio*,¹⁴⁶ uma vez que tais preceitos filosóficos, respeitando suas devidas hermenêuticas

¹⁴⁴ A palavra virtude nesse contexto, não pode ser entendida somente em um sentido de ética, mas o uso dessa palavra tem a ver com poder, *Força*, vindo da raiz etimológica grega *dunamis*, dando origem as palavras dínamo, dinâmica, dinamite, que se subntende, como sendo uma poderosa energia ativa que saiu de Jesus e que em contato com a energia e suas condições morais criadas dentro desta mulher por sua fé, a mesma obteve a cura. Para mais informações. Cf. BUTLER, Walter Ernst. *Magia Ritual, Poder e Propósito*. 2 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997, p. 26.

¹⁴⁵ Cf. PÉREZ, Eduardo. *O paradoxo da Força: A Busca Pelo Equilíbrio em Star Wars*. Disponível em: <<http://andphilophy.com/2017/03/13/the-paradox-of-the-force-the-quest-for-balance-in-star-wars/>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

¹⁴⁶ O mito greco-romano de Apolíneo e Dionísio, remete o primeiro sendo o deus Apolo, deus do sol, da racionalidade, da ordem, prudência e pureza, em contraste ao seu irmão Dionísio, deus do vinho, da irracionalidade, do caos e das emoções. Embora seus conceitos denotam paradoxos entre si, os gregos antigos não observavam eles como inimigos. Cf. FRANCHINI, A. S. CARMEN, Segnfredo. *As 100 Melhores Histórias*

temporais, foram abordados nos postulados de: Nietzsche, Rudolf Steiner, Abert Szent-Györgyi, entre outros, que utilizam o conto mítico com o objetivo de explicar o ser existencial da humanidade, a relação entre ciência e a espiritualidade, bem como a descoberta do saber científico.

Em Nietzsche, o mito se associa a figura do que é perfeito, ou seja, do sublime, cuja premissa se baseia na interação entre esses ideários míticos. Na perspectiva nietzschiana, o apolíneo vem ser aquele que através de uma percepção crítica, consegue separar o homem de suas emoções mais próximas, em contraste com a nossa natureza dionisíaca, cuja premissa segue um viés estritamente coadunados aos desejos emocionais.¹⁴⁷

Para Rudolf Steiner, o mito do apolíneo e dionisíaco se refere à história e a evolução espiritual da humanidade, cujos postulados se associam vieses dicotômicos a fim de encontrar possíveis pontos de convergência entre a ciência e a espiritualidade humana, ou seja, a razão e a emoção. Essas polaridades, em vez de serem excludentes, ou submissas entre si, na verdade acabam uma completando a outra, ou seja, havendo assim um certo equilíbrio entre essas esferas do conhecimento. O papel do ser humano consiste em agir com imparcialidade entre ambos os lados.¹⁴⁸

Abert Szent-Györgyi, assim como Nietzsche e Rudolf Steiner, aborda a tensão apolíneo-dionisíaco com o propósito de esclarecer que uma descoberta científica deve possuir padrões que contrariam as cognições já existentes. O princípio motor de seus pressupostos está em dividir os pesquisadores científicos de dois modos distintos: Os apolônios, sendo estes seguidores do método científico, cujas pesquisas visam padrões somente por epistemologias empíricas, e os dionisíacos, cujos pressupostos vão além dos dados empíricos, confiando em sua capacidade de intuição, levando a resultados que vão além dos esperados pelo método científico. Essa dicotomia é essencial para a ciência, dela saem os parâmetros do que é conhecido e esperado, para ir para o campo do desconhecido e inesperado, sendo vital para novas descobertas.¹⁴⁹

da Mitologia: Deuses, Heróis, Monstros e Guerras da Tradição Greco Romana. 9.ed. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 24-30.

¹⁴⁷ Cf. CARO, Adrian Del. Classicismo Dionisíaco, ou Apropriação de Nietzsche de Uma Norma Estética. *Journal Of The History Of Ideas* [online]. v. 50, n.4, out-dez., 1989, p. 589-605. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2709799?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 21 fev. 2019.

¹⁴⁸ Cf. WELLBURN, Andrew. *A Filosofia de Rudolf Steiner e Crise do Pensamento Contemporâneo*. São Paulo: Madras, 2005, p. 38.

¹⁴⁹ Cf. SZENT-GYÖRGYI, Abert. *Dionísios e Apolônios*. *Science* [online]. v. 176, ed. 4038, jun. 1972, p. 966. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/176/4038/966.1>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

Outra possível similitude da *Força* com preceitos filosóficos é a proposição da *Força Ódica*, teoria desenvolvida pelo filósofo alemão Karl Reichenbach,¹⁵⁰ sendo um tipo de *Força* cósmica que descreve a união de todas as coisas no universo, compreendida como uma forma de energia que é transformada ou metabolizada em energia imanente.¹⁵¹ Essa *Força* também conhecida como princípio vital ou Bioenergia, surge o topônimo da “*Força* magnética ou magnetismo animal”,¹⁵² associada a capacidade do indivíduo fazer o devido controle, pelo pensamento e pela vontade, pois esse tipo de energia acaba se tornando responsável por curas físicas, psíquicas e espirituais.

2.2 Figuras epistêmicas elípticas em *Star Wars*

Para estabelecer quais as figuras epistêmicas elípticas estão presentes na LSW é preciso identificar que tipos de epistemologias podem compor essa trama literária. Neste sentido utiliza-se como princípio de delimitação metodológica o embate entre os *Jedis* e *Siths*. Os primeiros, se auto definem como defensores da galáxia, respeitando a vida e lutando sempre pelo bem comum de todos, e os *Siths*, como aqueles que utilizam da *Força* por princípios fixados nos desejos e vontades individuais, sendo suas emoções de caráter destrutivas, a serviço do ódio e da cobiça.

Quanto a esse antagonismo, Wallace argumenta que os *Siths* utiliza suas crenças, bem como suas vontades, para desafiar as restrições da “ortodoxia”¹⁵³, tendo por bases princípios individuais e egoístas, em contrapartida os *Jedis* seguem princípios mais ortodoxos, ou éticos, pode-se assim dizer, cujo cerne está na humildade e no bem coletivo de todos.¹⁵⁴

Nesses princípios de desejos antagônicos dos agentes, suas ações preconizam de perto a “moralidade do mestre-escravo de Nietzsche”¹⁵⁵. Nos *Siths*, o cerne de suas ações, é análoga a moralidade do mestre dos pressupostos nietzschianos que seguem padrões que

¹⁵⁰ Karl Reichenbach é mais conhecido no mundo científico por suas descobertas, pela a invenção do querosene e da parafina, entretanto no campo filosófico desenvolveu a teoria do princípio vital (*Força* ódica ou simplesmente chamou de Od.), ao qual em suas pesquisas estabeleceram a existência de uma *Força* que subia todas *Forças* naturais, ou seja, um princípio que une todas as coisas, em que mais tarde se chamaria de magnetismo animal. Para mais informações. Cf. BUTLER, 1997, p. 20-26.

¹⁵¹ Cf. WAGNER. Alegretti. *Retrocognições*: Pesquisa da memória de vivências passadas. Foz do Iguaçu: Editares, 2010, p. 67.

¹⁵² Cf. WAGNER, 2010, p. 68.

¹⁵³ A raiz etimológica da palavra ortodoxia vem da união da palavra grega *Orto* (reto, correto), e da palavra *Doxa* (opinião, glória), ao qual segue princípios que são geralmente aceitos e estabelecidos por um determinado sistema ideológico, político social, econômico e religioso, ou seja, sendo um conjunto de diretrizes a serem seguidos por um determinado grupo. Para mais informações. Cf. BUENO, Francisco da Silva. *Grande Dicionário Etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968. v.6, p. 545-548.

¹⁵⁴ Cf. WALLACE, 2014, p. 67.

¹⁵⁵ Cf. Nietzsche, Nietzsche. *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 36.

visam a valorização do poder e orgulho, enquanto a moralidade do escravo, no caso os *Jedis*, se baseia em princípios que valorizam a bondade, empatia entre outros princípios altruístas.

Nesse ideário de batalhas dos contrários, concernente as figuras epistêmicas elípticas que compõe essa seção, destaca-se: A epistemologia da moral (da parte dos *Jedis*), a teologia Pragmática ou utilitária (da parte dos *Siths*), e uma teologia messiânica por conta da origem de Darth Vader (Anakin Skywalker).

2.2.1 A Epistemologia da moral

Ao relacionar uma das figuras epistêmicas elípticas em *Star Wars*, há presente em sua trama literária uma epistemologia da moral, ligada os dogmas que os *Jedis* têm em sua filosofia de vida, seguindo um ideário de princípios morais, éticos e bons costumes.¹⁵⁶ Tais preceitos se relacionam as cognições do cristianismo, campo que será delimitador epistemológico nesta seção, embora em outras religiões como budismo, islamismo, taoísmo, entre outras também hajam princípios análogos da ética e moral.

Entende-se por moral como sendo um conjunto de regras, padrões e normas adquiridos em uma sociedade por meio da cultura, cotidiano e costumes advindo da sociedade e da família, ou seja, aquilo que deve ser considerado padrão normativo, correto e ético em uma sociedade, seja por princípios religiosos, filosóficos ou sociais, de um período de tempo ou lugar.¹⁵⁷

Sobre esses princípios éticos e morais cabe uma explicação, pois tem-se o entendimento que tais práticas segue a premissa de que cada indivíduo tem a escolha de participar ou não de determinadas práticas, sejam elas imputadas ou não por sistemas religiosos, filosóficos, políticos, sociais e econômicos. Por exemplo no início da era cristã, os primeiros cristãos escolheram não aceitar práticas religiosas, culturais e até políticas do sistema romano, motivo pelo qual foram acusados de misantropia, infanticídio, canibalismo entre outras mazelas, sendo perseguidos e mortos.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Os princípios morais e de bons costumes, neste tópico estão ligadas as características de princípios bíblicos como exemplo, em que muitas de suas perícopes em textos vetero e neo testamentários transmite uma ideologia de unidade, paz, alegria, amor, como princípios éticos a serem seguidos. Para mais informações quanto a esses princípios éticos cristãos consultar em: GEISLER, Norman L. *Ética Cristã: Alternativas e Questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova. 2006.

¹⁵⁷ Para mais informações consultar. Cf. VALLS, Álvaro L. M. *O Que é Ética*. Coleção Primeiros Passos. n. 177. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 48-60.

¹⁵⁸ Sobre essa questão de segregação social, religiosa e política dos cristãos, quanto a sua perseguição e morte dos mesmos, para mais informações consultar: GONZÁLES, Justo L. *A Era dos Mártires* v. 1. São Paulo: Vida Nova. 1995, p. 40-79.

Nesse interim quanto aos *Jedis*, segundo Wallace, sua premissa segue certa moralidade e ética que são relacionados ao altruísmo, ou seja, na humildade, no amor, no cuidar com o próximo e na paz de espírito, sendo virtudes contrárias ao egocentrismo, misantropia e ao orgulho (*Siths*),¹⁵⁹ características análogas a princípios cristãos bem explícitos e expostos em textos neotestamentários, exemplo, o de amar o próximo como a ti mesmo (Mc. 12:31), ou de viver em comunhão uns com os outros (At. 2:42-47), ou ainda de estar em alegria, cuidando uns dos outros e aconselhando (Cl. 3:16), nota-se aqui que essa premissa cristã.

2.2.2 *Epistemologia pragmática ou utilitária*

A epistemologia pragmática ou utilitária em *Star Wars*, está relacionada com as ações dos *Siths* para com todos os agentes que há na saga, pois essa classe segue princípios individualistas maquiavélicos de conquista, de poder acima de tudo e de todos, cuja ordem do discurso pode ser resumida no seguinte adágio:

Aqueles que seguem o lado negro sempre confundem seu poder com uma prova de que encontram o caminho. Sim o lado negro oferece poder, mas é poder sem controle ou direção. Aqueles que o detém carecem de habilidades para fazê-lo com sabedoria.¹⁶⁰

Os *Siths* seguem a individualidade, cujas emoções destrutivas estão a serviço do ódio e da cobiça, e se possível for alcançar um poder sem controle. Quanto às características utilitárias e pragmáticas do *Siths*, há uma relação de caráter normativo, um certo tipo de antinomismo, ou seja, as normas são desobedecidas em muitos casos com o intuito de alcançar seus objetivos finais. Há casos que ocorrem atos de irracionalidade e de extrema crueldade mesmo para com seus pares. Por exemplo, uma das prerrogativas da epistemologia *Sith* é conhecida como “regra de dois”¹⁶¹, em que há a figura de apenas dois agentes, sendo um mestre (*Lord*) e um aluno (*Darth*), o processo do saber culmina em matar seu mestre.¹⁶²

¹⁵⁹ Cf. WALLACE, 2016, p. 23-25.

¹⁶⁰ Cf. WALLACE, 2014, p. 123.

¹⁶¹ Concernente a esse modo da didática epistemológica *Sith*, “Regra de Dois”, segundo Wallace, a metáfora do veneno pode sintetizar como funciona seus arquétipos cognitivos: “A *Força* não é fogo. Ela não pode ser passada da tocha de usuário para o outro e depois de outro. Não, a *Força* é veneno. Se ela é dosada em várias taças, perde sua potência até que se torne tão diluída que cause apenas irritação. Entretanto, coloque todas essas taças em único vasilhame e você terá o poder”. Cf. WALLACE, 2014, p. 66.

¹⁶² Quanto a esse homicídio entre os *Siths*, do aluno para com seu mestre, um caso bem conhecido é a figura de *Darth Sidious* (mestre de *Darth Vader*), que matou seu mestre *Darth Plagueis* com o intuito de conseguir mais poder sem medir escrúpulos. Para mais informações deste personagem icônico da literatura de *Star Wars*, consultar em: Cf. LUCENO, E. S. Luceno. *Darth Plagueis*. São Paulo: Aleph, 2016.

Quanto a essa metodologia de ensino dos preceitos *Siths* (regra de dois), sua origem parte de um *Sith* conhecido como *Darth Bane*, que percebeu que o ensino didático *Sith* era muito parecido com os dos *Jedis*, repleto de mestres e aprendizes, ou seja, havia uma grande falha em seu processo organizacional quanto a quantidade de membros que detinham desse tipo de poder, sendo necessário limitar apenas a dois seres que poderiam manejar os poderes que o lado negro poderia lhes oferecer.¹⁶³

Figura 06: A regra de Dois (ligação entre mestre e pupilo).¹⁶⁴



Concernente a essas características antinomistas, tal preceito ético e moral, há um nítido subjetivismo exacerbado, pois, a responsabilidade do indivíduo não tem guias ou normas objetivas, cada um defende sua própria causa, ou seja, fruto nítido dos *Siths*, que visam cada vez mais a individualidade, bem como a irracionalidade de seus agentes.

O individualismo, segundo Geisler, surge de um tipo de “solipsismo moral”¹⁶⁵, cada situação é automaticamente distinta, que não há comunidades de valores que transcendem a individualidade¹⁶⁶, e no caso os *Siths*, corrobora com esse pressuposto Geisleriano, pois cada decisão para essa casta é única e autônoma. Convém destacar que esse individualismo dos *Siths*, em comparação ao altruísmo dos *Jedis*, pode estar no modo de seu treinamento, pois os *Jedis* “estimulam o treinamento desde a infância. A medida que seus poderes crescem, aqueles que podem usar a *Força* devem aprender como podem ajudar os outros, não apenas eles

¹⁶³ Cf. WALLACE, 2014, p. 72-73.

¹⁶⁴ Cf. WALLACE, 2014, p. 67.

¹⁶⁵ Kant chama de solipsismo moral, o egoísmo que se situa no sujeito a fonte de todas as normas morais, ou seja, tal indivíduo não aceita outras normas fora dele mesmo, sendo tal atitude mais vista no campo prático do que simplesmente na teoria. Para mais informações quanto a esse tipo de egocentrismo antropológico e suas implicações na área da moralidade e da ética na sociedade. Cf. KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Brasil S.A, 2004, p. 79.

¹⁶⁶ Cf. GEISLER, 2006, p. 76.

mesmos”¹⁶⁷, enquanto que os *Siths* se concentra na individualidade, pelo preceito da regra de dois.

O irracionalismo, norma ética e moral bem atuante na cognição *Sith*, caracterizado por não tentarem quaisquer resoluções racionais dos conflitos que são estabelecidos durante toda a historiografia literária da saga. Neste aspecto acaba ocorrendo uma inversão de valores, pois não há qualquer possibilidade de paz com a casta *Jedi*. Esse visível dualismo entre o que é certo e errado acabam por denotar não haver uma verdade nos princípios epistemológicos dos *Siths*, por mais que cada agente possua suas convicções individuais e poder de escolha, uma vez que seus preceitos são suplantados pela incapacidade se resolver “conflitos morais”¹⁶⁸ devido a seus ambientes serem de torpeza e destruição.

2.2.3 O Messianismo em Star Wars

Ao referir-se sobre a representatividade messiânica que se encontra na literatura de *Star Wars*, tem-se que fazer uma analogia hermenêutica de *Darth Vader* (quanto sua origem), com o ideário do messianismo judaico,¹⁶⁹ suscitando suas possíveis peculiaridades, silogismos e dualismos que há nos contos literários entre *Jedis* e *Siths*, para assim chegar a um denominador comum do que vem ser esse messianismo nesta saga. Sansweet, afirma que *Darth Vader* antes se tornar um personagem maléfico da ordem *Sith*, o mesmo era conhecido como *Anakin Skywalker*, que foi treinado pelos *Jedis* como aquele que traria o equilíbrio para a *Força*, destruiria os *Siths* e traria a paz, a figura arquetípica do escolhido.¹⁷⁰

Quanto essa premissa da vinda de um personagem que seria o salvador e o redentor, que destruiria o mal de uma vez por todas e traria a paz, tem-se uma analogia com o messianismo judaico do século I e II, em que segundo Tabor, Horsley e Scardelai,¹⁷¹ afirmam

¹⁶⁷ Cf. WALLACE, 2014, p. 75.

¹⁶⁸ Nesse caso quando me refiro a conflitos morais que os *Siths* possuem, um exemplo está no surgimento do personagem *Darth Vader* (antes conhecido como *Anakin Skywalker*), cujos princípios de moralidade altruísta foram destoados pelo seu desejo incontrolável de desejar um poder que poderia até evitar a morte de sua esposa (Padmé Amidala). Para mais informações sobre a origem deste personagem da saga *Star Wars*, consultar. Cf. SANSWEET, Stephen. Jonh. *The Complete Star Wars Encyclopedia*. New York: Del Rey. 2008.

¹⁶⁹ Ao escolher o messianismo judaico como objeto de estudo nesta seção, foi apenas para fins práticos e metodológicos, pois segundo Queiroz, há diversos tipos de messianismos encontrados ao redor do mundo seja nas tribos indígenas da América no Norte, da África, da Oceania, bem como no cristianismo e no Islamismo. Pois segundo os pressupostos desta autora, ao traçar os cernes epistemológicos de crenças destes messianismos que há no globo, todos acabam tendo pontos em comum, como por exemplo: “O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do bem sobre o mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do paraíso terrestre tratando-se pois de um líder religioso ou social”. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 3.ed. São Paulo: Alfa e Ômega, 2003. p. 27.

¹⁷⁰ Cf. SANSWEET, 2008, p. 346.

¹⁷¹ Para mais informações como é desenvolvida a composição desse arcabouço do messianismo judaico no

que nesta época havia a ideologia de um messias cujo cerne de sua missão era libertar Israel das nações estrangeiras que escravizavam o povo como um todo, cuja figura arquetípica se prefiguraria como um rei de “linhagem palaciana Davídica Jerusalemite, ou como a figura de um bom pastor Belemite”¹⁷², que se encontra tanto na literatura, como na tradição oral judaica.

Sobre a tradição oral judaica no messianismo, em comparação com a ordem *Sith*, Wallace afirma: “O *Sith’ari* será livre de limites; O *Sith’ari* guiará e destruirá os *Siths*; O *Sith’ari* trará os *Siths* da Morte e os formará mais fortes que antes”.¹⁷³ Essa de crença de tal casta é pautada na oralidade, afirmando que surgirá um tipo de *Sith* puro sangue cujo topônimo se chama *Sith’ari*, que em vez de trazer paz e equilíbrio a *Força* como na crença *Jedi* (escolhido), para os *Siths* este tipo de messias trará mais *Força* e os livrar-lhe-ás até da morte, dando um certo sentido de imortalidade a essa ordem.

Figura 07: Processos de transformações de Anakin Skywalker.¹⁷⁴



contexto dos séculos I e II da era cristã, favor consultar nas respectivas obras: TABOR, James D. *A Dinastia De Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. HORSLEY, Richard A. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. SCARDELAI, Donizete. *Movimentos Messiânicos No Tempo De Jesus: Jesus e outros messias*. São Paulo: Paulus, 1998.

¹⁷² Quanto à origem messiânica judaica dos séculos I e II, cabe aqui suscitar que estes parâmetros pré-estabelecidos (Jerusalemite e Belemite), no contexto atual tem surgidos inúmeras hermenêuticas plausíveis de pesquisadores, que afirmam que o messianismo judaico, não era só uniforme (messias-rei), ou biforme (messias-rei e messias-bom pastor), mais surge ainda a figura de um messianismo catastrófico ou messias-eframite (ideologia que tem por paramentos a humilhação, rejeição e a morte do messias, sendo partes inseparáveis do processo redentor), bem como a composição de um messias sacerdotal. Cf. KNOHL, Israel. *O Messias antes de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 36.

¹⁷³ Cf. WALLACE, 2014, p. 48.

¹⁷⁴ Os processos de transformações de *Anakin Skywalker*, podem ser suscitados nas premissas, do medo, raiva, dor e sofrimento correlacionado a diferentes estágios de sua vida. O medo se associa quando na fase de criança, sentia-o ao ser separado de sua mãe, a fase adolescente, a raiva se apresentou quando sua mãe foi raptada e morta, na fase adulta, a sua dor ocorreu toda vez que sonhava com sua mulher morta e nessa mesma fase, por conseguinte o seu sofrimento aconteceu quando se uniu ao lado sombrio, afim de evitar a morte de sua esposa, entretanto não conseguiu tal êxito. Tais preceitos são uma clara observação do mestre Jedi Yoda ao proferir a frase: “O medo leva à raiva, a raiva leva ao ódio e o ódio leva ao sofrimento”, no filme de Star Wars episódio 4 - A Ameaça Fantasma. Cf. A ARCA DO NERD. *A ascensão, queda e redenção de Anakin Skywalker (Darth Vader)*. Disponível em: <<https://arcadonerd.com.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

Nota-se que ao se fazer essa analogia destas duas crenças quanto ao surgimento do escolhido (*Jedi*) e do *Sith'ari* (*Siths*), ocorre um certo silogismo,¹⁷⁵ bem como um dualismo, no tocante a ideia de ser alguém com poderes infinitos, que independentemente das diferentes finalidades em que cada casta prediz, este trará uma certa confiança de vitória um sobre o outro, no caso a derrota do mal (*Siths*) pela hermenêutica *Jedi*, e o alcance de poder absoluto e a subjugação dos mais fracos pela interpretação *Sith*.¹⁷⁶

2.3 Figuras epistêmicas patentes em *Star Wars*

As figuras epistêmicas que estão patentes em *Star Wars*, seguirão a mesma proposta hermenêutica apresentada no início deste capítulo a qual foi sugerido em seu prelúdio, que é de fazer correlações do enredo de *Star Wars* com as epistemologias que podem ser visíveis nessa trama textual e filmica. Explicado estas condições, as figuras epistêmicas presentes que se destacam são: Uma epistemologia do livre arbítrio, ao qual se tem por bases a escolha do personagem, cujo topônimo é Anakin Skywalker, uma vez que antes era da ordem *Jedi* (sendo possuidor do lado luminoso da *Força*), o mesmo passou para a ordem *Sith* (possuidor do lado Negro da *Força*), bem como uma epistemologia da retribuição, fato bem atuante por conta das atitudes dos *Jedis* e *Siths* para com o uso da *Força* e suas peculiaridades que cada ordem possui.

2.3.1 *O livre arbítrio em Star Wars*

O livre arbítrio que se estabelece nessa secção consiste na relação com o personagem Anakin Skywalker, posteriormente transformado em *Darth Vader*, por conta de sua escolha.¹⁷⁷ Quanto a essa escolha, a relação que se cria segue princípios cognitivos cristãos e filosóficos¹⁷⁸ do que vem ser o livre arbítrio em *Star Wars*, dado a decisão deste personagem.

¹⁷⁵ Silogismo ao sintetizar sua definição, entende-se como sendo duas ou mais proposições que são firmadas como verdadeiras para chegar a uma determinada conclusão. Para mais informações Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 896-899.

¹⁷⁶ Nesse visível dualismo epistemológico que há entre a crença *Jedi* e *Sith*, concernente ao messias e seus diferentes tipos de abordagem tais preceitos partem do princípio que para formação de seu escopo imagético e imageante dependem e muito de seus contextos sócios culturais, uma vez que o *modus operandi* dessas crenças, não possui sentido em si mesmas, mas sim dentro do contexto cultural em que funcionam. Cf. QUEIROZ, 2003, p. 41.

¹⁷⁷ O motivo que levou Anakin Skywalker a escolher o lado negro da *Força*, está descrito no rodapé da página 48.

¹⁷⁸ As características filosóficas do livre arbítrio estão pautadas para dois tipos de questionamentos, sendo os seguintes: O que significa escolher livremente? Quais são as implicações morais dessas decisões? Entretanto ao

Entretanto nesta secção, seu arcabouço se delimitará a seguir a proposição epistemológica cristã.

Sobre o livre arbítrio, ao longo da história do cristianismo, houve muitas controvérsias e alguns debates calorosos, como por exemplo no século IV entre Agostinho de Hipona e Pelágio¹⁷⁹, no século XVI entre Lutero e Erasmo de Roterdã¹⁸⁰, e no século VII entre os Jansenistas e Jesuítas.¹⁸¹ Ao relacionar o livre arbítrio, é preciso entender o que vem ser essa proposição na perspectiva cristã, para assim suscitar as possíveis analogias dos eventos literários que se preconizam em *Star Wars*. Quinson, Lemaitre e Sot afirmam que “o livre arbítrio deve ser entendido como a não imposição do poder de Deus sobre a vontade e as escolhas individuais do homem”¹⁸², que em comparação a diretriz *Jedi* quanto a este entendimento, a *Força* luminosa não obriga o indivíduo a fazer nada, e sim todas as suas escolhas dependem exclusivamente de cada um.

Quanto a essa perspectiva Wallace, afirma que os *Jedis* como principais proponentes da *Força*, quanto ao seu lado luminoso, cada indivíduo é definitivamente livre, podendo seu destino ser aceito ou rejeitado, pois todas as suas escolhas ao longo do seu *modus vivendi*, são

examinar essas duas perguntas, surgem mais questões, cujas abordagens delineiam teorias como o compatibilismo conhecido como determinismo, em que define o livre arbítrio baseado no argumento que uma pessoa é livre para escolher como agir na medida do possível graças a sua formação pessoal. E o incompatibilismo conhecido como indeterminismo, cuja percepção do livre arbítrio se baseia em contra acordo a primeira proposição, afirmando que como alguém pode ter livre arbítrio se cada uma de suas decisões está predeterminada desde o nascimento? Para mais informações. Cf. KLENMAN, Paul. *Tudo Que Você Precisa Saber Sobre Filosofia: De Platão e Sócrates até a ética e metafísica*, o livro essencial sobre o pensamento humano. São Paulo: Gente, 2014, p. 123.

¹⁷⁹ Quanto a essa divergência do que deve ser entendido como livre arbítrio, para Pelágio o mesmo entendia que homem possui a capacidade de decidir quem ele será no futuro pelo livre arbítrio sem a necessidade de depender da graça de Deus, que se baseia no fato das mesmas resistirem por sua própria vontade a tudo que se refere a Deus; Em contrapartida Agostinho afirma que o livre arbítrio está ligado diretamente a graça de Deus e que a liberdade humana deve ser entendida como a capacidade somente de pecar e de praticar a iniquidade, desconsiderando a graça divina de transformação. Colocando a liberdade e a soberania de Deus acima de toda a liberdade humana e qualificou o arbítrio humano, quando deixado por conta própria de iniquo. Cf. OLSON, Roger E. *História Da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001. p. 174.

¹⁸⁰ As bases cognitivas quanto esses embates entre Erasmo e Lutero, seguem as mesmas diretrizes de seus predecessores, no caso Lutero seguindo o ideal agostiniano (monergista) e Erasmo se baseando na proposta pelagiana (sinergista) com o acréscimo da graça cooperadora o livre arbítrio em que pode optar por participar da salvação, havendo assim um esforço comum entre Deus e o homem. Cf. OLSON, 2001. p. 374.

¹⁸¹ Os Jansenistas e os Jesuítas foram ordens monásticas católicas entre os séculos VII e VIII que tiveram divergências quanto ao entendimento do que era o livre arbítrio e sobre a questão da graça concebida por Deus ao homem, assim como seus predecessores católicos no passado (Agostinho e Pelágio), pois para os Jansenistas que seguia uma diretriz nas ideias Agostiniana que ensinava que a graça é totalmente imerecida e que o livre arbítrio do homem é exclusivamente dependente da vontade de Deus, pois tais já nascem predestinados a danação ou salvação, enquanto para a ordem jesuíta a graça é eficaz quando o homem consente e coopera com Deus através do livre arbítrio, ocorrendo assim uma espécie de sinergismo ou auxílio mutuo entre Deus e o homem para a sua salvação. Para mais informações. Cf. QUINSON, Marie-Therese; LEMAITRE, Nicole; SOT, Veronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 167.

¹⁸² Cf. QUINSON; LEMAITRE; SOT, 1995, p. 165.

livres para se fazer o que quiser. Neste sentido o resultado final da vida das pessoas dependem de total exclusividade de cada um.¹⁸³

A proposição mencionada acima pode-se correlacionar com um texto neotestamentário de I Co. 6:12, que diz: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não deixarei dominar por nenhuma”.¹⁸⁴ A hermenêutica desse texto aborda sobre a proposição do livre arbítrio, o que cabe a cada indivíduo, quanto a suas escolhas, depende exclusivamente deste.¹⁸⁵ Nesse aspecto essa premissa acaba corroborando com os ideários da *Força*, seja luminosa ou do lado negro, pois o indivíduo é que decide que lado deve seguir, mesmo que haja uma interferência, seja esta direta ou indiretamente de possíveis fatores que podem ocorrer hodiernamente as pessoas, como por exemplo: Doenças, acidentes, entre outras aporias, todavia isso não muda o poder de decisão de cada um.

2.3.2 A epistemologia da retribuição

A epistemologia da retribuição¹⁸⁶ presentes em *Star Wars* está pautada na causa e efeito que *Jedi e Sith* esperam da utilização da *Força*. Os *Jedis* usam a *Força* para o conhecimento e defesa, logo nunca para atacar, uma vez que seu emprego fornece um *locus* ético, em harmonia com esse ser, trazendo equilíbrio a sua vida.¹⁸⁷ Para o *modus vivendi Sith* o efeito final destes atos se concentra no individualismo, na conquista de poder as custas do caos, ou seja, as consequências destes atos causam um certo desconforto e uma inquietude para aqueles que buscam esse lado da *Força*, por isso não há uma harmonia e sim um desequilíbrio.¹⁸⁸

¹⁸³ Cf. WALLACE, 2016, p. 25.

¹⁸⁴ Cf. BÍBLIA, 1995, p. 1590.

¹⁸⁵ A exegese e hermenêutica proposta desses versos do texto paulino, concernente ao Livre arbítrio, há inúmeros comentários que se coadunam a luz dessa interpretação. Como por exemplo: O Comentário Judaico do Novo Testamento de autoria de David H. Stern. A Introdução ao Estudo do Novo Testamento cuja autoria pertence a Broadus David Hale. História da Literatura Cristã Primitiva de Phillip Vielhauer. I Coríntios: Introdução e comentário, de autoria de Leon Morris. Introdução e Comentário de I Coríntios de F.F. Bruce.

¹⁸⁶ As bases axiomáticas da teologia da retribuição ou doutrina da retribuição podendo ser assim subtendida, estão pautadas em uma lógica mecânica de causa e efeito por conta de princípios legalista que servem para compreender e justificar a punição ou recompensa seja de deuses aos seus servos (ritos pagãos), ao qual seguindo a mesma proposta de punir ou recompensar só que com um caráter mais explicativo do comprimento a vontade do Deus de Israel, cria-se uma égide rígida da distribuição da justiça divina, originando um relacionamento Deus homem ou homem e Deus, em que se torna invariável tal proposição. Para mais informações sobre a teologia da retribuição quanto a sua origem bem como suas principias características: Cf. LINDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e Sábios em Israel*. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 23-29.

¹⁸⁷ Cf. WALLACE, 2016, p. 36-43.

¹⁸⁸ Ao referir sobre este desequilíbrio na vida dos *Siths*, quanto ao uso da *Força*, tem-se o exemplo de Anakin Skywalker, haja vista que o mesmo, antes da ordem Jedi, mudou para o lado negro, ou seja, sua vida que antes

Ao se fazer uma analogia destes preceitos (causa e efeito), com princípios religiosos seja do cristianismo, budismo, entre outros sistemas ligados ao campo religioso, todos seguem parâmetros que estão concatenados ao resultado final, teleológico¹⁸⁹, que cada indivíduo deve alcançar, bom ou mal, devido suas ações. No Cristianismo esse processo mecanicista se liga, a lei da sementeira¹⁹⁰ que, segundo o texto neotestamentário de Gálatas. 6:7b, diz: “Pois o que o homem semear isso também colherá”¹⁹¹, que neste caso a lei da justiça se aplica ao peso e medida pré-estabelecido pelas ações de cada um.¹⁹²

Convém afirmar que nem todos os resultados finais dependem das ações pessoais, pois há certas ocasiões que nem tudo que se colhe na vida foi plantado um dia, uma vez que esse aspecto está ligado a área das relações humanas, porque é preciso analisar o ser humano em seu contexto histórico, social, psicológico e religioso específico, associado com cada caso,¹⁹³ ou seja, a lei da causa e efeito não se aplica cegamente nesta situação.

No Budismo por exemplo, esse processo se relaciona com a doutrina da *samsara*, que corresponde a um ciclo de renascimento, estando concomitantemente interligado ao *karma*, que se refere a ação intencional do indivíduo, para os atos bons e maus, e suas devidas consequências por conta destas ações. Nesse aspecto no budismo a lei da causa e efeito corresponde a tudo que é vivo no universo, pois uma ação, uma palavra ou até mesmo um pensamento, criam uma causa, que determina os acontecimentos da vida. O efeito corresponde a causa praticada, boa ou má, desta forma, por exemplo um indivíduo que faz o mal constante, terá uma vida infeliz, que ao contrário daquele que faz o bem, sua vida será feliz.¹⁹⁴ Nesse interim, quanto aos princípios de causa e efeito, acaba correspondendo a todo

vivia em harmonia e amor para com os outros indivíduos passou agora a ser de perseguição e ódio, ocasionando certos desconfortos e caos em sua vida. Para mais informações sobre este personagem fictício consultar em: SANSWEET, 2008, p. 457.

¹⁸⁹ Entende-se como teleológico um princípio filosófico que procura explicar o final das coisas, que está ligado ao estudo dos objetivos que os homens colocam em suas ações, ou ainda sendo entendida como uma doutrina que considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins. Para mais informações consultar em: ABBAGNANO, 2007, p. 954.

¹⁹⁰ Quanto a esse princípio da sementeira o apóstolo Paulo usa essa diretriz em vários de seus ensinamentos, a fim de transmitir a ideia de investimento e retorno de Deus, conforme os merecimentos das ações sejam de bondade ou de maldade de cada indivíduo, de acordo com os textos de 1Co. 9:11; 15:42; 2Co. 9:6 e Gl. 6:7. Cf.: BÍBLIA sagrada. *Tradução de João Ferreira de Almeida*: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

¹⁹¹ Cf. BÍBLIA, 1995, p. 1642.

¹⁹² Na nota de rodapé de número 187 apresenta algumas obras que podem servir de apoio exegético e hermenêutico, para uma maior compreensão deste versículo bíblico.

¹⁹³ OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues de. *Retribuição e Prosperidade*: Gênese percurso histórico e confronto com a teologia da gratuidade. 158 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2006, p. 36.

¹⁹⁴ Cf. WILKINSON, 2011, p. 183-187.

ato da vida moral da humanidade correlacionado com a reação semelhante dirigida a ele, determinados acontecimentos da vida ocorrem devido a essa “retribuição ética do cosmos”.¹⁹⁵



¹⁹⁵ Essa visão de retribuição ética do cosmos, Max Weber afirma que “o mundo é um cosmos ininterrupto de retribuição ética, em que culpa e mérito são infalivelmente retribuídos dentro do mundo, por meio dos destinos numa vida futura pelos quais a alma deverá passar por um número infinito de renascimento, onde méritos éticos levam uma vida até o céu, mas sempre apenas temporariamente até que se esgote a conta dos méritos. Do mesmo a finitude de toda vida terrestre é a consequência da finitude dos bons e maus feitos na vida anterior da mesma alma, e os sofrimentos da vida atual que parecem injustos do ponto de vista da retribuição, são expiações de pedados de uma vida passada. No sentido mais rigoroso, é exclusivamente o próprio indivíduo que cria seu destino”. Cf. WEBER, Max. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991, p. 355.

3 METALINGUAGENS CONSISTENTES

Ao sugerir possíveis metalinguagens consistentes na LSW, a proposta deste capítulo, sua construção, se delineará no acréscimo do que foi suscitado no capítulo anterior, quanto a hermenêutica proposta, das possíveis analogias de figuras metafóricas desta saga com o dualismo que há pelo campo religioso, no caso o bem versus o mal.

Concernente a metalinguagem, seu significado segundo Reddy em sua tese denominada de “Metáfora do Conduto”, demonstra que muito da linguagem que usamos para descrever outra linguagem é definida e estruturada pelo que se refere, ou seja, as ideias podem ser expressadas e interpretadas pela linguagem, estão interconectadas entre diversas metáforas.¹⁹⁶ Nesse sentido, a linguagem corrobora com a interpretação metalinguística que se tem em *Star Wars*, cuja proposição deste capítulo consistirá em sugerir a *Força* como dualismo epistêmico, relacionam as cognições eclesiástica e acadêmica.

Outra abordagem deste capítulo aborda *Jedis* e *Siths*, cujo dualismo epistemológico se concatena com dualismo religioso. Os embates destas dicotomias se correlacionam ao zoroastrismo, maniqueísmo, cristianismo e judaísmo, uma vez que nesses sistemas religiosos há elementos dicotômicos.

A última parte deste capítulo foca em tratar o enredo antagônico de *Star Wars*. Pois se torna essencial, para que haja um certo equilíbrio nessa saga, a figura do *Jedi* cinza, que consegue alcançar o equilíbrio da *Força* utilizando tanto dos poderes do lado luminoso, como do lado negro, algo que se pode relacionar aos preceitos que a humanidade, em sua forma epistêmica, segue, um locus científico, mítico, espiritual ou religioso.

3.1 A *Força* como dualismo epistêmico

É perceptível que a *Força* se apresenta de modo dicotômico, entre o lado luminoso e o lado sombrio. A dicotomia está conectada diretamente aos agentes que manipulam a *Força* (*Jedis* e *Siths*) para seus diferentes propósitos. Ao se fazer possíveis analogias com a

¹⁹⁶ A Metáfora do Conduto define a linguagem vista como um canal, ou conduto, para envio de ideias, pensamentos e sentimentos em que este tipo de comunicação para as conversações são baseadas em 70% em metáforas, e essas expressões linguísticas são como recipientes onde se coloca as ideias e todo tipo de informações, onde seus significados são objetos ou coisas em que a comunicação linguística seria o envio e a recepção de pacotes de informação através de um duto, um canal condutor, a qual essa ideia seria a codificação e decodificação de conceitos, que o falante ou ouvinte não necessita de qualquer habilidade comunicativa, ao se estabelecer assim um código para atuar como um conjunto de regras conhecidos por todos, formando um contexto único. Cf. REDDY, Michael, J. *A Metáfora do Conduto: Um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre linguagem*. Porto Alegre: Cadernos de tradução, 2000, p. 89.

epistemologia que é empregada nesta saga, ao longo da história da cognição cristã, há divergências entre os campos do conhecimento, acerca do que é considerado ortodoxo, o que é herético, ou condenado, por suas práticas destoarem dos ensinamentos estabelecidos dentro de um sistema dominante.

As epistemologias que se idealizam nesta seção seguem em divergência entre si, no entanto são complementares. O que se preconiza, nesse sentido, se concatena à epistemologia cristã, uma vez que o processo cognitivo de desenvolvimento da humanidade, seus primórdios, partem de premissas que se baseiam-se no “pensar, o falar e adquirir conhecimento”¹⁹⁷, cuja égide se apresenta de modo diádico entre o *mithos* e o *logos*, processos esses que se complementam a fim de chegar a uma possível verdade.¹⁹⁸

Seu *modus operandi*, quanto ao *mithos*, se relaciona com as explicações de cunho primário, de caracteres atemporais, inconsistentes e ligados a arquétipos transcendentais e universais.¹⁹⁹ O *logos*, entretanto, está pautado mais a pensamentos racionais, cujo sentido está na praticidade dos fatos, ou seja, se ater as realidades exteriores, uma vez que o *Arché*,²⁰⁰ termo concatenado a origem do *Kosmos*, substitui a explicação mítica, sendo correspondente ao processo evolutivo do conhecimento grego, lincado a âmbitos mais racionais.

Nesse sentido, o *logos* sempre avança e procura encontrar algo novo, que com o passar dos tempos originou o termo denominado de ciência ou o pensamento científico,²⁰¹ cujo aforismo pode ser resumido no *ex post facto*, pois as soluções de algumas lacunas epistemológicas dar-se-á por meio da empiricidade e racionalidade.

Assim sendo, a *Força* em *Star Wars*, coaduna com esse dualismo cognitivo, pois o *mithos* (nesse caso fé), e *logos* (razão), ao remeter para a epistemologia cristã, seus processos cognitivos se correlacionam, pois, o saber cristão é composto destas dicotomias, entre fé e a

¹⁹⁷ Cf. ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: O Fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Cia do Bolso, 2009, p. 8.

¹⁹⁸ Cf. ARMSTRONG, 2009, p. 9.

¹⁹⁹ O *mithos* é compreendido como um contexto explicativo não lógico, muitas vezes fantástico, motivado pelo meio físico e humano em que vive a coletividade, que ao se traçar uma síntese do que é o *mithos* pode-se resumir em três termos: Fantástico, compreendido mais pelo viés para as *Forças* da imaginação. Pouco lógico não tem coerência interna, é contraditório e explicativo: tem a função de explicar algum fenômeno da natureza. Cf. TELES, Antônio Xavier. *Introdução ao estudo de Filosofia*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 15.

²⁰⁰ O *Arché* cujo significado denota princípio, indica o fundamento ou aquilo no qual tudo se originou, cuja primazia epistêmica está pautada na racionalidade ou na lógica, explicações ligadas seja a elementos da natureza (*Physis*) como a Água (Tales de Mileto entre o final do séc. VII e o início do séc. VI a.C.), o Ar (Anaxímenes 588-524 a.C.), ou outros elementos como o *Apeiron* (que significa infinito. Anaximandro 610-547 a.C.), o Devir (transformação contínua. Heráclito 535-475 a.C.), no Número (Pitágoras 582-497 a.C.). Ao se traçar uma síntese de seus objetos de estudos, tudo se correlaciona a *Physis*, por mais que suas metodologias diverjam, seus resultados serão sempre um *Arché*. Cf. TELES, 1990, p. 23-30.

²⁰¹ Cf. ARMSTRONG, 2009, p. 11.

razão, como dito em parágrafos anteriores e cabe suscitar na próxima secção, uma possível compreensão destas aporias cognitivas.

3.1.1 *Compreendendo as tensões cognitivas*

Ao se traçar um pano de fundo histórico verifica-se que desde os primórdios o processo cognitivo da humanidade foi progressivamente se desenvolvendo. O que antes era de modo holístico era consequência direta do místico, espiritual e religioso, cuja relação ocorre por aspectos transcendentais e providencialistas,²⁰² acabou evoluindo com o passar do tempo para cognições pautados no empirismo, pragmatismo e o racionismo, cujos preceitos se baseiam por labores centrados na razão.²⁰³

Em *Star Wars*, os cognitivos entre os *Jedis* e os *Siths* podem se relacionar de modo análogo ao contexto da história cognitiva cristã no que tange as aporias epistemológicas entre fé e razão (entende-se em sua primeira instância como conhecimento filosófico e posteriormente denominado conhecimento científico), epistemologias estas responsáveis em formar o arcabouço da cognição da humanidade.²⁰⁴

Na ordem *Jedi*, a utilização da *Força* prefigura aspectos que se correlacionam ao transcendente, ou seja, de fins místicos e espirituais que se coaduna com o indivíduo que preza um estado de espírito mais sereno, cujos princípios seguem a meditação, não refutando os ensinamentos da ordem e diretrizes estabelecidas pela casta, o Código *Jedi*, consistindo em “antes de tomar qualquer ação o *Jedi* deve considerar a vontade da *Força*”.²⁰⁵

Quanto a essa ordem de obediência para com a *Força*, pode-se fazer uma analogia com a epistemologia eclesiástica cristã, pois seus arquétipos cognitivos, como Zabatiero²⁰⁶, Murad²⁰⁷ e Araújo²⁰⁸, afirmam que seus ensinamentos estão pautados a padrões relacionados a fé, ao dogma, e a doutrina a luz da revelação divina, ou seja, seguem uma premissa ligado à

²⁰² Providencialismo diz respeito a doutrina que se preconiza na ação providencial de Deus no mundo, ou seja, são ordens que Deus dá para que tudo se realize, que vai desde ações dos fenômenos da natureza como a ações mais complexas de até o destino das pessoas. Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 806.

²⁰³ Quanto a esse processo evolutivo da epistemicidade da humanidade, cabe ressaltar que na contemporaneidade existe tanto a relativização dos diversos tipos de conhecimento como a hibridização dos mesmos, pois enquanto teóricos no passado preconizavam ao fim de valores sejam estes místicos, espirituais ou de cunho religioso, cada vez mais a humanidade mescla desses conhecimentos, para completar o que a ciência não consegue explicar.

²⁰⁴ Para mais informações como se formou ao longo da história esse arcabouço da cognição teológica com mais detalhes historiográficos, consultar: Cf. OLSON, Roger E. *História Da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.

²⁰⁵ Cf. WALLACE, 2016, p. 26.

²⁰⁶ Cf. ZABATIERO, 2005, p. 25-31.

²⁰⁷ Cf. MURAD, 2010, p. 94-95.

²⁰⁸ Cf. ARAÚJO, Gomes. *Teologia Ciência e Profissão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007, p. 38.

transcendência, cujas explicações de alguns fatos não se podem ser alcançadas por percepções humanas.

Nota-se que seu *modus operandi* é responsável pelo escopo paradigmático organizacional, bem como individual da cognição cristã, que assim como a ordem *Jedi*, que se utiliza do preceito *Força* em seus discursos epistemológicos, direcionando os atos, tanto da organização (instituição), como do organismo (indivíduos). Da mesma forma ocorre na epistemologia cristã, pois a direção divina, supostamente guia os atos sejam institucionais e individuais do sistema religioso.²⁰⁹

Ao contrário dos *Jedi*, os *Sith*, segundo Wallace, estabelece uma cognição que se baseia na refutação da vontade da *Força*, no qual o indivíduo é que estabelece parâmetros de sua vontade e emoções próprias, pois acham que tais tipos de ensinamentos os deixarão invulneráveis e fortes²¹⁰, tal *locus* acaba preconizando a vontade própria e raiocêntrica da pessoa, podendo fazer uma possível analogia com a epistemologia cristã (teologia) na academia.

Segundo Zabatiero²¹¹ e Murad, Roberto e Ribeiro²¹², seu aspecto cognitivo segue padrões mais dialéticos e científicos a luz da razão, que conseguem ser refutados e debatidos. Nesse interim, cabe suscitar que na secção terciária deste mesmo capítulo, far-se-á uma abordagem mais detalhada como é composto esse tipo de cognição.

3.1.2 A epistemologia eclesiástica: Fé ou fideísmo

A epistemologia eclesiástica, como suscitado na secção anterior, parte de seus pressupostos relacionados à fé, ou seja, ligados à transcendência, seguindo princípios dogmáticos sendo jamais refutados em debates dialéticos²¹³, cujo *axis mundi*, impera o

²⁰⁹ Referente ao direcionamento divino, sejam de padrões organizacionais, ou de organismo (pessoas) cristãos, cabe ressaltar, que todos os sistemas de cunho sejam, religioso, místico, ou espiritual, possui princípios análogos do direcionamento do ser humano, concatenado a transcendência (ser divino ou algo divino), pois desde os tempos mais remotos a humanidade procura repostas de certos questionamentos hodiernos: Quem eu sou? De onde vim? Para onde vou? Uma vez que podem ser respondidas pelo viés da experiência e o relacionamento com o ser divino, e tal prerrogativa denota-se que esse ser divino para a humanidade acaba dando o devido sentido de repostas para sanar as suas dúvidas, e necessidades primordiais. Cf. SCHIAVO, Luigi. Conceito e Interpretação da Religião. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Volmor da. (Orgs.). *O Sagrado e as Construções de Mundo*. Goiânia: UGG, 2004, p. 05-07.

²¹⁰ Cf. WALLACE, 2014, p. 67.

²¹¹ Cf. ZABATIERO, 2005, p. 21-23.

²¹² Cf. MURAD, Afonso; ROBERTO, Paulo; RIBEIRO, Súsie. *A Casa da Teologia*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 80-96.

²¹³ Quando se refere a debates dialéticos parte-se do princípio da dialética hegeliana, ideário este de George Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), pois, sua proposição se instaura na síntese dos opostos, ou seja, no embate entre tese e antítese, cujo conflito destes opostos e sua compreensão não é apenas uma ideia, porém se

misticismo e, porque não dizer, assunto que não cabe o ser humano tentar discuti-los ou entendê-los na sua totalidade, sobre o *locus* da racionalidade e compreensividade.

Há um conto medieval, *O Menino e o Mar*, que pode sintetizar muito bem essa linha de pensamento ligada aos limites da razão. Essa narrativa conta a história de Agostinho de Hipona, sobre uma proposição de questão teológica quanto ao mistério da Trindade, em sua obra intitulada *De Trinitate*, que:

Uma criança que por brincadeira tinha feito uma cova na areia e se fadigava em idas e vindas entre o mar e a cova, trazendo a água num pequeno recipiente, [...] então pergunta a criança: olá meu menino! O que andas a fazer? Ando a transportar a água do mar para esta cova. Olha lá então não vês que é impossível colocar toda água no mar nessa cova? Pois te digo que é mais fácil para mim por toda a água do mar nessa cova, do que tu esgotares, só com recursos da tua razão, as profundezas do ministério da trindade.²¹⁴

Com essa afirmação, Agostinho estava deixando claro até onde vão os limites da nossa razão, considerando ela, sozinha, impotente, precisando assim transcender a razão para poder ter o entendimento, mesmo que limitado, de certas temáticas da cognição cristã. Em certo sentido, esse tipo de cognição se torna uma espécie de fé racional, embora às vezes signifique um certo fideísmo²¹⁵, que denota um *mote* que se baseia no “*Credo quia absurdum est*”²¹⁶, premissa está desenvolvida no século III da era cristã por Tertuliano de Cartago, em que mesmo parecendo anacronismo em contextos mais contemporâneos, pode-se constatar que, nos ambientes eclesiásticos, tal prerrogativa se faz mais dinâmica do que nunca, pois “se fé fosse compreensível não seria mais fé, e sim ciência”.²¹⁷

Destaca-se que esse tipo de epistêmia preconizada nos *nichos* eclesiásticos, tendo como paradigma a fé, provoca possíveis epistemicídios, a cognições pautada por elementos mais raiocêntricos, como nos âmbitos acadêmicos, uma vez que, ao se traçar um pano de

torna real, diferentemente dos precursores dialéticos gregos como: A dialética platônica (método da divisão, que busca a verdade até alcançar o mundo inteligível, ou seja, metafísico); A dialética aristotélica (lógica do provável, que segue premissas de ideias não de caráter verdadeiro mas apenas de probabilidades aceitáveis); E a dialética estoica, cujo cerne de sua doutrina estaria na demonstração dos argumentos hipotéticos, que parte do princípio em utilizar as coisas mais compreensíveis para explicar as menos compreensíveis, ou seja, o que se conhece. Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 269-273.

²¹⁴ Cf. SANTO, Agostinho. *De Trinitate*: Livros IX-XII. Covilhã: Luso Sofia, 2008, p. 7.

²¹⁵ Fideísmo é um conceito comum à maioria das religiões e afirma que a fé antecede à razão, uma vez que as doutrinas religiosas não podem ser estabelecidas mediante meios racionais; tão somente poderiam ser aceitas por atos de fé. Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 440.

²¹⁶ Este aforismo é traduzido por: Creio porque é absurdo, diz respeito ao que Tertuliano estava divergindo do conhecimento filosófico nos ambientes eclesiásticos de seu tempo. Cf. GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 108.

²¹⁷ Cf. TERTULIANO. De Carne Christ. In: Gilson, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 10.

fundo historiográfico, verifica-se que houve períodos de sabores e dessabores ao longo dos tempos com relação aos conhecimentos ora filosóficos e posteriormente científicos.²¹⁸

Tal repulsa foi remodelada aos longos dos séculos de maneira sutil até nosso período contemporâneo nos meios eclesiásticos, criando uma égide de anti-intelectualismo em algumas denominações religiosas cristãs²¹⁹ frente a epistemologia cristã na acadêmica (teologia), que não possui ideários confessionalistas, ou seja, que segue afincado suas prerrogativas estritamente denominacionais.

Nesse ínterim, pode-se citar como exemplo a perícopé do texto neotestamentário, Colossenses 2:8: “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”²²⁰. O referido texto é erroneamente interpretado, pois sua compreensão denota uma forma de enclausuramento de mentes, apontando a epistemologia cristã na academia como um esfriamento da espiritualidade humana, mesmo que em nenhum momento o texto paulino oriente não estudar e conhecer mais, seja da filosofia, ou de qualquer outra ciência.

Concernente a esses princípios de extrema obediência que ocorre nos círculos eclesiásticos, relaciona-se à ordem *Jedi*, uma vez que sendo uma organização no enredo literário e filmico de *Star Wars*, analogicamente há o discurso cristão religioso entronizado nessa saga, pois seu *modus operandi* tem por primazia o controle da moral de seus agentes (*Jedis*), por uma dinâmica ascética, que valoriza abstinências de desejos, sentimentos e emoções que venham a contrariar, a “autodisciplina, conhecimento e a *Força*”²²¹, preceitos estes que caracterizam o *modus vivendi* da ordem monástica *Jedi*.

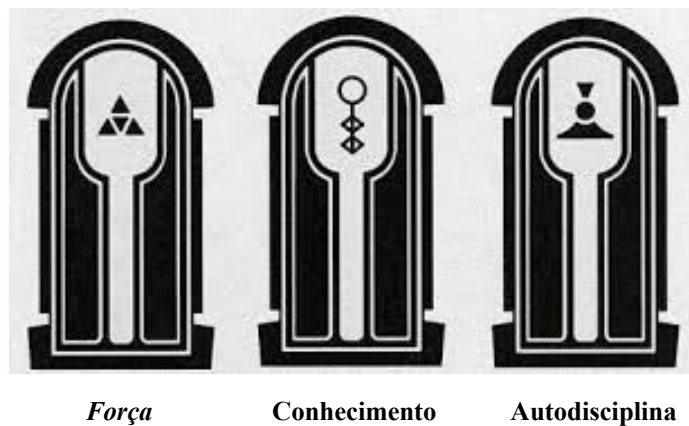
²¹⁸ Concernente a essa repulsa para com os conhecimentos filosóficos nos ambientes eclesiásticos, Tertuliano de Cartago (160-220 d.C.), pode sintetizar muito bem essa estigmatização, a esse tipo epistemologia dentro dos ambientes eclesiásticos, ao dizer: “Portanto, o que Atenas e Jerusalém têm em comum? O que a Academia e a Igreja têm em comum? O que os hereges e os cristãos têm em comum? Nossa disciplina vem do pórtico de Salomão, que nos ensine a buscar o Senhor na simplicidade do coração. Que inventem, pois do estóico e dialético! Quanto a nós não temos necessidade de indagações depois da vinda de Cristo Jesus, nem de pesquisas depois do Evangelho. Nós possuímos a fé e nada mais desejamos crer. Pois começamos a crer que para além da fé nada existe que devamos crer”. Cf. TERTULIANO, De Praescriptione Haereticorum. In: BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. 7. ed. *História da Filosofia Cristã*: Desde as Origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 138.

²¹⁹ No que tange esse anti-intelectualismo denominacional as epistemologias teológicas, pode-se citar como exemplo a denominação neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus, cujo ideário de seu líder maior o Bispo Edir Macedo de suas diversas obras que possuem sua autoria, há essa premissa delatória, bem visível, ao dizer: “todos os ramos da teologia são fúteis chegando a acusar ser um cristianismo de muita teoria e pouca prática, muita teologia e pouco poder, muitos argumentos, pouca manifestação, muitas palavras, pouca fé”. Cf. MACEDO, Edir. *Libertação da Teologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1993, p. 19.

²²⁰ Cf. BÍBLIA, 2005, p. 1677.

²²¹ Essa tríade é conhecida como os três Pilares Jedis, cuja normatização se baseia por três princípios epistêmicos sendo: A *Força*, de forma sintética compreendida como o que dá poder ao *Jedi*; O Conhecimento, diz respeito aos arquivos de documentos que devem ser estudados, sendo este considerado um dos pilares mais importantes,

Figura 08 - Os três Pilares da Ordem Jedi.²²²



Assim sendo, a epistemologia eclesiástica, além de possuir seu *modus operandi* correlacionado a fé, ainda é identificada na proposição de Murad, como uma epistemé (teologia) que segue princípios evangelísticos, ou seja de conversão, quando parte para formação de seus líderes eclesiásticos. No caso de pastores, seguem princípios correlacionados à vocação e não como uma profissão como em outros seguimentos da sociedade, “a vocação nasce da voz interior dos movimentos vindos de dentro, de alguma inspiração profunda, de desejos de realização humana”.²²³

Desta maneira, a epistemologia eclesiástica segue parâmetros de características centrifugas, o aprendizado do saber parte de ações baseadas nas experiências íntimas. Pode-se dizer que os principais processos de cognições religiosos se baseiam nas experiências de interiorização do indivíduo, cujo *locus a posteriore*, diverge em certos sentidos das cognições de vieses científicos, por se tratar de um conhecimento, cujas proposições se baseiam em saberes explicados à luz da compreensão meramente humana, temática está que será abordada na próxima secção, quanto a epistemologia cristã na academia.

e por último o pilar da Autodisciplina, cujo objetivo principal é alinhar a *Força* ao corpo com o espírito e a determinação da *Força*, através da meditação. Cf. WALLACE, 2016, p. 22-37.

²²² Símbolos iconográficos que da direita para a esquerda representam os três pilares da Ordem *Jedi*: A *Força*, *Conhecimento* e a *Autodisciplina*. Cf. WALLACE, 2016, p. 22.

²²³ Cf. MURAD, 2008, p. 145.

3.1.3 A epistemologia na academia: Ciência ou ceticismo

Quando se depara com a epistemologia em ambientes acadêmicos, a mesma pode ser relacionada com o conceito de que, quase tudo, pode se explicar à luz da ciência²²⁴, se tornando até certo modo uma conotação cética, mas que tem sua relevância, principalmente para a humanidade pois, em alguns casos, tudo tem que ter um sentido lógico e aceitável à linha da razão.²²⁵ Suas características cognitivas não seguem princípios meramente divinos, ou seja, arquétipos providencialistas, pois com o advento da filosofia iluminista (séc. XVII-XVIII), a humanidade, outrora guiadas por vieses teocêntricos, passa a ser raiocêntricas, empiristas e céticas.²²⁶

Nesse interim, a epistêmia cristã acadêmica sobre o locus da fé cristã se torna uma ciência que busca ordenar, sistematizar o pensamento, através de dados empíricos e racionais, diversas proposições que se estabelecem dentro da academia. Nesses ambientes há uma reflexão crítica e sistemática, se tornando um “saber que interpreta a fé”²²⁷, surgindo um princípio metodológico diádico, cujas diretrizes ocorrem por momentos de *Audius Fidei*, ou seja, coletas de dados, e *Intellectus Fidei*, de reflexão desta,²²⁸ uma compreensão sobre assuntos descritos na área teológica em que se exige um rigor no método e na linguagem.

A metodologia que a academia acaba utilizando é a de várias outras áreas das ciências humanas como, sociologia, antropologia, psicologia, história, linguística e filosofia, que compõem seus *corpus* epistemológico, através de uma dialética que procura analisar os dois lados da moeda²²⁹, de temáticas como dogmas e doutrinas que são inquestionáveis nos

²²⁴ É importante ressaltar que a ciência estabelecida aqui parte da concepção construtiva, que iniciada no século XX, considera a ciência como uma construção de modelos explicativos para a realidade, e não uma representação desta, ou seja, o cientista combina dois procedimentos; um vinculado do racionalismo, outro do empirismo, e a eles acrescenta um terceiro, vindo da ideia de conhecimento aproximativo e corrigível. Cf. CHAIU, Marilena. *Iniciação a Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 294-296.

²²⁵ O termo Razão para muitos filósofos não é apenas a capacidade intelectual e ética dos seres humanos, mas também uma propriedade ou qualidade primordial das próprias coisas, sendo classificada em: Razão Objetiva, na qual a realidade é racional em si mesma, e em Razão Subjetiva, sendo que, esta razão é uma capacidade intelectual e ética dos seres humanos. Cf. CHAIU, 2014, p. 161.

²²⁶ Cf. KLENMAN, 2014, p. 141-144.

²²⁷ Cf. MURAD, 2008, p. 92.

²²⁸ Entende-se por *auditus fidei e intellectus fidei* como sendo o processo de pensar teológico que engloba estes dois polos. O polo do “*auditus fidei*” consiste em coletar o dado da revelação, tal qual exposto na Escritura, nos padres da Igreja, nos grandes teólogos, na reflexão teológica mais recente. O *intellectus fidei*, parte da sistematização, a interpretação mais acurada do dado, na sua descoberta, sua acumulação, em que se executa com um mínimo de inteligência, de compreensão, de interpretação. Para mais informações consultar em: Cf. LIBANIO; MURAD, 2010, p. 92-97.

²²⁹ Entende-se como conhecer os Dois lados da moeda, fazer uma análise de determinados assuntos que se conhece como o que é aceitável, como o que parece absurdo para muitos.

meios eclesiásticos, por exemplo, a ressurreição de Cristo e seu nascimento virginal, que para a ciência, bem como em uma humanidade, cada vez mais cética e niilista,²³⁰ isso é inaceitável.

Esse preceito que a academia utiliza ao refutar certos dogmas religiosos, correlacionado com *Star Wars*, pode associar as ações dos *Siths*, em especial ao personagem conhecido como *Darth Plagueis*, pois analisava a *Força*, não por padrões místicos e espirituais, e sim por um *locus* de investigação é uma compreensão científica (racional), do que vem ser a mesma, pois “a *Força* não é o mesmo que memorizar encantamentos. A ciência procura entender o princípio por trás de uma reação, não apenas como replica-la”.²³¹ Pelo Olhar de *Darth Plagueis*, os *Siths* antes dele, não tinham esses *locus* científico de fazer essa análise, uma vez que “a tradição e a obediência”²³², faziam com que não houvesse o interesse por esses tipo de pesquisa a um símbolo tão sacro como a *Força*. O objetivo deste *Sith*, através das experiências a luz da ciência, parte da premissa de compreender o segredo da vida, que nesse caso, nos planos de *Darth Plagueis*, era e evitar a sua morte, obtendo a imortalidade.²³³

Como pode-se perceber ao longo das seções desse capítulo, foi suscitado sobre as possíveis aporias epistemológicas que há entre a academia e a eclésia, concatenadas às cognições da saga *Star Wars*, cuja abordagem situou-se sobre as características epistemologias organizacionais que ocorrem em cada ambiente que parte do *nicho* ficcional para a realidade. A fim de completar esse ideário, faz-se necessário na próxima seção abordar sobre as cognições que cada agente *Jedi* e *Sith* possuem, correlacionando os seus princípios cognitivos as aporias que há entre o mal o bem

3.2 Jedis e Siths: O bem versus o mal

A dicotomia que se faz presente na saga *Star Wars*, quanto aos seus agentes *Jedi* e *Siths*, ao se fazer uma síntese de suas divergências cognitivas, pode-se afirmar que o cerne de suas aporias cognitivas partem do *modus operandi* da *Força*, quanto a sua devida utilização que casta compreende por correto e necessário, para que possam possuir o devido poder sobre certos indivíduos.

²³⁰ Niilista significa aquele indivíduo que é descrente em todas as coisas, ou seja, cujo ponto de vista considera as crenças e valores tradicionais são infundados e que não há qualquer sentido ou utilidade na existência, sendo uma visão cética radical em relação as interpretações da realidade, que aniquila valores e convicções. Cf. PECORARO, Rossano. *Niilismo*: Filosofia Passo a Passo. São Paulo: Zahar, 2007, p. 16.

²³¹ Cf. WALLACE, 2014, p. 129.

²³² Cf. WALLACE, 2014, p. 130.

²³³ LUCENO, 2016, p. 35.

Os *Jedis*, suas ações seguem premissas mais altruístas, compreendendo a *Força* como um tipo de “Ser, ou Energia Cósmica”²³⁴, que ao ser consultada através da meditação, seus preceitos guiam-no para servir a todos, em favor do bem comum da população, com ações de defesa aos mais fracos, agindo como força policial, responsáveis em manter a paz e deter as injustiças e crimes por aqueles que a cometem.

Diferentes dos *Siths*, cuja finalidade é obter mais poder, suas premissas seguem aspectos misantrópicos, guiados pelo ódio e aspectos estritamente individualistas e, porque não dizer, utilitaristas.²³⁵

Figura 09 - Cavaleiro *Jedi* prestando serviço como conciliador.²³⁶



Não há como deixar de fazer um paralelismo dos tipos de governo que se preconiza em *Star Wars* em que cada casta se agrega, em seus ideários epistemológicos, seja do regime republicano democrático seguido pelos *Jedis*, ou autocrático ditatorial dos *Siths*, pelo comportamento dos agentes governamentais oligárquicos da sociedade.

De modo geral, ao longo da história da humanidade, as instituições governamentais, religiosas, militares, o democrático liberal ou autocrático ditatorial, o cerne de seus

²³⁴ Cf. WALLACE, 2016, p. 23.

²³⁵ Quanto as ações dos *Jedis* a seguir um ideário do bem comum a todos, e dos *Siths* em seguir uma perspectiva individualista, não é à toa que na saga *Star Wars*, os *Jedis* são os protetores da República Galáctica, pois nesse sistema de governo em síntese é composto de vários sistemas planetários, cuja égide deontológica se baseia na Constituição Galáctica, cujas premissas se embasam em leis que se realizam pelo viés Democrático. Os *Siths* por possuir ideários estes estritamente individualistas, acabam se tornando líderes despostas, de uma forma de governo totalitário e ditatorial conhecida como Império Galáctico, que posteriormente se tornou a Primeira Ordem, governo este de nuances militar ditatorial e autocrático. Cf. WALLACE, Daniel. *Manual do Império*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, p. 08-14.

²³⁶ Esta figura ilustra a representatividade que das diversas funções que os *Jedis* possuem, como a manutenção da paz e a diplomacia. Sendo-o também como um aconselhador que possua a devida imparcialidade em certas situações de impasses entre as várias espécies. Cf. WALLACE, 2016, p. 113.

gerenciamentos, na primeira forma de governo, seu *locus* se direciona mais para as pessoas, enquanto o segundo modelo de gerenciamento prioriza mais a organização em si.²³⁷

Destarte, essas formas de gestão antagônicas acabam se tornando essenciais para delinear essa trama da ficção científica, pois o *modus vivendi* dos *Jedis e Siths* são responsáveis pelas ações que realizam para com os outros indivíduos. Nesse aspecto as epistemologias pujantes que se preconizam acabam possuindo possíveis analogias com o dualismo religioso que há pela representatividade da luta do bem contra mal, temática a ser abordada na próxima seção.

3.2.1 Dualismo religioso

Ao fazer uma relação analógica do dualismo religioso com a literatura de *Star Wars*, cabe aqui suscitar que existem vários ideários de cunho religioso que possuem premissas de embate entre a figura do bem contra o mal em seu *corpus* doutrinário. Neste aspecto essa seção tomará como *locus* delimitador preceitos do zoroastrismo,²³⁸ maniqueísmo, cristianismo e judaísmo.

Ao relacionar o zoroastrismo com a literatura da saga tem-se o paralelo epistemológico da *Força* para com os *Jedi e Sith*, pois como suscitado em parágrafos anteriores a *Força* para a ordem *Jedi* representa a vida (bem), enquanto para os *Sith* representam sinônimo de poder, destruição e morte (mal). Na concepção Zoroastra quanto a esse embate entre o bem e o mal, esses tipos de dualismo são permanentes em que a salvação de um indivíduo consiste na separação destas duas *Forças* e não na destruição de uma delas, ocasionando assim uma espécie de paz temporária e certo equilíbrio entre essas duas concepções antagônicas, esse dualismo poderá ser reduzido ao que é bom ou mal, havendo assim um isolamento de ambas as *Forças*.²³⁹

Conforme os preceitos do parágrafo anterior desse controle do bem sobre o mal e não a destruição do mal por completo, representa a *epistemé Jedi* em sua essência quanto a sua filosofia de vida, uma vez que o *Jedi* deve dominar os desejos permissivos e sombrios que o

²³⁷ Cf. ARON, Raymond. *Paix et Guerre Entre Les Nations*. Paris: Calmann, 2004, p. 101-106.

²³⁸ Zoroastrismo entende-se como um sistema religioso-filosófico, cujas diretrizes básicas repousam nos postulados de uma contradição dualista, a do bem e do mal, a qual foram estabelecidas por Zoroastro, conhecido também como Zaratustra, em meados do século VI a.C., cuja fé prescreve em um único deus, na crença do paraíso, na ressurreição, entre outras crenças em seus postulados, sendo interessante destacar que uma de suas ideologias destina-se a dirigir as condutas dos homens, com intuito de reprimir os maus impulsos que cada pessoa possui, devendo lutar contra essas premissas negativas ao longo de sua vida, pois o mesmo receberá um tipo de recompensa divina, e caso não procure viver uma vida casta, ou seja, escolha viver uma vida dissoluta, tal indivíduo receberá uma determinada punição. Cf. WILKINSON, 2011, p. 211.

²³⁹ Cf. WILKINSON, 2011, p. 215.

lado negro da *Força* pode oferecer. Esse domínio constará em manter a calma e meditar e a constância desse hábito o fará alcançar determinado equilíbrio, será um com a *Força*.²⁴⁰

Diferindo da concepção zoroastra, o ideário dicotômico judaico e cristão suas perspectivas partem de diretrizes em que o mal tem que ser extirpado com o intuito que cada indivíduo alcance um final de vida a contento, pois, “na oposição entre Deus e Satanás, como se vê no cristianismo e no judaísmo, temos apenas um dualismo temporário, e não um verdadeiro dualismo porquanto o padrão da doutrina judaica e cristã, é que o mal será finalmente eliminado”.²⁴¹ Neste sentido há uma hierarquização de caráter unívoca, em que o mal sempre há de ser sobrepujado pelo bem.

No maniqueísmo, em comparação as vertentes religiosas citadas nos parágrafos anteriores em relação a LSW, há essa irreconciliação dessas diretrizes dicotômicas (bem e mal), no tocante a questão do mal moral no indivíduo, que segundo as notas introdutórias da obra *O livre Arbítrio*, de Agostinho de Hipona, ao fazer uma síntese sobre o maniqueísmo quanto ao mal moral afirma:

Havia duas divindades supremas a presidir o universo: o princípio do bem e do mal, A luz e as trevas. Como consequência moral, afirmavam ter o homem duas almas. Cada uma presidida por um desses dois princípios. Logo, o mal é metafísico e ontológico. A pessoa não é livre nem responsável pelo mal que faz. Esse lhe imposto.²⁴²

Quanto a citação acima, destaca-se a imposição do mal ao homem, ou seja, o mal moral que há em cada indivíduo independe de suas decisões, sendo de características intrínsecas e metafísicas, cujas vontades estão sempre a mercê desse mal que há em cada indivíduo e fora dele.²⁴³

A relação dessa teoria maniqueísta diverge e muito das normas do *cânon Jedi*, pois por mais que um *Jedi* sinta a presença do mal sondando constantemente sua vida cognitiva, desde seu treinamento até a sua formação, ele pode evitar esse tipo de mal moral que existe na *Força*, pois ela não o obriga a nada, ou seja, “um destino pode ser aceito ou rejeitado e todas

²⁴⁰ Cf. WALLACE, 2016, p. 25-27.

²⁴¹ Cf. CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*. v. 6. São Paulo: Hagnos, 2001, 239.

²⁴² Cf. HIPONA, Agostinho. *O livre Arbítrio*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 7.

²⁴³ Quanto a este questionando do mal moral, ser de características intrínsecas e de imputação que não depende da escolha do homem em praticar o mal, Agostinho de Hipona contrariando a ideologia maniqueísta, que tinha por suas bases esse tipo de diretrizes, em sua obra intitulada de *O Livre Arbítrio* dividida em três volumes, o mesmo trata sobre a liberdade humana e da origem do mal, ao qual influenciado pela filosofia neoplatônica de Plotino, assim como suas decepções e falta de resposta, por conta de quando era seguidor da ideologia maniqueísta, Agostinho não suportou a ideia que Deus fosse a causa do mal, e conclui que o mal não é um ser, mais a deficiência e privação desse ser, em que tal conclusão levou a analisar a questão sobre o problema do mal em três níveis, Metafísico-ontológico, moral e físico. Cf. HIPONA, 1995, p. 10-40.

as escolhas ao longo do caminho cada indivíduo está livre para se fazer o que bem entender”.²⁴⁴

3.2.2 *Antagonismos essenciais*

A sistematização e unidade do arcabouço cognitivo em *Star Wars*, seus axiomas cognitivos ocorrem diretamente ao que os *Jedis e Siths* preconizam durante o desenrolar dessa trama literária-cinematográfica, sendo que o equilíbrio desse enredo ficcional pode-se fazer uma relação ao aforismo bourdieriano do “*opus operantum* está correlacionado com o *modus operantum*”²⁴⁵, ou seja, esta máxima resume de como se torna essencial para o *modus operandi* de *Star Wars*, esses ideários de vieses antagônicos, fazendo com que a trama ficcional desta saga possa fluir de um modo que haja um certo equilíbrio desta luta dos contrários pois, sem estes personagens, essa ficção não teria o mesmo brilhantismo imagético.

Nesse interim os *Jedis* segundo Wallace seguem pressupostos mais institucionalizados, pois seu *modus vivendi* se baseia não em emoções ou raivas triviais que podem desfocar de seus labores hodiernos, mas em preceitos pautados no que a Instituição (Ordem *Jedi*), já estabeleceu por cognições normativas ditas como correta (código *Jedi*), ou seja uma epistemologia cujo cerne tem por *axiomas* um *kanon* pautado de modo triádico na tradição, institucionalização e no objetivismo, ou seja, “o conselho *Jedi* não tolera mais hereges que acreditam ter achado um caminho superior que vai de encontro aos 24.000 anos de sabedoria acumulada pela ordem *Jedi*”.²⁴⁶

Nesse sentido, quanto a essa rigidez, pautada no tradicionalismo institucional e preceitos cognitivos objetivistas, as instituições sejam religiosas ou não, seguem essas premissas, mas pelo *locus* religioso, tais preceitos são bem visíveis, como por exemplo, no cristianismo, o tradicionalismo do catolicismo romano que perdura por séculos, mantém suas bases estritamente fundamentais, pela tradição da Igreja, pela tradição escrita, que sistematizam seus principais “dogmas e doutrinas religiosas”.²⁴⁷

²⁴⁴ Cf. WALLACE, 2016, p. 23-25.

²⁴⁵ Pierre Bourdier ao sugerir esses termos, o mesmo estava se referindo ao equilíbrio das classes sociais, cujo gosto está relacionado com a posição em que cada indivíduo se encontra na sociedade, ou seja, os modelos disponíveis e que definem seus estilos de vida, cuja praticidade não é livre mais sendo autodeterminante pelo *habitus*, que delinea todo o sistema, sendo entendida como a estrutura social, que ao ser interiorizada pelo indivíduo se transforma em estrutura mental. Cf. BOURDIER, Pierre. Gosto de Classe e Estilo de Vida. In ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdier*. São Paulo: Ática, 1994, p. 45.

²⁴⁶ Cf. WALLACE, 2016, p. 150.

²⁴⁷ Quanto a esses preceitos da doutrina e moral do catolicismo, no ano de 2005 afim de sintetizar e facilitar a compreensão de modo sintético os principais elementos de fé da Igreja católica romana. Para mais informações consultar. Cf. BENTO XVI. Do Santo Padre. *Catecismo da Igreja Católica*: Compêndio. Vaticano: Editrice

Os *Siths* ao contrário dos *Jedis*, seus pressupostos têm por cernes o medo, a raiva, como molas motoras, não seguindo um padrão institucionalizado, nem tão pouco tradicional tendo por premissas valores pautados na subjetividade e na individualidade de seus agentes,²⁴⁸ pois se baseiam em seus sistemas de crenças (código *Sith*), cujas premissas estão a “desafiar as restrições da ortodoxia”²⁴⁹, no caso os dogmas doutrinas vigentes da ordem *Jedi*.

Concernente a subjetividade e a individualidade que os *Siths* possuem, em paralelismo as cosmovisões seculares que acabam enveredando por esse processo do saber, corroborando na formação de uma *epistemé*, cujo cerne tem por princípios a pluralidade bem como a relativização de valores dogmáticos gerados no contexto das religiões. Neste aspecto vive-se hoje em dia, por uma ótica, onde a religião, magia e o misticismo, suas representatividades não são mais a força motriz das sociedades desenvolvidas, pois a razão passou a ser o centro das atenções, a fim de compreender a vida tanto individual, como social da humanidade.

Entretanto esse raciocentrismo na contemporaneidade possui um *locus* não excludente da magia, do misticismo ou da religião, mas sim de unificação, em muitos casos, destes preceitos cognitivos, pois há a necessidade de sentido para certas crises que a humanidade possui, sejam financeiras, amorosas, existenciais entre outras, que não são preenchidas em sua totalidade somente pelo viés racional.²⁵⁰

Tal fator é bem visível cada vez mais quando as pessoas descobrem novas formas de conhecimento que priorizam a racionalidade, sem deixar que suas relações sociais com as instituições preexistentes desapareçam por completo, ou seja, há um novo modo de viver, que abrange tanto a esfera, mítica e religiosa, quanto a esfera científica, pois esse *modus vivendi* dos indivíduos, pelo viés científico, pode-se resumir na seguinte proposição: “os filhos do saber crítico e científico estão se tornando religiosos e místicos”²⁵¹, gerando assim um hibridismo da humanidade.

Quanto a este hibridismo da humanidade em sua forma epistêmica, de seguir um locus tanto científico, como mítico, espiritual ou religioso, pode-se fazer uma analogia com o desejado equilíbrio da *Força* da saga *Star Wars*, evocando a figura do *Jedi* cinza, como aquele que consegue alcançar o equilíbrio da *Força* utilizando tanto dos poderes do lado luminoso como do lado negro, sem, no entanto sucumbir para o lado sombrio, ou ainda sendo o ser que

Vaticana, 2005.

²⁴⁸ Cf. WALLACE, 2014, p. 3-8.

²⁴⁹ Cf. WALLACE, 2016, p. 144.

²⁵⁰ Cf. CRESPI, Franco. *A Experiência Religiosa na Pós-modernidade*. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 38-39.

²⁵¹ Cf. BOFF, Leonardo. *A Fé na Periferia do Mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 59

não quis mais seguir as ordens do conselho *Jedi*, por achar que os preceitos estabelecidos por esta organização restringia-os a possuir família, os iniciados só poderiam ser treinados a partir da idade de quatro anos, bem como jamais poderiam fazer uso das habilidades do lado negro.²⁵²

Destarte, cabe ao *Jedi* cinza nesse caso a humanidade híbrida, possuir o devido equilíbrio entre as diferentes cognições que há em seu *modus vivendi*, ou seja metaforicamente falando ele consegue utilizar-se de dois lados da moeda, nesse caso sabe equilibrar a razão e a fé, ciência e religião, imanência e transcendência, sem contudo ir para ambas as extremidades e sim conhecer que a essência da vida como um todo, se realiza ao saber utilizar essas duas formas cognitivas que estão inseridas na raiz axial do *ethos humanus*.



²⁵² Os preceitos dos *Jedis* Cinzas, fazem parte do universo expandindo de *Star Wars* (UESW), cujos pressupostos surgem pela primeira vez em uma plataforma de um jogo de vídeo game do x box 360, produzido no ano de 2003, intitulado de: *Star Wars: Knights of Old Republic series*. Para mais informações consultar em: BOULDING, Aaron. *Star Wars: Knights of the Old Republic Review*. Disponível em: <<https://www.ign.com/articles/02003/11/22/star-wars-knights-os-the-old-republic-review?amp=1>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

CONCLUSÃO

Redescobrir, reinventar, convergir, remodelar, transmutar, entre outras palavras, podem sintetizar o que representa a saga *Star War* ao longo de seus mais de quarenta anos de existência para as diferentes áreas do saber, pois surgem diferentes interpretações das ações de seus personagens principais (*Jedis* e *Siths*), que se coadunam a situações hodiernas da humanidade, como por exemplo a epistemologia dualista que há nas religiões, no caso o embate cognitivo entre o bem *versus* mal. Esse preceito dicotômico e bem visível nessa trama fílmica e literária, o que fez surgir o interesse deste pesquisador em analisar as relações de alguns de seus diversos enredos como por exemplo, o lado luminoso e o lado negro da *Força*, com o dualismo que existe no campo epistemológico das religiões, em especial a religião cristã.

Nesse sentido, essa dissertação, com o propósito de delimitar o *corpus* dessa pesquisa, enveredou-se pela parte literária desta saga das obras compiladas por Daniel Wallace, visto que o campo de produção de *Star Wars*, conhecido como universo expandido, abrange incontáveis produções que como visto antes, vão desde jogos de vídeo game, obras de culinárias, quadrinhos, animações, séries de tv, entre outros produtos.

Devido essa premissa delimitatória escolheu-se das diversas cognições que há, a fim de servir como elo epistemológico a essa literatura fílmica, a semiótica, a epistemologia cristã e a cultura pop, pois tais áreas do conhecimento permitem que haja um verdadeiro *mutatis mutandis*, ao longo desse grande mosaico cognitivo estabelecido nesta dissertação, pois percebe-se que as vicissitudes, ora do campo filosófico, e religioso que *Star Wars* possuem, puderam dar bases para que esse dualismo religioso fizesse mais sentido à pesquisa.

Seguindo esses aspectos, a fim de analisar as dicotomias religiosas que há na saga, utilizou-se de paralelismos epistemológicos das esferas do saber, seja do campo filosófico, sociológico e religioso, ou seja, cognições deste mundo real, com as cognições do mundo imagético literário dessa saga, mostrando suas devidas particularidades, aplicabilidades e empregabilidades quanto a proposta dessa dissertação. De maneira alguma tentou-se fixar diretrizes que venham a ditar uma via de regra normativa, pois esse grande mosaico cognitivo aqui suscitado faz com que a tematização desta pesquisa não acabe por aqui, porém se expanda cada vez mais.

Concernente a essa expansão, a epistemologia cristã suscitada ao longo desta pesquisa, no caso a acadêmica e a eclesiástica, destaca-se que na contemporaneidade, essas cognições seu escopo cognitivo possua um arcabouço de várias esferas do saber, seja este

científico ou de senso comum, o que corrobora para que as semiologias e os arquétipos imaginários, em muitos casos de interpretação da ação do cotidiano, possam englobar desde produções literárias até produções cinematográficas, surgindo com isso diversas cognições nesse mundo cosmopolitano.

Concernente a essa interpretação do cotidiano Reblin, utiliza-se do topônimo da “Teologia do cotidiano”, sendo entendida como uma teologia que não se prende ao pragmatismo racional, ou a uma esfera religiosa, todavia o que cada pessoa interpreta da sua maneira, ou seja, que ao “debruçar-se sobre a teologia do cotidiano implica em verificar como esse senso teológico comum interpenetra as mais diferentes narrativas e linguagens que permeiam a vida social cotidiana”.²⁵³

Nesse caso a vida social do cotidiano na literatura em *Star Wars* acaba transmutando dos livros literários para figuras arquetípicas do dualismo religioso, ocorrendo desta forma um verdadeiro *mundus imaginalis*, cuja compreensão está em intermediar os enredos e personagens da literatura de *Star Wars* ao universo dicotômico das religiões, cuja analogias patentes e latentes compiladas nessa dissertação, procurou-se em certo sentido dar um sabor a mais a esse ícone cinematográfico.

Convém destacar que a égide do *mundus imaginalis* vem ser o grande contrapeso desta pesquisa, pois seguindo a preposição corbiniana²⁵⁴ esse aforismo diz respeito a um intermundo de dialogicidade entre as proposições empíricas e abstratas, ou ainda seguindo a ótica filosófica do conhecimento, um mundo que fica entre a cognição platônica (mundo inteligível) e aristotélica (mundo sensível), surgindo uma epistemologia híbrida e não há uma hierarquização dicotômica dessas esferas do saber, e sim um constante mundo de transformações, um verdadeiro *mutatis mutandis* cognitivo e tais ideários concatenam-se com a temática proposta nessa dissertação a literatura de *Star Wars*.

O enriquecimento desses arquétipos, não há como deixar de suscitar a clássica frase dos textos de *Star Wars*, “*a long time ago galaxy far, far away...*”²⁵⁵ Remete-se dizer que por mais que essa obra filmográfica tenha se passado a muito tempo desde sua primeira produção, de tão, tão distante, não há nada, pois a cada dia há constantes remodelações, pode-se dizer convergências para outros campos epistemológicos dessa saga.

²⁵³ Cf. REBLIN, Iuri Andréas. Perspectivas hermenêuticas acerca da representação religiosa nas histórias em quadrinhos. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos. (Orgs.). *Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar*. Leopoldina: ASPAS, 2015, p. 95.

²⁵⁴ Ao inferir sobre proposição corbiniana, diz respeito ao que Henry Corbin em sua obra intitulada de *Mundus Imaginalis: The imaginary and the imaginal*, no ano de 1972. Para mais informações. Cf. CORBIN, Henry. *Mundus Imaginalis: The imaginary and the imaginal*. New York: Spring, 1972.

²⁵⁵ Tradução desse pesquisador: “Há muito tempo atrás em uma galáxia tão, tão distante...”.

Destarte, a ficcionalidade da saga acaba se transformando em dualismo religioso, pois nesse mundo extremamente composto por dialogicidades, tais premissas são de suma importância, uma vez que “sem a ficção seríamos menos conscientes da importância da liberdade, para que a vida seja suportável”²⁵⁶, por mais que se crie uma falsa representatividade da vida real, esse *locus* epistemológico contribui como uma válvula de escape para as aporias que surgem ao bojo da cognição humana.

Nesse aspecto essa pesquisa, concernente as devidas relações da literatura de *Star Wars* com o dualismo religioso, utilizou-se da dicotomia entre o real com o virtual, do consciente com o inconsciente, do mito com o *logos*, da fé com a ciência, uma vez que tais simbioses epistemológicas compuseram o cerne dessa pesquisa.

Por fim, que cada vez mais possamos ser ousados em descobrir novas conquistas e possíveis paralelismos entre os diferentes campos do saber, pois só assim pode-se criar um mundo mais tolerante, com ações de alteridade para com o que diverge de um padrão normativo, não agindo de epistemicídios nem de textolatrias as outras formas de conhecimento, pois a *Força* do saber, e do ousar, devem estar sempre conosco.

²⁵⁶ GODOY, Gilberto. *Elogio à leitura e a literatura: Mario Vargas de Liosa*. Disponível em: <<http://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/elogia-a-cultura-e-a-leitura-mario-vargas-lios>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARÁN, Pampa; BAREI, Silvia. *Texto, Memoria, Cultura: El pensamiento de Iuri Lotman*. 2 ed. Córdoba: El Espejo, 2006.
- ARAÚJO, Gomes. *Teologia Ciência e Profissão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.
- A ARCA DO NERD. *A ascensão, queda e redenção de Anakin Skywalker (Darth Vader)*. Disponível em: <<https://arcadonerd.com.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2019.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: O Fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Cia do Bolso, 2009.
- ARON, Raymond. *Paix et Guerre Entre Les Nations*. Paris: Calmann, 2004.
- BARCINSKI, André. *Pavões misteriosos 1974-1983: A explosão da música pop no Brasil*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- BENTO XVI. Do Santo Padre. *Catecismo da Igreja Católica: Compêndio*. Vaticano: Editrice Vaticana, 2005.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos de Semiótica Literal*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida: Revista e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BOFF, Leonardo. *A Fé na Periferia do Mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOULDING, Aaron. *Star Wars: Knights of the Old Republic Review*. Disponível em: <<https://www.ign.com/articles/02003/11/22/star-wars-knights-os-the-old-republic-review?amp=1>>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- BOURDIER, Pierre. Gosto de Classe e Estilo de Vida. In ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdier*. São Paulo: Ática, 1994.
- BREZNICAN, Anthony. *George Lucas on Star Wars The Force Awakens: They weren't keen to have me involved*. Disponível em: <<https://ew.com/article/2015/11/20/george-lucas-star-wars-force-awakens-breakup>>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- BUENO, Francisco da Silva. *Grande Dicionário Etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968, v.6.
- BUTLER, Walter Ernst. *Magia Ritual, Poder e Propósito*. 2 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.
- CARO, Adrian Del. Classicismo Dionisíaco, ou Apropriação de Nietzsche de Uma Norma Estética. *Journal Of The History Of Ideas* [online]. v. 50, n.4, out-dez., 1989, p. 589-605. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2709799?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 21 fev. 2019.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992.

CASTRO, Fábio Fonseca de. Temporalidade e quotidianidade do pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 35-44.

Cavaleiros *Jedis* Exigem que a Quarta Maior “Religião” Da Grã-Bretanha Receba Reconhecimento. *Mail Online*, 16 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-416761/Jedi-Knights-demand-Britains-fourth-largest-religion-receives-recognition.html>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

CHAIU, Marilena. *Iniciação a Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

CHI, QI, KI: *Energia vital*. Disponível em: <<http://uniaofhp.com.br/estudo/energia-chi-qi-ki-energia-vital/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

COMBO POP. *Guia Cânone de Star Wars*. Disponível em: <<http://combopop.com.br/guia-canone-de-star-wars/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CONTER, Marcelo Bergamin; TELLES, Marcio; ARAÚJO, André. O revirtual: A memória da memória da cultura pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 93-106.

CORAL, Guilherme. *Entenda o universo expandido de Star Wars*. Disponível em: <<https://nosbastidores.com.br/o-que-e-universo-expandido-star-wars-entenda>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CORBIN, Henry. *Mundus Imaginalis: The imaginary and the imaginal*. New York: Spring, 1972.

CRESPI, Franco. *A Experiência Religiosa na Pós-modernidade*. São Paulo: EDUSC, 1999.

DELEUZE, Gilles. O Atual e o Virtual. In: ALLIEZ, Eric. *Deleuze: Filosofia virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, F. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

DICKSON, Lovat. *Herbert G. Wells: His turbulence life and times*. London: Mamillan; Readers Union, 1971.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FIKER, Raul. *Ficção científica: Ficção, ciência ou épica da época?* Porto Alegre: LP&M, 1985.

FILORANO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 2012.

FRANCHINI, A. S. CARMEN, Seganfredo. *As 100 Melhores Histórias da Mitologia: Deuses, Heróis, Monstros e Guerras da Tradição Greco Romana*. 9.ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GEISLER, Norman L. *Ética Cristã: Alternativas e Questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GIASSONE, Ana Claudia. *O mosaico de Frankenstein: O medo no romance de Mary Shelley*. São Paulo: UNB, 1999.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GODOY, Gilberto. *Elogio à leitura e a literatura: Mario Vargas de Liosa*. Disponível em: <<http://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/elogia-a-cultura-e-a-leitura-mario-vargas-liosia>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

GONZÁLES, Justo L. *A Era dos Mártires* v. 1. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o Sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRESCHAT, Hans-Jurgens. *O que é Ciência da Religião?* Coleção repensando a religião. São Paulo: Paulinas, 2006.

HENAUULT, Anne. *História concisa da Semiótica*. São Paulo: Parábola, 2006.

HEWITT, Jonh. Napoleon. Brinton. Orenda And a Definicion of Religion. *Magazine American Antropologist* [online]. v. 4, n.1, jan.-marc., 1902, p. 33-46. Disponível em: <<http://anthrossouce.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/aa.1902.4.1.02a00050>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

HIDALGO, Pablo. *Star Wars: The essential reader's companion*. New York: Del Rey Books, 2012.

HIPONA, Agostinho. *O livre Arbítrio*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

HORSLEY, Richard A. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

JAKOBWITZ, Sharon. EGAN, Vicent. A Triade Sombria e Traços Normais de Personalidade. *Personalidade e diferenças individuais. Revista eletrônica do departamento de psicologia da universidade de Glasgow* [online]. Glasgow – Escócia, v. 2, set., 2005, p. 331-339. Disponível em: <https://www.academia.edu/157853/The_dark_triad_and_personality>. Acesso em: 19 fev. 2019.

JUNIOR, Feder Fanotti. Cultura Pop: Entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45-56.

KAISER, Walter. Jr. *Introdução a Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KANT, Immanuel. *A paz perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1992.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Brasil S.A, 2004.

KENNEDY, J. Gerald. *Poe, death, and the life of writing*. New Haven: Yale University Press, 1987.

- KLENMAN, Paul. *Tudo Que Você Precisa Saber Sobre Filosofia: De Platão e Sócrates até a ética e metafísica*, o livro essencial sobre o pensamento humano. São Paulo: Gente, 2014.
- KNOHL, Israel. *O Messias antes de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LEMOA, André. *A Comunicação das Coisas: Teoria ato-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução a Teologia: Perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2010.
- LINDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e Sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 2011.
- LÓTMAN, Iuri. *Ensaio da Semiótica Soviética*. Lisboa: Horizonte, 1981.
- LÓTMAN, Iuri. *Estética e Semiótica do Cinema*. Lisboa: Estampa, 1978.
- LUCENO, E. S. Luceno. *Darth Plagueis*. São Paulo: Aleph, 2016.
- MACEDO, Edir. *Libertação da Teologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1993.
- MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica: A experiência de Tartú-moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: FAPESP, 2003.
- MARSDEN, George. *Fundamentalism and American Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- MAX, Weber. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- MONDIN, Batista. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*. São Paulo: Teológica, 2003.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. *Rumo ao Abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- MURAD, Afonso; ROBERTO, Paulo; RIBEIRO, Súsie. *A Casa da Teologia*. São Paulo: Paulus, 2008.
- NARCISSE, Evans. *20.000 Por Célula: Por que os midi-clorians sugam*. Revista eletrônica Times. Disponível: <<http://techland.time.com/2010/08/10/20000-per-cell-why-midi-chlorians-suck/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada da Filosofia: Das origens a idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- Nietzsche, Friedrich. *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- NOTH, Winfried. *A Semiótica no Século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.
- OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues de. *Retribuição e Prosperidade: Gênese percurso histórico e confronto com a teologia da gratuidade*. 158 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2006.
- OLSON, Roger E. *História Da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.
- Ordem Jedi do Brasil*. Disponível em: <<http://ordemJedi.com.br/ordem/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio da Ciência da Religião: Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- PECORARO, Rossano. *Nilismo: Filosofia Passo a Passo*. São Paulo: Zahar, 2007.
- PEGORARO, Olinto. *Ética dos Maiores Mestres da Através das História*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PÉREZ, Eduardo. *O paradoxo da Força: A Busca Pelo Equilíbrio em Star Wars*. Disponível em: <<http://andphilophy.com/2017/03/13/the-paradox-of-the-force-the-quest-for-balance-in-star-wars/>>. Acesso em: 21 fev. 2019.
- POTER, John, M. *The Tao of Star Wars*. Arizona: Green Dragon Publishing Group, 2003.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. 3.ed. São Paulo: Alfa e Ômega, 2003.
- QUINSON, Marie-Therese; LEMAITRE, Nicole; SOT, Veronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- REBLIN, Iuri Andréas. Perspectivas hermenêuticas acerca da representação religiosa nas histórias em quadrinhos. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos. (Orgs.). *Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar*. Leopoldina: ASPAS, 2015, p. 75-101.
- REDAÇÃO. *Julio Verne: inventor do futuro*. Super interessante - On-line. Disponível em: <http://www.google.com.br/amp/s/super.abril.com.br/historia/julio-verne-inventor-do-futuro/amp/>. Acesso em 29 jul. de 2018.
- REDDY, Michael, J. *A Metáfora do Conduto: Um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre linguagem*. Cadernos de tradução. Porto Alegre, 2000.

RODRIGUES, Sheila Darcy Antonio. *A literatura como parte de uma narrativa transmidiática: Uma viagem ao sistema literário de Star Wars*. 141f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

ROMA, Justino. *I e II Apologia: Dialogo com Trifão*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

RUIZ, Bartolomé Castor. *Os Paradoxos do Imaginário: Ensaio de filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

SANSWEET, Stephen. Jonh. *The Complete Star Wars Encyclopedia*. New York: Del Rey. 2008.

SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos: semiose e auto geração*. São Paulo: Ática, 1995.

SANTANA, Gelson. O líquido céu e futuro: o cinema de ficção científica na cultura pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 151-164.

SANTO, Agostinho. *De Trinitate: Livros IX-XII*. Covilhã: Luso Sofia, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

SCARDELAI, Donizete. *Movimentos Messiânicos No Tempo De Jesus: Jesus e outros messias*. São Paulo: Paulus, 1998.

SCHIAVO, Luigi. Conceito e Interpretação da Religião. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Volmor da. (Orgs.). *O Sagrado e as Construções de Mundo*. Goiânia: UGG, 2004, p. 05-07.

SCHLEGEL, Jean. Louis. *A Lei de Deus Contra a Liberdade dos Homens: Integrismos e Fundamentalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SHULER, Arnaldo. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. Canoas: Ulbra. 2002.

STAR WARS. *Box os Segredos da Galáxia*. Disponível em: <http://m.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/ficcao-cientifica/box-star-wars-4-volumes-13161395>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

STAR WARS. *Simbolo da Ordem Jedi*. Disponível em: <<https://symbolismofthings.com/significado-simbolos-star-wars-simbolismo/>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

STAR WARS. *Simbolo da Ordem Sith*. Disponível em: <<https://xn--oo-yjab.cl/heraldica-star-wars-simbolos-escudos/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 19-33.

SZENT-GYÖRGYI, Abert. *Dionísios e Apolônios*. *Science* [online]. v. 176, ed. 4038, jun. 1972, p. 966. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/176/4038/966.1>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

TABOR, James D. *A Dinastia De Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

TAVARES, Bráulio. *O que é ficção científica?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TELES, Antônio Xavier. *Introdução ao estudo de filosofia*. 20. ed. São Paulo: ática, 1990.

TERTULIANO, De Praescriptione Haereticorum. In: BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. 7. ed. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TERTULIANO. De Carne Christi. In: Gilson, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TIKANGA. *Mana o Que é Isso*. Disponível em: <<http://www.maori.org.nz/tikanga/default.php?pid=sp98&parent=95>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

The Death Battle. Disponível em: <https://deathbattlefanon.fandom.com/wiki/Darth_Malgus>. Acesso em: 19 fev. 2019.

VALLS, Álvaro L. M. *O Que é Ética*. Coleção Primeiros Passos. n. 177. São Paulo: Brasiliense, 1994

WAGNER. Alegretti. *Retrocognições: Pesquisa da memória de vivências passadas*. Foz do Iguaçu: Editares, 2010.

WALLACE, Daniel. *Livro do Sith: Segredo do lado Negro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

WALLACE, Daniel. *Manual do Império*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

WALLACE, Daniel. *O Caminho Jedi: Um Manual Para Estudantes da Força*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

WELLBURN, Andrew. *A Filosofia de Rudolf Steiner e Crise do Pensamento Contemporâneo*. São Paulo: Madras, 2005.

WILKINSON, Philip. *Guia ilustrado Zahar de Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

YOKE, Ho Peng. *Li, Qi, Shu: Uma Introdução à Ciência e Civilização na China*. New York: Mineola, 2000.

ZABATIERO, Júlio. *Fundamentos de Teologia Prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ZABATIERO, Júlio. *Para um Método Teológico*. São Paulo: Fonte Editorial; Faculdade Unida, 2011.

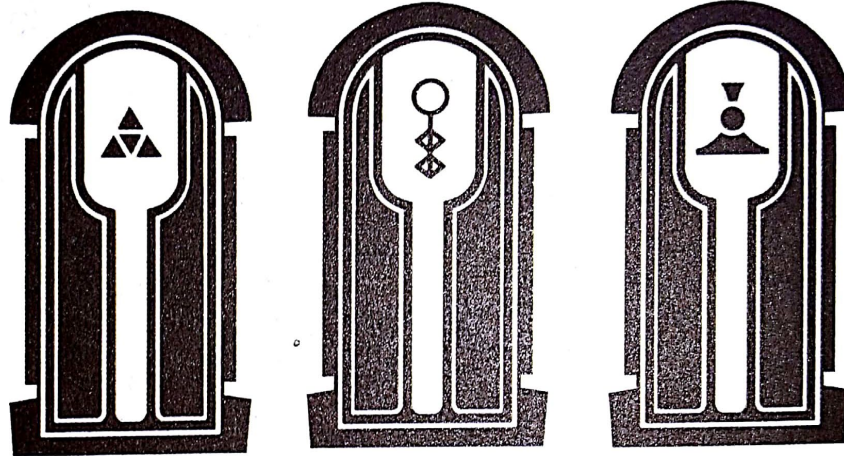
ANEXOS

ANEXO A1- OS TRÊS PILARES JEDIS.²⁵⁷

O núcleo de todo Sedi
deveriam eles ser.
-Yoda

OS TRÊS PILARES DOS JEDI

Os Três Pilares dos Jedi — Força, Conhecimento e Autodisciplina — balizam tudo o que fazemos como Jedi e reforçam os preceitos do Código Jedi. Como a Força está em todas as coisas, é correto defini-la como primeiro pilar.



²⁵ O ESTATUÁRIO NA FRENTE DO TEMPLO JEDI ILUSTRA ESSES TRÊS PILARES, UM FATO DESCONHECIDO PARA ESTRANHOS.

²⁵⁷ Extraído de: WALLACE, Daniel. *O Caminho Jedi: Um Manual Para Estudantes da Força*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016, p. 23-25; 28-29; 36-37.

O PRIMEIRO PILAR: A FORÇA

POR SABLE-MANDIBU, VIDENTE JEDI

Se tem uma coisa que vocês, jovens estudantes, sabem é: a Força é um campo energético criado por todas as coisas vivas. Até mesmo o vendedor de pallie nos limites dos megabloco conhece o assunto. Qualquer droide sabe disso!



1.6 A FORÇA VIVA PERMITE AO JEDI CONECTAR-SE COM PLANTAS E ANIMAIS QUE HABITAM O MUNDO À SUA VOLTA.

TAMOS DE VOLTAR A ESSA IDEIA DE QUE A FORÇA FLUI ATRAVÉS DE NÓS — NÃO A PARTIR DE NÓS.
-LUKE

Nós Jedi somos abençoados com o dom de nadar na Força em todos os momentos — respirando-a, provando-a e conduzindo sua corrente para nosso destino único. Para os Jedi, o universo nunca é frio e sem direção. A Força nos dá propósito e nos compele a compartilhar nosso dom com os outros.

Mestre Bowspritz irá ensiná-los sobre os midi-chlorians em nossas células que canalizam a energia da Força. Evitem pensar muito

a respeito dessa necessária simbiose biológica. Em vez disso, ampliem o seu foco. Afinal de contas, nós não bebemos a tigela, mas sim a sopa que ela contém.

A Força é maior que todos nós, mas se expressa sob dois aspectos. A Força Viva é crua e acessível. É a energia de vida formigando à nossa volta quando passamos por entre plantas e animais em uma caminhada pela selva. Quando seres morrem, sentimos através da Força

Me impressiona que a Força Viva seja a essência do nosso chamado Jedi. Apesar dos avisos do Mestre Dooku, eu não consigo deixar de ajudar os outros, mesmo que isso se volte contra o meu destino.
G-G

*Um choque
que eu tento
prazer em
proporcionar.*



Viva. Quando muitos morrem de uma só vez, a perda de energia pode chocá-los, até mesmo derrubar vocês. Todas as nossas habilidades tangíveis da Força — como correr, saltar, aguçar os sentidos, mover objetos ou acalmar emoções alheias — são técnicas pelas quais nos tornamos agentes da Força Viva.

A Força Unificadora é um vasto poder cósmico. Vocês ainda não conseguem senti-la, mas, com paciência e reflexão, sentirão. A Força Unificadora são as estrelas e galáxias, a superfície agitada do

tempo e do espaço. Ela é a voz que sussurra sobre seus destinos, e podem ter certeza: a Força tem vontade própria. Dialogar com a Força Unificadora é deixar o corpo em caráter temporário, para caminhar pelo passado ou ver o futuro. Alguns ancestrais acreditam ser possível até transcender a morte.

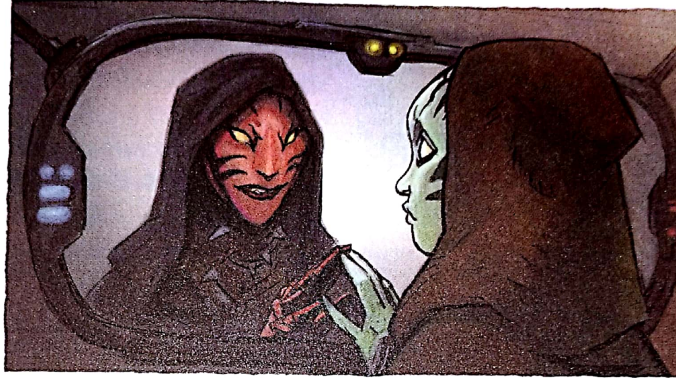
*Certeza demais, Mestre Mandibu tem.
Nebulosa a Força Unificadora pode ser
e muitos mistérios ela guarda.
-Yoda*



²⁷ A FORÇA UNIFICADORA INTERLIGA AS ESTRELAS E OS PLANETAS NO TEMPO E NO ESPAÇO. ATRAVÉS DESSA FORÇA, UM JEDI PODE SENTIR O PASSADO E O FUTURO.

O QUE É O LADO NEGRO?

Como Jedi Iniciados, vocês são jovens e ainda não experimentaram as tentações do lado negro. Mas prestem muita atenção, pois nada tem tanto potencial para arruinar suas boas ações e reputação.



²⁸ Os Jedi devem se afastar das paixões que levam ao lado negro dentro de si.

Vocês já sabem que a Força é onipresente, que existe simultaneamente como energia pessoal e como um poder imponente através dos aspectos de Força Viva e Unificadora. O lado negro não é a "peça que falta no quebra-cabeça". Não se iludam em procurá-la. A Força é uma montanha emergindo da água — o lado negro está apenas submerso, recolhido no fundo. Se vocês escolherem mergulhar, o lodo irá prendê-los e afogá-los.

Paixões revestem o caminho para o lado negro e devem ser evitadas. Medo, raiva e ódio são fortes

paixões que os levarão a perder o foco e achar atraentes os prazeres fáceis do lado negro. O amor também é uma paixão forte e perigosa na mesma medida. Aqueles que são obcecados pelos pais, filhos ou amantes devotam toda a sua energia na direção do objeto especial de seu foco. Os Jedi devem servir a todos, não escolher alguns poucos. Se sentirem vontade de procurar a sua família de origem ou formar laços românticos, por favor, consultem seus Mestres. Viver no lado negro levará ao sofrimento. Laços os levarão a perder de vista o caminho e são motivo para expulsão da Ordem.

TALVEZ SEJA PORQUE MEUS MAIORES DESAFIOS TENHAM VINDO DE ESPÍRITOS SITH E OUTRAS AMEAÇAS EXTERNAS, MAS EU NÃO ACREDITO NO BANIMENTO DOS LAÇOS. NÃO POSSO IMAGINAR MINHA VIDA SEM MARRA, LEIA, OU MESMO HAN.
-LUKE

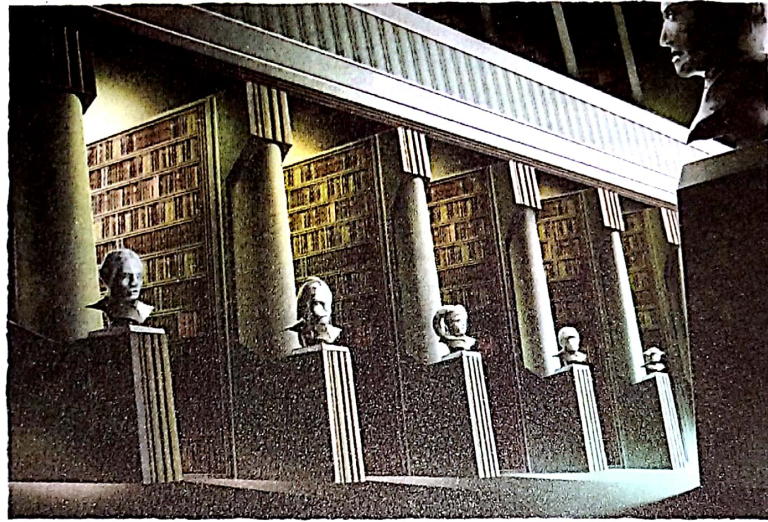
SINTO FALTA DE PESSOAS FORA DESSE TEMPLO E FARIA QUALQUER COISA PARA PROTEGÊ-LAS. ISSO FAZ DE MIM UMA PESSOA RUIM?

Anakin
E NÃO É QUE O SKYGUY TEM UM CORAÇÃO??
-ANAKIN

2

Familiarizado um youngling deve estar com os Arquivos. Do conhecimento, sabedoria nasce. -Yoda

O SEGUNDO PILAR: CONHECIMENTO



2.10 PRIMEIRO SALÃO DOS ARQUIVOS JEDI.

RECURSOS DO TEMPLO JEDI

POR RESTELLY QUIST, BIBLIOTECÁRIA-CHEFE

ATÉ O MOMENTO, LOCALIZEI APENAS UM PUNHADE DE CARTÕES DE DADOS HOLOCRONS DE CUI-UNTIROR. MUITO CONHECIMENTO FOI PERDIDO PARA O IMPÉRIO. LUKE

O Pilar do Conhecimento é o mais importante dos três pilares que vocês estudarão ao longo do tempo como Iniciados. Como bibliotecária-chefe e cuidadora do Primeiro Conhecimento, sei disso melhor que meus colegas. Se não fosse pelas histórias da Ordem gravadas em nossos Holocrons, o que a Mestre Mandibu saberia sobre a Força além de seus vagos sentimentos? Sem os diagramas de técnicas de combate em nossos Arquivos, como a Mestre Vaunk saberia a maneira correta de instruí-los em *shii-cho*?

Como younglings, vocês devem estar bem cientes das ferramentas de instrução que temos no Templo, em especial aquelas no Quadrante do Primeiro Conhecimento, onde passam o tempo. No entanto, não

estou cega para a desatenção e a preguiça que infestam alguns estudantes. Se vocês não prestavam atenção até o dia de hoje, creio que o farão a partir de agora. A ignorância só é motivo de vergonha se

3

2

2 **UM COLEGA DE CLASSE ROUBOU UM HOLOCRON SITH - POR POUCO TEMPO, É CLARO. AS FONTES DE INFORMAÇÃO DOS JEDI NÃO SE ENCONTRAM TÃO SEGURAS QUANTO O CONSELHO QUER QUE ACREDITEMOS.**

-DOOKAN

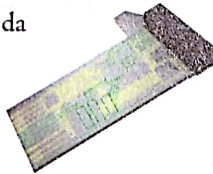
vocês optarem por não corrigi-la, e qualquer pergunta pode ser respondida nos Arquivos ou na Câmara de Holocrons.

Próximo aos Arquivos e na torre sobre o quadrante do Primeiro Conhecimento, vocês encontrarão a Câmara de Holocrons, que contém ensinamentos gravados por alguns dos maiores pensadores Jedi dos últimos vinte e quatro milênios.

Os Arquivos são a base central de conhecimento para toda a Ordem e contém mais informação que vocês poderiam absorver em mil vidas. Suas quatro alas são classificadas da seguinte maneira: a história e a filosofia da Ordem Jedi; as ciências físicas; a estrutura geográfica e política da galáxia; e a natureza e a diversidade das coisas vivas. Para localizarem um cartão de dados específico, consultem um dos droides ou peça a mim ou a um dos membros da minha equipe.

Não ignorem outras fontes ao seu redor. Vocês devem reconhecer à primeira vista as estátuas dos pensadores Jedi alinhadas nos corredores; e a tapeçaria sobre a qual passam a caminho das suas refeições representa batalhas e revoluções sobre as quais vocês podem pesquisar nos Arquivos. Mesmo um lugar como a Sala das Mil Fontes pode lhes proporcionar educação em botânica. Nunca negligenciem sua mente em favor de seu corpo ou espírito.

^{2.11} OS CARTÕES DE DADOS PODEM SER USADOS EM QUALQUER TERMINAL NOS ARQUIVOS.

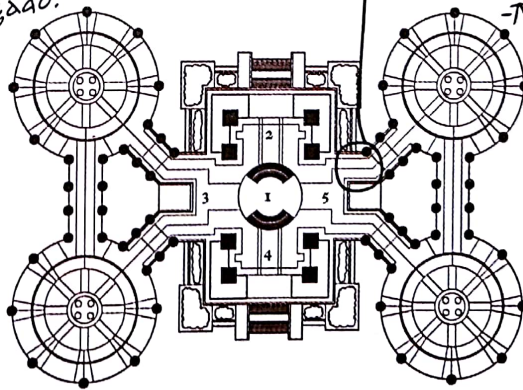


Os cartões eram assim antigamente? Engraçado.
-Thame

FOI AQUI QUE EU ENCONTREI AQUELES LADRÕES QUE ROUBARAM O HOLOCRON.

-THSOKA

^{2.12} OS ARQUIVOS JEDI:
1. A ROTUNDA. 2. PRIMEIRO SALÃO, QUE GUARDA AS GRAVAÇÕES DE HISTÓRIA E FILOSOFIA. 3. SEGUNDO SALÃO, ONDE ESTÃO OS DADOS DE MATEMÁTICA E CIÊNCIA. 4. TERCEIRO SALÃO, QUE CONTÉM INFORMAÇÕES SOBRE GEOGRAFIA E POLÍTICA. 5. QUARTO SALÃO, QUE ABRIGA DADOS SOBRE A NATUREZA E A DIVERSIDADE.



O TERCEIRO PILAR: AUTODISCIPLINA

POR SKARCH VAUNK, MESTRE DE BATALHA JEDI

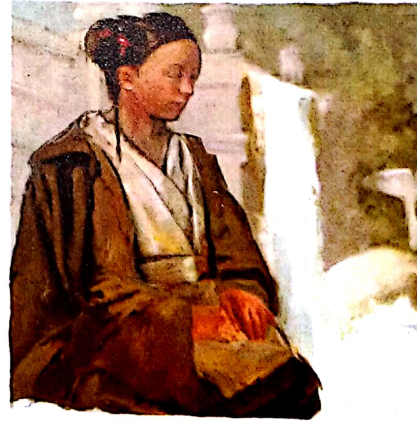
Muitos de vocês Iniciados estão ávidos demais para entrar nesse campo de conhecimento, pois é através dele que se consegue manejar um sabre de luz. Mas há um motivo para ele ser chamado de terceiro pilar. Até que vocês tenham demonstrado sua conexão com a Força e sua boa vontade em estudar e aprender, nunca serão admitidos na minha aula.

Para aqueles que passaram por esse teste, vocês farão bem em lembrar-se de que esse pilar se chama Auto-disciplina, e não Combate. É impossível empunhar um sabre de luz sem que primeiro se tenha dominado as ações do seu corpo físico. É por isso que damos aos Iniciados sabres de treino. Quando vocês construírem um sabre de verdade enquanto Padawans, deverão ter habilidade suficiente para não de-
cepar o próprio braço.

Meditação é a chave para alinhar seu corpo com o espírito e a determinação da Força. Como Iniciados, você deve meditar cinco vezes por dia. Isso não é o bastante. Sempre que tiverem um momento a sós, ainda que estejam do lado de fora de uma câmara de treinamento esperando pelo início de uma sessão, fiquem centrados como vocês aprenderam.

A Força rejuvenescerá seus corpos e afiará suas mentes, mesmo que por pouco tempo.

Vocês podem praticar estados mais profundos durante as sessões diárias. Tentem atingir a **Meditação Vazia**, que expurga suas emoções negativas e permite que vocês se afastem de envolvimento. A Meditação Móvel é um estado



^{2.20} A IMOBILIDADE DA MEDITAÇÃO VAZIA PERMITE AO JEDI CENTRAR-SE EM SI MESMO E ATINGIR UMA PAZ INTERIOR MAIS PROFUNDA.

Altamente
recomendável!
-Kenobi

desperto que diminui a distração e amplia seu foco em uma tarefa — vocês podem achar que ela melhora sua habilidade de reparar um equipamento, sua capacidade de procurar dados nos Arquivos, ou seus exercícios de combate. A Meditação de Elevação amplia a sua conexão com a Força em tal nível que vocês poderão se flagrar levitando. Nesse estado, vocês ouvirão as visões e profecias da Força Unificadora.



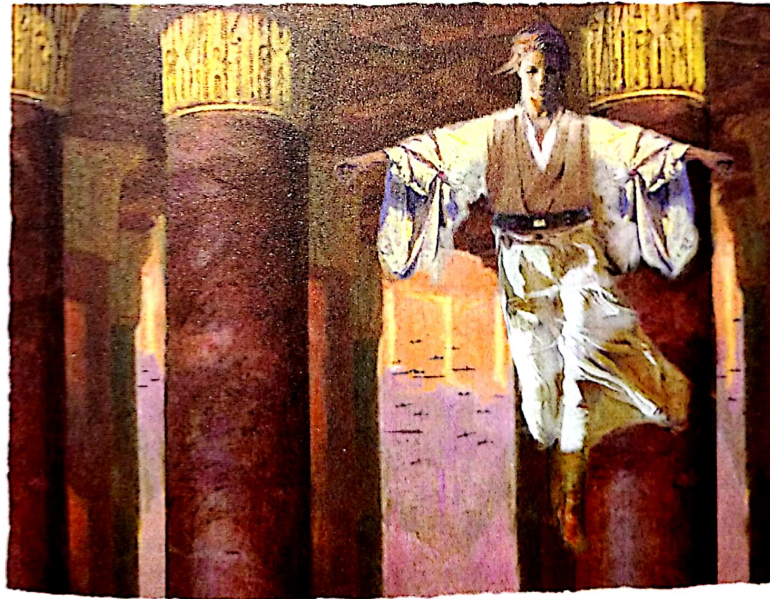
^{2.21} O JEDI QUE ENTRA NA MEDITAÇÃO MÓVEL SENTE-SE CAPAZ DE ENCARAR QUALQUER RISCO.

A meditação é uma expressão diária da autodisciplina. Se vocês estiverem tendo problemas para isolar a mente, encontrem uma câmara de meditação dentro do Templo

que isole estímulos externos. Vocês também poderão preferir a Sala das Mil Fontes, onde o som das quedas d'água ajuda a acalmar e centrar-se.

Eu prefiro uma pequena no Quadrante da Reconciliação.

DESCOBRÍ CASUALMENTE A MEDITAÇÃO DE ELEVAÇÃO HÁ ALGUNS ANOS. QUANDO HAN ME ASSUSTOU, EU ESTAVA A UM METRO



DO CHÃO. A QUEDA NÃO FOI DOLOROSA, MAS ME SENTI CONSTRANGIDO.
-LUKE

^{2.22} NO ESTADO PROFUNDO DA MEDITAÇÃO DE ELEVAÇÃO, O JEDI PODE TER OS SEUS SENTIDOS DA FORÇA AUMENTADOS E SEU CORPO ELEVADO DO CHÃO.

ANEXO B1- A HISTÓRIA DOS SITH.²⁵⁸

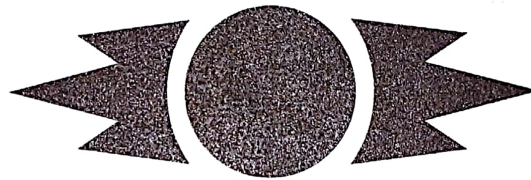
A HISTÓRIA DOS SITH

POR RESTELLY QUIST, BIBLIOTECÁRIA-CHEFE

O lado negro é a energia egoísta e impulsiva que vocês sentem quando não estão em paz. Membros da Ordem que se entregam a essas emoções destrutivas costumam experimentar uma corrupção espiritual irreversível que os marca como integrantes do lado negro. Aqueles que seguem os rituais de uma filosofia *específica* do lado negro se tornam Sith. Nem todos do lado negro são Sith; no entanto, os Sith provaram ser o poder mais persuasivo e malévolos dos últimos milênios. Algumas vezes, eles chegaram a controlar a maior parte da galáxia.

Assustador. Os Sith eram os inimigos da vida.

O-G



⁴³³ Os SITH ESTÃO EXTINTOS, MAS OS ECOS DE SUA MALDADE AINDA VIVEM.

Os Sith se atêm a um conjunto de crenças influenciadas pela magia necrótica da espécie alienígena de mesmo nome, mas seus princípios fundamentais estão resumidos no Código Sith:

*A paz é uma mentira, só há paixão
Através da paixão eu ganho força
Através da força eu ganho poder
Através do poder eu ganho vitória
Através da vitória minhas
correntes são quebradas
A Força me libertará*

Os Sith atestam que essas crenças representam a sua vontade de desafiar as restrições da ortodoxia e balançar as estruturas de poder. Ainda assim, é evidente que o Código Sith é egoísta. Cada princípio é focado nos desejos e vontades individuais. Os Jedi sabem que a grandeza só pode ser conquistada através de indivíduos humildes. Os Sith anseiam por poder rápido e fácil, e por isso mergulham fundo nas emoções.

²⁵⁸ Extraído de: WALLACE, Daniel. *O Caminho Jedi: Um Manual Para Estudantes da Força*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016, p. 144-145.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 27/11/2019.

A espécie Sith, originária de Korriban, e os primeiros do lado negro — aqueles que se afastaram da Ordem durante o Primeiro Grande Sismo em Tython — compartilham impressões parecidas do poder. Em

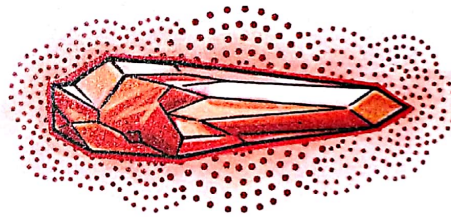
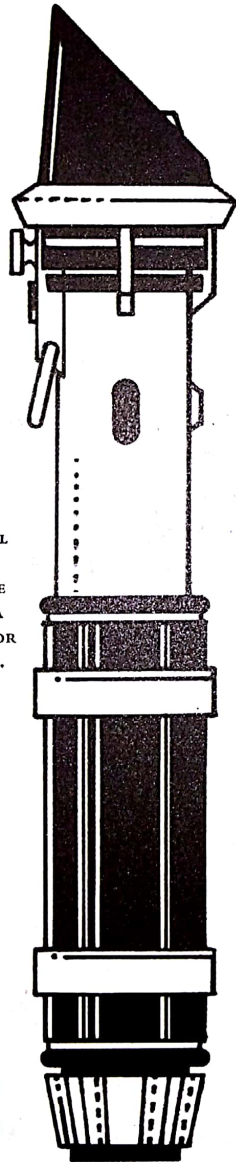
certo ponto, seus ensinamentos se tornaram tão interligados que o termo "Sith" passou a descrever quaisquer adeptos às suas crenças, independentemente da espécie.

Os Sith portam sabre de luz de lâmina vermelha, em razão dos cristais sintéticos que usam. Esses sabres de luz servem tanto para anunciar sua presença como para testar nossos próprios sabres em batalha. A lâmina do sabre de um Sith é famosa por "quebrar" a lâmina de um sabre Jedi ao sobrecarregar sua matriz energética. Ainda bem que a aniquilação da Ordem Sith pôs fim a tais duelos.

Um atributo quase nunca necessário. Um verdadeiro Sith pode matar um Jedi em segundos.



⁴⁻³⁴ UM SABRE SITH É MARCADO PELO CRISTAL VERMELHO QUE POSSUI E PELA LÂMINA DE MESMA COR QUE PRODUZ.



⁴⁻³⁵ OS SITH FORJAM CRISTAIS VERMELHOS ATRAVÉS DE MEIOS SINTÉTICOS.

De vez os Sith já foram, mas membros do lado negro continuam. Um em Demogora eu fui forçado a matar.

-Yoda

ANEXO C1- O CÓDIGO SITH.²⁵⁹

O Código Sith

Um único código unificador pode ser derivado da filosofia Sith. Os Jedi têm um código, e nós, exilados, o conhecemos bem. Mas também sabemos que ele é cheio de inadequações e meias-verdades.

Os Sith Puro-sangue não requerem mantra algum para lembrá-los de como viver. Eles apenas pegam o que podem, matam aquilo de que não precisam e usam tudo ao máximo. Além de serem governados pelo mais forte, eles são um modelo do que o lado negro pode conquistar.

Pode-se obter conhecimento com o exemplo deles. Se queremos criar um código Sith, ele deve apontar para as falhas das crenças Jedi enquanto determina um caminho para a maestria da Força. É evidente que o medo leva à raiva, a raiva leva ao ódio, o ódio ao poder e o poder à vitória. A fúria canalizada através da raiva é invencível.

O Código Jedi não limita. Ele fornece propósito e direção. A raiva pode energizá-lo,

mas é uma energia aleatória e superaquecida que conquistará pouco e drenará você.

Mae

A edição comum do Codex de Mestre Simikarty traduz o código Jedi assim:

Não há emoção, há paz.

Não há ignorância, há conhecimento.

Não há paixão, há serenidade.

Não há caos, há harmonia.

Não há morte, há a Força.

Essa única linha do Código Jedi de fato contém alguma verdade. Ela se tornou a obsessão do meu Mestre.



²⁵⁹ Extraído de: WALLACE, Daniel. *Livro dos Sith: Segredos do lado Negro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 46-47.

Esse código restringe seus seguidores. Paz, serenidade e harmonia são reformulações da mesma coisa — a aceitação passiva das limitações. Os Jedi encorajam isso.

Mas a paixão sempre derrotará a paz. À medida que construirmos nosso Império aqui em Ziost, nossos sucessores se manterão fiéis ao Código Sith:

A paz é uma mentira, só há paixão.

Através da paixão eu ganho força.

Através da força eu ganho poder.

Através do poder eu ganho vitória.

*Através da vitória minhas correntes
são quebradas.*

A Força me libertará.

A Profecia do Sith'ari

Conheço o mito Jedi de Mortis, de um Escolhido que destruirá o lado negro e levará equilíbrio para a Força. Os Sith têm sua própria profecia. Desde os tempos do Rei Adas, eles predisseram a vinda de um ser perfeito — o *Sith'ari*.

O abattar que uso em torno do meu pescoço traduz o termo como "suserano". No entanto, é mais exato considerar *Sith'ari* um deus, como acreditam os Sith Puro-sangue. Apesar de alguns entre os sacerdotes Kissai julgarem que a profecia começou e terminou com Adas, a maioria acredita no retorno do *Sith'ari*.

ANEXO D1- A FORÇA VIVA E O LADO NEGRO.²⁶⁰

A FORÇA VIVA E O LADO NEGRO

Outros grupos, como aqueles dos Jedi e dos Sith, usam termos estranhos e frios para descrever o trabalho dos espíritos. Eles falam da Força unificadora e da Força viua — do lado luminoso e do lado negro. Devemos perdoar a sua ignorância, pois eles não são Xamãs de Dathomir. Seus líderes não são capazes de compreender tais conceitos sem suportar um teste como o meu.

Não existe necessidade de separar o que eles chamam de Força viua da Força unificadora. Ambas são manifestações das Divindades Gêmeas e ambas estão viuas de maneira vibrante e opressiva. Essa classificação em lado luminoso e lado negro também é um equívoco. É um mal matar? Aqueles que responderam sim se sentiriam satisfeitos caso predadores passassem fome para que grazers cavassem a terra sem oposição apenas para morrer entre os famintos? Essa utopia sem sangue é vislumbrada pelos Jedi moralistas?

O que os Jedi chamam de lado negro as Irmãs da Noite conhecem como a essência da vida. Até alguns de nossos clãs de bruxas cometeram o mesmo erro que os Jedi, ignorando a voz desses espíritos que clamam por sangue e rotulando-os como maus. Minhas irmãs, não se preocupem com lado negro ou lado luminoso. Essa é a língua dos forasteiros.

Nossas habilidades foram concedidas pelos espíritos. A Deusa Alada e o Deus com Garras concedem as energias passiva e agressiva que animam todas as criaturas e permitem a respiração. Vocês escolheriam negar a si mesmas? Não limitem seu escopo obedecendo a regras artificiais.

As Irmãs da Noite nunca conquistaram poder galáctico porque elas não se comprometem com um único caminho. Ao renegar o nome do lado negro, elas não se entregaram a ele por completo e nunca obtiveram o verdadeiro poder.



ESSA COMPARAÇÃO É FALSA. EXISTE, SIM, MORTE NA FORÇA VIVA, MAS TAMBÉM EXISTE EQUILÍBRIO. O ERRO DO LADO NEGRO É QUE ELE CONDUZ A UMA ACUMULAÇÃO EGÓICA DE PODER. ESSE Desequilíbrio CAUSA DANOS A MILHÕES. — LUKE



²⁶⁰ Extraído de: WALLACE, 2014, p. 101.

ANEXO E1- TRADIÇÕES CONCORRENTES DO LADO NEGRO.²⁶¹


Conheci esses cretinos fechados e escutei suas profecias monótonas. Eles, de fato, possuem o dom de antever o futuro, o que foi útil para as minhas tropas na Batalha de Dathomir. Mas os Profetas admitem ter perseguido hereses e imitadores.

TRADIÇÕES CONCORRENTES DO LADO NEGRO

Rejeitamos o termo “lado negro”, mas ele é muito usado por causa da influência cultural dos Jedi e dos Sith. Aqueles que usam os poderes do sobrenatural — ou, como outros chamam, a Força — com a finalidade de matar sob o comando de seu empregador são considerados do lado negro. Fica claro que, se temos que receber uma classificação, devemos nos considerar como tais.

Vocês se verão entre muitos que não compreendem nossas tradições. Eles podem lhes chamar de Sith ou de uma série de outras tradições importantes. Aproveitem a chance para colocar as Irmãs da Noite em um local separado nas mentes daqueles que detêm o poder. Apenas promovendo nossas habilidades únicas seremos capazes de continuar exigindo um preço premium.

Os Profetas do Lado Negro são similares aos Sith de muitas maneiras. A religião separatista deles nasceu dos ensinamentos de um Lorde Sith, Darth Millennial, mas os Profetas não são guerreiros. Eles alegam ter habilidades sem igual em adivinhação, e alguns abordaram os nossos clientes prometendo revelar as consequências de eventos galácticos ainda por vir. Duvido que os espíritos sussurrem para eles com qualquer clareza, e somente uma bruxa tomada pela insanidade seria seduzida pela religião deles. Suspeito que seus pronunciamentos sejam declarações ocas sobre acontecimentos inevitáveis. Plantem essa semente da dúvida se tiverem oportunidade.



PROFETA DO LADO NEGRO

124

²⁶¹ Extraído de: WALLACE, 2014, p. 124.

ANEXO F1- A CIÊNCIA DA CRIAÇÃO DA VIDA.²⁶²A Ciência da Criação da Vida

O que é a Força? Os Jedi dizem que ela é criada pela vida. Mas eu digo que a Força cria a vida. É uma dedução simples - uma conclusão óbvia quando apoiada por experiência estruturada. Considerem ainda: as mentes científicas que lideram a galáxia são muito ignorantes sobre a Força, e os usuários da Força mais habilidosos da galáxia rejeitam a ciência. Os últimos são envolvidos em um misticismo romântico, convencidos do chamado de poder superior. Os primeiros não têm desculpas.

Desse modo, serei o primeiro a seguir essa linha de investigação. Um entendimento científico da Força não é o mesmo que memorizar encantamentos. A ciência procura entender o princípio por trás de uma reação, não apenas como replicá-la - em especial quando as fórmulas para as reações estão infladas com séculos de ornamentação vazia.

Para estudar alquimia, é necessário remover suas frases rimadas e sua perversa obsessão com sacrifícios de sangue. Para estudar um talismã xamânico, é necessário enxergar além das palavras de invocação. Quando um talismã libera seu poder, qual é o verdadeiro gatilho? As palavras? O tom de quem as profere? Seu estado mental? Se o poder de um talismã reside no interior da gema, o que acontecerá se um fragmento for removido, e depois outro? A energia é dissipada quando há perda suficiente de massa? A proporção para gemas similares e talismãs similares é consistente?

Os Sith do passado nunca fizeram essas perguntas, pois a tradição e a obediência acabavam com o lampejo de curiosidade deles. E essas questões são muito mais que especulação inútil. Minha ciência removerá tudo o que for supérfluo. Dessa maneira, a verdadeira natureza dos elementos fundamentais manejados pelos Jedi e pelos Sith com tanta casualidade será revelada.

O ELEMENTO QUE PLAGUEIS NÃO CONSEGUIU MEDIR FOI A DETERMINAÇÃO DA FORÇA.
OS JEDI ESCUTAM SEU CHAMADO E ACREDITO QUE OS SITH TAMBÉM.
ACHO QUE A FORÇA NÃO SE SENTIU COMPELIDA A FALAR COM PLAGUEIS.

-LUKE

²⁶² Extraído de: WALLACE, 2014, p. 129-130.

Por isso é que devo ser o primeiro. Mudarei tudo. Os Sith afundaram-se em rituais até durante nossos séculos sob a Regra de Dois, brincando de se vestir em fantasias assustadoras e fazendo pose para nossos seguidores. Queimarei os trajes coloridos e estudarei a estrutura esquelética que revela a arquitetura da realidade.

Meu objetivo final é o segredo da vida - aquela vida que nos dá consciência, pois, sem consciência, cada um de nós é nada. Através da ciência, criarei nova vida e mantereí a minha própria. Não existe razão pela qual Darth Plagueis não possa viver para sempre.

Não compartilho do entusiasmo do meu antigo Mestre por processos. Importo-me apenas com resultados.



Influenciando os Midi-Chlorians

A Força é encontrada em todo o universo, não apenas em coisas vivas. Tudo na existência que se baseia nos vários aspectos da energia que chamamos de Força pode ser classificado em três categorias:

O aperion inclui e reúne toda a matéria, dando-lhe forma e coesão. Entre os aspectos do aperion estão a gravidade e o eletromagnetismo - ainda que o termo englobe tudo tanto no espaço quanto no tempo. Muitas das habilidades entendidas como pertencentes à Força Unificadora estão atreladas ao aperion.

O anima dá vida - mas não pensamento - a animais, plantas e outros seres vivos.

Os Midi-chlorians são responsáveis por induzir e manter o anima em quase todas as espécies. Muitas das habilidades da Força Viva estão atreladas ao anima.

O pneuma é a expressão do pensamento consciente. Mentes pensantes e autoconscientes contribuem para o pneuma coletivo, que é acessado por muitas espécies telepáticas por natureza, bem como pelos vários truques mentais dos Jedi e dos Sith.

ANEXO G1- CONCENTRANDO A FORÇA.²⁶³Concentrando a Força

Minhas experiências provaram que midi-chlorians podem ser controlados. Se isso é verdade, então não poderiam também ser induzidos a criar vida em nível unicelular? Midi-chlorians nas células de uma mãe poderiam, em teoria, ser persuadidos a criar um zigoto.

Para ter consistência nos testes, obtive centenas de humanoídes idênticos, todos com um nível consistente de midi-chlorians. Depois de muita experimentação, obtive êxito em incitar os midi-chlorians a se replicarem através de fissão assexuada. No entanto, na maioria dos casos, esse processo aumentou os números de modo descontrolado e matou o hospedeiro.

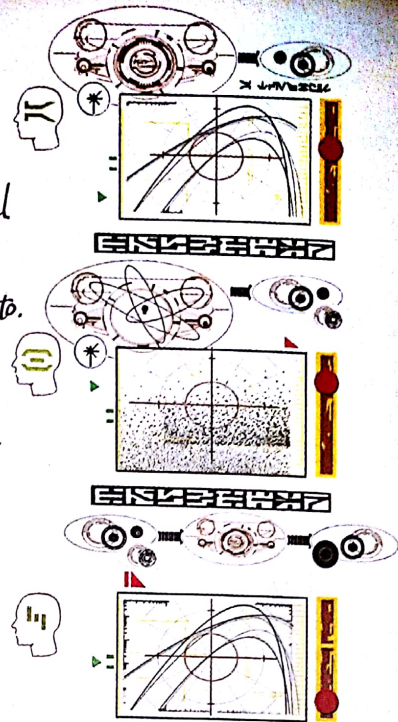
Mas acredito que, utilizando esse método, posso enganar os midi-chlorians para criar um zigoto. Seria, então, uma simples questão de desenvolver o indivíduo em condições biológicas normais. Claro que ele poderia levar anos para atingir os marcos de desenvolvimento de um humanoíde típico, mas poderia ter uma contagem alta de midi-chlorians de até 20.000 por célula. Isso é mais do que qualquer Jedi ou Sith na história registrada. Ainda que seja apenas teoria, tal conquista é intrigante.

Se uma vida nova pode ser criada onde não existia antes, os vivos poderiam sustentar seus corpos por tempo indeterminado. A ciência me conduziu a tais conclusões, mas esses segredos ainda devem ser guardados com extremo cuidado. Por enquanto, permanece apenas teoria.

NÃO CONSIGO EVITAR SENTIR UM ARREPIO AO LER ESSA DESCRIÇÃO DE
PLAGUEIS, SABENDO QUE MEU PAI ERA CONHECIDO POR SUA ALTA CONTAGEM DE
MIDI-CHLORIANS, SUPOSTAMENTE MAIS ALTA ATÉ QUE A DE YODA.

134

-LUKE



Millhares de sujeitos foram classificados e descartados durante os testes biológicos. Uma pena eu não ter podido usar mais, já que isso tornaria os dados mais conclusivos.

²⁶³ Extraído de: WALLACE, 2014, p. 134-136.

A Filosofia da Vida

Os segredos da imortalidade não são para seres comuns. Se todos conhecessem essas verdades, isso abalaria a estrutura da civilização. Não desejo viver em uma galáxia onde qualquer tolo pode perpetuar sua ignorância pela eternidade.

A vida não é mística. Como gás Tibanna ou cristais nova, a vida é um recurso a ser explorado. Ela é única no sentido de que aqueles que a possuem a consideram inestimável; todavia, no conjunto, ela é tão comum que, em termos funcionais, é sem valor. Bilhões de seres chegam à existência todos os dias e outros bilhões morrem. Devemos preservar apenas aqueles que fazem avanços nos nossos objetivos ou cujo trabalho é complementar ao nosso. Sob meu Grande Plano, essa lista incluirá aprendizes, pesquisadores e executivos corporativos que adoram crédito.

Mas a todos os outros seres deve ser permitido morrer. Eu não tomaria o controle de um airspeeder em direção a um gundark nem deixarei as massas sem conhecimento encarregadas de questões que importam. Eles estão muito contentes com suas breves vidas. Não saberiam o que fazer com o dom do tempo sem fim.

A imortalidade abre uma nova tática para o Grande Plano. Não preciso mais me preparar para a sucessão da Ordem Sith após a minha morte.

Esquemas políticos e financeiros iniciados hoje podem levar, com certeza, décadas ou até séculos para se concretizar. Tais jogadas sutis são ideais para o Grande Mestre cuja paciência é infinita.

Uma pena. O conto de Darth Plagueis, o Sábio, se tornou uma tragédia. Parece que sustentar a vida não era o mesmo que se proteger de ferimentos. Ou de um acidente.



DURANTE A BATALHA DE MINDORI
ENCAREI A REALIDADE
DE QUE TUDO
NESSE UNIVERSO
PERECE EM
ALGUM MOMENTO.
NINGUÉM QUER MORRER.
MAS ESSA OBSESSÃO EM
PROLONGAR A VIDA
É EGÓISTA. TODOS NÓS
TEMOS NOSSO TEMPO.
NADA DE BOM
ADVÉM DE TENTAR
BURLAR ISSO.

-LUKE

Novas Explorações na Força

Meu trabalho com midi-chlorians está enraizado no que a tradição costuma considerar a Força viva, ou aquelas energias ligadas ao anima e ao pneuma. A Força unificadora, ou aperiion, não é necessária especificamente para a criação e a manipulação da vida, mas os midi-chlorians a canalizam de qualquer maneira. Enquanto olho para a Força sob uma nova luz, encontrei novas aplicações para esses estados onipresentes.

O aperiion controla a coesão da matéria, dos átomos de um seixo a todos os planetas e gravidades do universo. Ele inclui a dimensão do tempo. Através do aperiion, o espaço-tempo pode ser manipulado em grande escala - isso se um usuário canalizar energia suficiente através de seu conjunto de midi-chlorians enquanto mantém o foco e a precisão.

Acredito que um indivíduo poderia, em um instante, ir de um lugar a outro dobrando o espaço, não importando a distância. De modo similar, alguém poderia ser capaz de dobrar o tempo - não para deslocar um objeto físico temporariamente, mas para deslocar a consciência de alguém durante o fluir do tempo. Isso permitiria estudar todo o conhecimento através da história, mesmo os segredos gravados na Biblioteca de Silversisi, há muito tempo perdida.

SE ESSAS HABILIDADES SÃO POSSÍVEIS, ESTÃO ALÉM DAS
MINHAS CAPACIDADES. OUVI QUE OS MONGES A-ING-TII PODEM
TER A HABILIDADE DE DOBRAR O ESPAÇO.

-LUKE